

militia

A NO III
JULHO/AGOSTO

N.º 17
— 1950



SUMÁRIO

NOSSA CAPA — Monumento aos heróis de 1932

EDITORIAL — 3

DIVERSOS

Árvore genealógica do gen. Marcondes Salgado — Bueno Azevedo Filho	6
Curiosidades Filológicas — prof. Silveira Bueno	11
Armistício... — Olimpio Rodrigues Coelho	13
A minha capa de estudante — T. Vieira dos Santos	18
Ligeiras impressões do Velho Mundo — maj. Arrison de Sousa Ferraz	19
Valor da Datiloscopia nas investigações policiais — ten. A. Bonfim dos Santos	28
Proteção contra asfixia — "The Fire Chief's Handbook"	31
Bilhetes a um aspirante — ten. cel. Augusto C. C. Muniz Aragão	34
Dois cavalinhos sem importância — Osvaldo Porchat	35
Vigilância organizada e eficaz — transcrito da "Folha da Manhã"	43
História vulgar — ten. Félix B. Morgado	44
Estudo para a determinação do Q. A. — maj. Rubens Teixeira Branco	47
Unidade brasileira — ten. cel. Luiz Tenório de Brito	54
São Francisco, região do futuro — cel. Bath Rosas	56
Passado e glórias da Força Pública — C. D'Agostino	59
Coisas da Força Pública — cel. Anchieta Torres	67
O processo da contravenção penal na prevenção do crime — Osório Pereira Cavalcanti	73
Cellula-Mater — ten. Ari J. Mercadante	81
As dez maneiras de matar esta revista	84
"Mantiens le Droit!" — cap. Rodolfo Assunção	85

NOTICIÁRIO

Reverenciados os mortos de 32, pela Força Pública	8
Polícia Militar de Santa Catarina	70
Declaração de aspirantes, no C.F.A.	95
Homenageado o cap. Alfredo Marchetti	102
Batalhão Policial — ten. Antonio Silva	105
Eleito o gen. Estillac Leal	118
Nossos representantes	130

NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS

Ceará	120
Espírito Santo	120
Minas Gerais	121
Paraná	121
Rio de Janeiro	121

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Torneio de inverno	122
Hipismo	128

EDITORIAL

A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA permanecerá, indelével, nas páginas da nossa história, assinalando um período de brilhantes feitos para concretização de alevantado ideal.

Antes de 1930, um movimento de forte cunho renovador percorreu o Brasil, reunindo os espíritos esclarecidos, em tórno de princípios liberais. dignificadores do homem. Apregoava-se, mercê de sua adopção, um marcante avanço do país, rumo à modernas conquistas político-sociais. Sob tais diretrizes, marcharia a Nação Brasileira na vanguarda, a par dos povos mais adiantados.

Vitoriosa a REVOLUÇÃO de OUTUBRO de 1930, mudaram-se os homens do govérno, operando-se uma completa renovação da vida político-social.

Entretanto, apenas instalado, o Govérno Provisório, divorciando-se dos postulados amplamente defendidos pela corrente que lhe assegurou a vitória, implantou no país o regime da ditadura. Frustrados os ideais invocados pela Revolução e ilaqueado o povo brasileiro, um pugilo de patriotas conscientes profligou o desvirtuamento da campanha civico-liberal que, levantando todo o Brasil, o entregara aos que se propunham realizar os sãos princípios democráticos.

Dia a dia se avoluma o número dos opositores à Ditadura. E já se esboça um movimento onde, almas sensíveis aos anseios do povo

e espíritos firmes na conquista de ideais, emergem do anonimato, quais líderes da vontade coletiva.

Desprendidos, numa ação de rara beleza moral, aglutinaram-se, fortaleceram-se e lançaram-se ao movimento consagrador da vitória da Democracia, desfazendo as nuvens ditatoriais que encobriam os horizontes pátrios.

A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA, de fato, não triunfou pelas armas, não obstante os rasgos heróicos de impertérritos defensores, regando com sangue e suor a terra de PIRATININGA, mas venceu e dominou pela força do seu espírito, iluminando a consciência cívica nacional, na objetivação do regime aspirado.

Autêntica revolução se caracterizou pelas coordenadas de protesto e reforma.

Protesto pela sufocação da vontade do povo brasileiro, impondo-se-lhe um governo pessoal e autoritário, ao invés de um regime democrático e popular.

Reforma, pelo estabelecimento de novas diretrizes no campo político, econômico e social, consubstanciadas na Carta Magna de 1934.

Salve, pois, a REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA que, naquele instante histórico, exigindo a Carta Magna, foi autêntico "desideratum" do Brasil, cujo coração só palpita isocronamente, com os ditames dignificadores da natureza humana, incompatíveis, portanto, com imposição e totalitarismo.



Material FOTOGRAFICO e CINEMATOGRAFICO



Câmeras Box Câmeras Anso Câmeras miniatura



Aparelhos Graflex Filmes Anso Fotômetros



Tripés Papéis fotogr. Ampliadores



Binóculos Filmadores 8, 16 e 35mm Projetores



Projetores sonoros 16mm Projetores fixos Telas Radiant



Geradores Filmes impressos Filme ralo X

DEPARTAMENTO CINE-FOTO
SECÇÃO ATACADO

MESBLA

RUA 24 DE MAIO, 141

CONDIÇÕES
ESPECIAIS
PARA
REVENDEDORES

ARVORE GENEALÓGICA
DO
General Júlio Marcondes Salgado

Vitoriano Clementino Salgado

Francisco José Clementino

Dona Ana Francisca Rodrigues Salgado

Capitão Antônio Marcondes do Amaral, o velho

Dionísio Marcondes
Dona Maria Vieira

Capitão Antônio Vieira da Mata

Dona Maria Cardoso Cabral

Garcia Rodrigues Moniz

D^a. Catarina de Unhate

Carlos Cardoso Cabral

Dona Marta de Miranda

João Mendes do Prado

André Mendes da Costa

Dona Francisca Corrêa da Silva

Dona Ana de Freitas

Dona Ascença Ribeiro

Dona Maria Madalena de Jesus Corrêa Cabral

Agostinho Marcondes do Amaral

Alexandre Marcondes do Amaral

Luiz Gonzaga Marcondes

Dona Ana Eufrosina Marcondes do Amaral Salgado

Dona Ana Isabel da Conceição de Andrade

Dona Carolina Corrêa

Alferezes Antônio Joaquim de Oliveira
Dona Maria

Dona Maria Justina de Alvaranga

Árvore Genealógica do

General Júlio Marcondes Salgado

ESCLARECIMENTO NECESSÁRIO

Ao publicar, de novo, na página ao lado, a árvore genealógica do gen. Júlio Marcondes Salgado, — já inserta no número 11 (julho-agosto de 1949), com algumas incorreções, e sem a designação do seu autor, — procuramos corrigir um cochilo da Redação. O autor do trabalho em apreço é o dr. BUENO DE AZEVEDO FILHO, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, nôsso ilustre confrade e precioso colaborador.

Pretendemos, com esta pequena nota, fazer justiça ao autor, a quem consignamos o nosso pedido de desculpas pelo lapso referido.



NÓBREGA & CIA LTDA.

ALFAIATARIA CIVIL E MILITAR

CONFECÇÕES SOB MEDIDA PARA CIVIS, MILITARES E COLEGIAIS

ESPECIALIZADA EM FARDAMENTOS

RUA SÃO BENTO, 520

SOBRE-LOJA — SALAS 3, 4 e 7

TELEFONE 2-5573

★
SÃO PAULO

Reverenciados

OS



MORTOS DE 32

pela Fôrça Pública



Frente ao túmulo-monumento de Marcondes Salgado, falam o cap. Milton M. Oliveira, pela Fôrça Pública, e uma senhora do povo.

A Fôrça Pública, como nos anos anteriores, não deixou de reverenciar a memória dos heróis paulistas que lutaram e se sacrificaram pela Liberdade, no mais belo movimento dos últimos tempos de nossa história.

Na manhã de 9 de julho numerosa multidão já se achava no cemitério «São Paulo», ansiosa por se associar às homenagens, num preito de saudade aos seus mortos.

As 9 horas, foi rezada missa solene, na capela do cemitério, tendo



O túmulo do gen. Marcondes Salgado, literalmente coberto de flôres naturais e com a guarda de alunos de nossa Escola de Oficiais.



Na capela do cemitério "São Paulo", altas patentes da nossa Milícia assistem ao ofício religioso.

a Banda de Clarins da Fôrça tocado, em seguida, junto ao túmulo de Marcondes Salgado, o «Hino aos Mortos», ouvido silenciosa e comovidamente pelo povo.

Estavam presentes autoridades ou representantes destas. O túmulo do gen. Salgado estava enquadrado por alunos do nosso Curso de Formação de Oficiais e totalmente coberto de flôres naturais. Logo mais esta guarda foi revezada com elementos do Regimento de Cavalaria, disputando todos a honraria de guardar os túmulos dos nossos heróis.

Em nome da Fôrça Pública falou o cap. Milton Marques de Oli-

veira, seguido pelo prof. Antenor Romano Barreto, que o fêz pelo Clube Piratininga.

Tomou a palavra, a seguir, uma senhora do povo, que fêz os presentes vibrarem com seu comovido discurso. Falou ainda o sr. Edu Teixeira de Mendonça, orador do Centro Acadêmico «XI de Agosto» que, fazendo profissão de fé democrática, produziu magnífica oração.

Além dos aspectos contidos neste noticiário apresentamos ainda, na contra-capla dêste número diversas objetivas do fato aqui focalizado.

Curiosidades Filológicas

Prof. Silveira Bueno
Ilustração: Al. of. Irai Catalano

MILICIANOS E PAISANOS

Chamavam os Romanos *pagus* à aldeia, à pequena cidade do interior, cujos habitantes eram, por isso mesmo, *pagani*. Os homens de armas, os *militēs* que pertenciam à *militia*, acantonados nos grandes quartéis denominados *castra*, não viam com bons olhos a esses *pagani*, gente comodista, que vivendo nas aldeias, nos *pagi*, fugiam aos deveres da guerra. Brevemente, entre os dois grupos se estabeleceu a mais funda antagonia, decorrendo daí mútua antipatia. O termo *paganus* que poderia ser traduzido hoje por *caipira*, *homem do interior*, *roceiro*, passou a ser sinônimo de *covarde*, *poltrão*, *medroso da vida militar*. Quando veio o Cristianismo, esta

nomenclatura foi adotada: *militia* era também o conjunto dos fiéis, que combatiam a grande guerra da fé, contra a religião dos deuses romanos. Os cristãos eram considerados por isto mesmo *militēs* dessa grande e nova *militia*. Os *pagani* que já eram antipatizados por se furtarem aos deveres militares, tiveram a sua antipatia aumentada porque também agora se recusavam a alistar-se na *militia* da fé, *covardes* mais uma vez. A covardia do momento não era mais aquela antiga, militar, por assim dizer, mas religiosa, espiritual. E o nome *paganus* passou então a designar esse acovardado da religião, isto é, o *pagão*. Desde este momento em que a Igreja revestiu esta palavra desta nova significação, decorrente da antiga, foi necessário criar outro termo para designar o morador do *pagus*, da *aldeia*. Fêz-se então *pagense* e deste *pagense* derivaram-se *paese*, em italiano; *pays*, em francês; *paez* em castelhano antigo e *pais* em português. Do novo termo fêz-se um adjetivo: *paesano*. Aquele velha antipatia existente entre os *militēs* e os *pagani*, ressurgiu novamente entre *militares* e *paisanos*, tomado agora o termo como sinônimo de *civis*. Eis como a história das palavras acompanha e esclarece a história dos fatos. Poderia alguém pensar que esta antipatia fôsse questão moderna e tivesse outra origem, quando



é mais antiga que o Cristianismo e, apesar da fraternidade pregada pela nova religião; apesar das transformações por

que passou o vocábulo, não desapareceu e continua até hoje entre a *farda* e o *paletó saco*.

LARÁPIO

Publicou "*Militia*", num dos seus números passados; a etimologia desta palavra, que se encontra no "*Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*" de Antenor Nascentes: que *larápio* provinha do nome do pretor romano *Lucius Antonius Rufus Appius*, cuja assinatura era apenas: *L. A. R. Appius*. Porque era muito ladrão, a assinatura passou a ser sinônimo de tal: *larappius*, *larápio*. Nascentes copiou esta etimologia das "*Frases e Curiosidades Latinas*" de Artur Resende. Tudo isto, porém, não tem o menor fundamento e entra para o rol daquelas etimologias a que costume dar o nome de "etimologias de almanaque". Como então se explica o termo? O linguista alemão Leo Spitzer já o explicou

num dos números da revista "România". Decompõe-se a palavra em: *larapio*; a primeira parte não necessita de explicação. Mas a segunda é pouco conhecida: é o mesmo sufixo que se encontra em *farrapo* e *fiapo*. É um sufixo ibérico, não latino, com as duas variantes: *apio*, *apo*. Como de origem ibérica, não poderia existir em Roma. Existe a variante *laracho* que é da gíria lisboeta e significa aquele que anda fora de casa, na malandragem, de vez em quando, furtando e roubando para viver. *Larápio* e *laracho*, e também *laracha* são variantes da mesma palavra e possuem a mesma significação. Nada tem, portanto, que ver com o tal pretor de Roma cuja existência é desconhecida.

ÁGUA DE MILÍCIA por ÁGUA DE MELISSA

Melissa e também *melit-fa* são variantes da mesma palavra grega que quer dizer, *abelha*. Deu-se o nome de *melissa* a uma planta medicinal, calmante, da qual se faz a famosa *água de melissa*. O povo, que não tem muito bom ouvido, trocou as *bolas* e confundiu *militia*,



(latim), *milícia*, (português) com *melissa* e passou a dizer que para desmaios, aflições, é muito bom tomar *água de "milícia"*... Será mesmo? Os srs. que são da *Milícia*; que respondam. Em outros lugares ainda surgiu outra variante: *água de malícia*; esta ainda é pior do que a anterior, não acham os leitores?

ARMISTÍCIO...

Fim de um Diário de Campanha

Olympio Rodrigues Coelho

Ilustração de Elmano Henrique

O doloroso epílogo da luta que São Paulo vinha sustentando contra a Ditadura surpreendeu-nos, a mim e outros companheiros feridos, naquela fria e tenebrosa noite de 29 de Setembro de 1932.

Rolando penosamente na avalanche da guerra, chegávamos à Estação da Luz pelo trem sanitário da Frente Norte (Leste).

Até ali, não obstante os horríveis traumatismos que nos invalidavam, a uns temporariamente e a outros para todo o sempre, a esperança que depositávamos no triunfo das nossas armas não nos havia abandonado, muito embora estivéssemos cientes da nossa inferioridade material.

Doía-nos aquela situação de feridos de guerra, na contingência de sim ples tardos humanos, sobrecarregados o trabalho dos padioleiros.

E era de comover a atitude de alguns daqueles bravos, revelada através de palavras varonís.

De um dêles, cujo braço direito havia sido esfacelado pela explosão prematura de uma granada de mão, ouvi "Eu ainda não estou de todo im-restável. Com o braço esquerdo ainda posso arremessar outras granadas"!

Eis porque a notícia do armistício, atirada sêcamente aos nossos ouvidos, no momento em que nos removiam do

vagão para as ambulâncias, produziu o efeito desastroso de um raio que houvesse caído sôbre nós. Custava-nos admitir que a luta tenazmente sustentada por Piratininga, tivesse um desfêcho tão desagradável.

Entretanto, era o fim. A nossa boa vontade naquela emergência não tinha o condão de desviar o curso dos acontecimentos, e estes se processavam com tal rapidez que nos enciam de pasmo e, mesmo de indignação.

Cuidadosamente colocados no bojo das ambulâncias, rolámos resignadamente para os diferentes hospitais da Capital, onde muitos dos nossos continuariam ainda por longas semanas na sua dolorosa "via crucis".

Quando os clarões dos disparos iluminaram pela derradeira vez, naquelas frias noites dos últimos dias de Setembro, os chapadões do Rio das Almas e as alcandoradas encostas da Mantiqueira, teve-se a impressão de que os dirijentes da nossa guerra haviam perdido o contacto com a situação real das nossas frentes de combate.

Aos primeiros rumores de armistício, não houve uma voz imperiosa e enérgica que se levantasse do seio do Quartel General e impusesse a estita observância das normas de guerra. Muitos pretenderam negociar "sponte sua", o armistício, em Cruzeirc, com os emis-

sários do general Góes Monteiro. Outros abriam precipitadamente os portões do edifício da Imigração, dando liberdade a uma chusma de prisioneiros que, exercitando-se ao depois em correrias e conflitos, puseram em sobresalto a população da Capital.

Retribuíam assim, aqueles vândalos, o humanitário tratamento que lhes havíamos dispensado.

Não se cogitou de esperar pelo resultado das tão malfadadas negociações guardando as posições ocupadas.

Os boatos da iminente cessação da luta, entrecortados pelas desagradáveis notícias do bombardeio de Campinas, avolumadas as apreensões pelo espoucar da artilharia inimiga a dois passos do Taquaral, desarticularam completamente as nossas linhas.

Qual teria sido a causa dos nossos insucessos no setor, de Amparo?

Teria ali solapado a tropa constitucionalista, conforme querem crêr alguns, a mais ignobil das traições?

Chegou-se a fazer severas críticas à nossa Fôrça Pública, que tanto lutou.

Não endosso tão estulta quão graciosa injustiça. Tive contacto com officiais e soldados dessa valorosa milícia, quando foi da minha permanência no agitado sub-setor de Pinheiros. Vi-os atuando nos espaldões das trincheiras, ao lado dos batalhões de voluntários e das tropas regulares do Exército. Operaram prodígios de valor, nas intermináveis e frias noites de Agosto, sob implacáveis chuvaradas, fustigados pelo enregelante vento que soprava das bandas do Sul.

Não podemos, pois, cerrar fileiras ao lado dos que fazem censuras à milícia Estadual.

A imagem da morte que arrebatou heróicos companheiros da Fôrça ainda

está muito viva na minha retina e trairia a sua memória se não deixasse aqui consignado meu veemente protesto contra tão injusto alevê.

Quando o inimigo transpôs Eleutério, e deois da ocupação de Itapira marchou em direção de Amparo, tinha-se a certeza de que esta cidade facilmente podia cair em suas mãos.

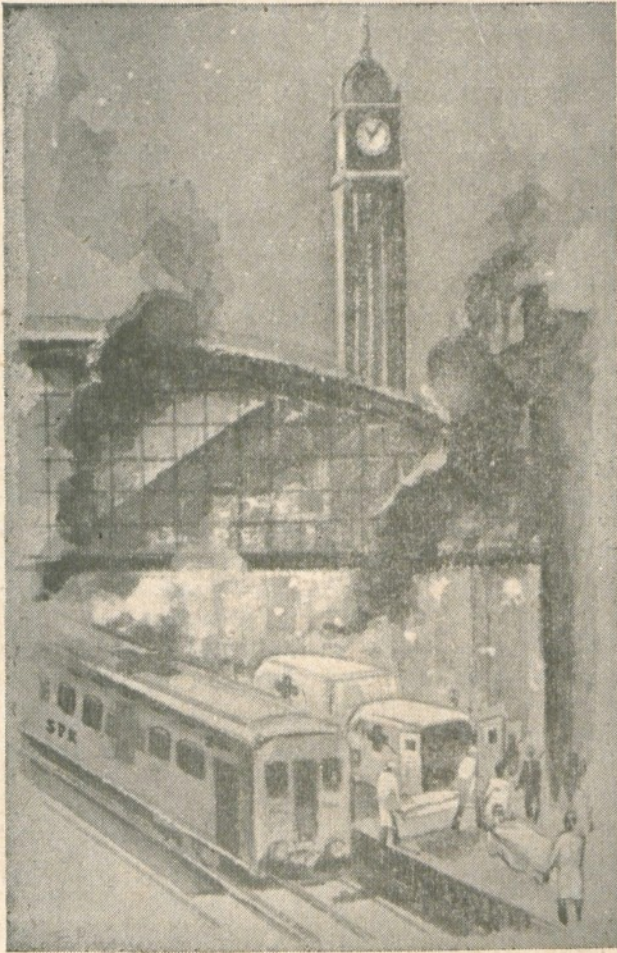
Circundam-na em todos os quadrantes uma linha de cumiadas que, devidamente guarnecidas, dir-se-ia inexpugnáveis.

Sôbre a estrada de Pantaleão, na altura da Fazenda Cachoeira, poderia ser estendida a principal linha de resistência com o flanco esquerdo apoiado aos contrafortes a cavaleiro da estação ferroviária e o direito na mataria da Fazenda Cascata.

Entretanto, quase nada foi feito para aproveitar a admirável textura topográfica do terreno. Apenas um ou outro soldado se deu ao trabalho de escavar, aqui e acolá, ligeiras covas, com a ABA dos capacetes de aço.

Recalcadas as nossas patrulhas sôbre o flanco esquerdo na direção da Fazenda Modelo, tiroteando o inimigo desabusadamente pelos cafezais do direito e irrompendo de repente em hordas aplastantes pelas invernadas da Fazenda Galvão Bueno, não restou ao nosso frágil dispositivo possibilidade de resistência.

O estouro de pesados obuses que, arremessados a queima-bucha, alcançaram a estação ferroviária de Amparo, precipitaram a retirada que se fêz desordenadamente na direção de Bragança, Itatiba e Jaguarí. Procurando corrigir serôdiamente o êrro do abandono da cidade do Camandocaia, tentaram os



"Rolando pensosamente na avalanche da guerra, chegávamos à Estação da Luz, pelo trem sanitário da Frente Norte".

nossos uma contra-ofensiva, visando a retomada da praça.

Foi-lhes, porém, funesta a empreitada, porquanto, envolvidos no Morro das Pedras, estrada de Morumgaba, e obrigados a capitular lá se foi uma centena dos nossos aumentar o número de prisioneiros na Ilha Grande. Era dessa forma que se combatia, já nos

meios de Setembro, quando nos abeirávamos do terceiro mês de guerra.

Muitos fazem carga de responsabilidade, nos nossos insucessos militares, à má fabricação de material de guerra. Foram encontradas, disseram, granadas de mão cuja carga era composta de purpura e grafite.

Evidenciava-se a existência de sabotagem na retaguarda, onde um rigo-

roso serviço de vigilância ainda não se havia feito sentir, punido impudentes defraudadores e agentes do inimigo.

Contaram-nos que, muitas vezes, nossos soldados nas primeiras linhas mordiam os lábios raivosamente ao arremessar granadas de mão que não explodiam!

A munição para fuzil, escassíssima, mal dava para uma distribuição em doses homeopáticas. Batalhões inteiros ficavam à mercê da duvidosa eficiência das granadas de mão. A pouca combatividade dos constitucionistas na frente mineira tinha a sua razão de ser. Nossos soldados não podiam estar ali espetacularmente transformados em simples aglomerados de "chair a canon" expostos à voracidade dos petardos ditatoriais.

A grandiosidade da Epopéia Constitucionalista, onde o espírito de paulistanidade chegou ao auge, sem manifestações nefastas de separatismo, conforme assoalhavam os inimigos de nossa Terra, mostrou ao Brasil inteiro as nossas reservas morais.

Abandonados pelos amigos de véspera, de Minas e do Rio Grande, que nos "hipotecaram" todo o seu apôio e solidariedade, arcámos sòzinhos com todo o pêso da luta, reeditando em arrojado e heroísmo, através das façanhas dos "Capacetes de Aço", a arrancada heróica das bandeiras.

Não importa tenhamos sido vencidos no terreno material do combate. Se buscamos a guerra, foi apenas como meio para alcançar o retórno ao império da Lei e da Justiça.

O Paulista, menoscabado na sua boa fé e traído na sua ingenuidade reagiu com as armas que estavam ao seu alcance e, ao ceder no terreno ma-

terial, não suplicou clemência ao arrogante vencedor. Suportou com nobreza as suas vicissitudes até o último momento.

Emudeceu em tôdas as frentes o troar dos canhões.

Já não mais "taatalan" as metralhadoras, espargindo minúsculos pedacinhos de aço semeadores da morte.

Os bravos que tantas vezes em um sem número de combates jogaram nobre e arrojadamente a vida, voltaram aos seus lares.

E hoje, quem palmilhar os descampados do Sul ou penetrar nos sombrios grotões da Mantiqueira, encontrará, a cada passo, fincadas no solo generoso e sagrado de Piratininga, solenes na sua simplicidade e grandeza, invocando o sublime sacrificio dos nossos, toscas cruces de madeira de braços abertos para a Eternidade!

O caminhante erradio, ao topar com aqueles sagrados símbolos da fé, prostrar-se-á, genuflexo, murmurando contrito: — "O Senhor Todo Poderoso! Vós que tendes o dom de conceder o tributo de vossas graças e de espargir o bálsamo dulcíssimo do vosso coração, não vos esqueçais dos mortos da nossa guerra! O herói que aqui repousa morreu combatendo em defesa dos brios e da dignidade de São Paulo!"

Após ligeira estada na Santa Casa da Capital, em virtude de interferência de algumas bondosas criaturas, dentre as quais declino os nomes da distintíssima esposa do sr. Consul da França, Madame Gaston Dubedout e do preclaro e humanitário cirurgião dr. Arthur Zaponi, transportaram-me para o Hospital do "Circolo Italiani Uniti" nesta heróica e leal cidade de Campinas, onde ainda me encontro.

Entregue à solicitude e à competência do eminente facultativo Dr. Gatti, tenho experimentado sensíveis melhoras.

Já comecei a ensaiar os primeiros passos arrimado a um par de muletas e, creio, a julgar pelo progresso da cicatrização do ferimento e o valor das massagens aplicadas, poderei caminhar livremente dentro de pouco tempo.

E, se um dia, com a saúde física reintegrada na sua plenitude, puder

novamente prestar o meu insignificante concurso em defesa dos direitos de São Paulo de Piratininga, lá estarei ao lado dos heróicos chefes, no posto que a sua confiança me indicar.

POR SÃO PAULO E PELA CONSTITUIÇÃO!

Em Campinas, no Hospital do "Círculo Italiani Uniti".

Dia 14 de Novembro de 1932".

Eis aqui-Yandi



nutritiva
polpa de
amendoim

faz maravilhas
em todas as
cozinhas!



YANDÍ é a massa pura do amendoim selecionado, cuidadosamente torrado, descascado e moído, conservando todas as propriedades vitamínicas do amendoim natural. Consistente e macia, é um patê de primeira, sempre fresco, saboroso e nutritivo. Especial para sanduíches, canapés, molhos, bolinhos, pãesinhos, sorvetes e muitas outras delícias!

Polpa de
Amendoim
Yandi

Em latas de 250 e 500 gramas, à venda em toda parte

Um Produto I. R. F. M.



À minha capa de Estudante

T. Vieira dos Santos

*De moças belas, trêfega, atraíste
doces olhares, cheios de frescura.
Tempos heróicos... Tempos de ventura,
em que tu minhas glórias compartiste...*

*Também, em muita noite fria e triste,
com desgarre e solícita ternura,
uma dedicação fraternal, pura,
em bondoso aconchego me exprimiste.*

*Flutuaste, audaz, ao sópro das volatas,
que à chorosa guitarra, em serenatas,
arranquei nas estúrdias imortais.*

*Agora a um canto estás. Destino injusto!
Mas sempre te hei-de amar, símbolo augusto
de um claro Amanhecer que não luz mais.*

LIGEIRAS IMPRESSÕES

DO VELHO MUNDO

Maj. Artisson de Souza Ferraz

- II -

PARIS - A MARAVILHA DA EUROPA

Paris ainda é a maravilha da Europa. A bota do invasor pisou as suas artérias, profanou as suas relíquias, ofuscou a majestade de seus monumentos, mas não conseguiu matar a alma de sua população. O parisiense suportou a dolorosa provação de ânimo forte, na certeza de que o intruso seria banido da «cidade-luz», ao som de clarinadas triunfais, de mistura com as notas comoventes da Marselheza. Não há calvário sem ressurreição.

É uma cidade opulenta, traçada com arte e estética povoada de extensas avenidas, extensos boulevards, ruas amplas e pavimentadas. Jardins em profusão, caprichosa arborização, grandes parques e o marulho das águas do Sena beijando suas avenidas, completam o encanto da cidade que ostenta ainda, por direito e justiça, o alto galardão de capital da Europa. Paris ainda é o maior centro de atração do velho Mundo. Ali se mesclam os



PARIS — Torre Eiffel e Bassin de Chaillot

Encontramos Paris já refeita do Pesadêlo de quase um lustro, em plena fase de recuperação, ativa, laboriosa, palpitante, cheia de atração.

mais variados tipos, desde o nababo indiano, ao latino da América, do africano de tez escura, ao europeu do norte, do australiano

ao francês colonial, todos atraídos pelas fascinações e pelo prestígio da antiga côrte do Rei-Sol. Paris tem aspectos curiosos. Vemos em suas avenidas movimentadas o camelot fazer de um caixão de madeira tribuna e atrair a atenção dos transeuntes para suas especiarias; um camponês, com trajes característicos, acompanhado de uma jovem provinciana, também vestida a caráter, encanta a multidão, com uma sanfona, em pleno boulevard dos Capucines, em troca de alguns francos que são lançados em profusão nos seus chapéus. É uma cidade boémia e uma cidade aristocrática. Suas vitrines, seus armários, as famosas casas Burma, a Galeria Lafayette são notáveis pela disposição e arte.

É relativamente suave o custo de vida em Paris. Uma refeição em restaurante central, como o Rally, não vai além de 500 francos que correspondem a pouco mais de trinta cruzeiros em moeda brasileira. O povo é fidalgo e acolhedor, despido de qualquer preconceito. Traja com decência e com apuro, talvez para não mentir a tradição de que sua cidade é a rainha da moda. Nos domínios da arquitetura, Paris apresenta peculiaridades de grande monta. No centro da cidade, vemos quarteirões e quarteirões, com a mesma fisionomia, com seis andares, o mesmo número de portas e janelas, o mesmo estilo, a mesma pintura e a mesma côr. Tem-se a impressão de que todos aqueles edifícios, centenas, milhares, pertencem a um só proprietário e foram construídos por um mesmo engenheiro.

Dentre os edifícios mais notáveis convém destacar a velha Opera, na

praça do mesmo nome, de construção vetusta, em estilo imponente, com suas escadas de mármore, seus ângulos suntuosos; o famosíssimo e belo Eliseo, nos Campos Eliseos, em uma avenida que é um verdadeiro e fascinante jardim. Os vários palácios contíguos que o formam e que servem da sede presidencial e dos ministérios, foram outrora o Louvre e as Tulherias, residência e sede da antiga realza; construíram-nos os gênios renascentistas de Felisberto Delorme e Pedro Lescot. Edificados há várias centenas de anos, há cinco séculos precisamente, sem passar por transformação alguma, conservam ainda a graça e encanto da arte gaulesa daquelas eras recuadas. O conjunto é uma verdadeira cidade, no coração da cidade. Contemplamos o Louvre e as Tulherias, com admiração e com enlêvo. Enquanto o nosso olhar passava em revista aos diferentes vértices daquele maravilhoso conjunto arquitetônico, fechado em quadrilátero, pelo nosso pensamento passavam as figuras de Maria e Catarina de Médicis, da formosa e famosa Margarida de Borgonha, Pompadour, Maria Antonieta e outras princesas que rendilharam de cenas românticas e aventurosas, na sua maioria vivida ali naqueles palácios, a história da nação gaulesa, os vultos ilustres da realza de França, como Carlos IX, o criador de uma das primeiras Academias de Mestres D'Armas do mundo, Henrique II, o notável justador, a famosa dinastia dos Luiz, com o príncipe que deu seu nome a um século, e o grande São Luiz, filho de Branca de Castela, um dos mais notáveis praticantes da educação física de seu tempo. Avultam, ainda, em Paris, como relíquias de um pas-

sado fulgurante, como marços impecáveis da arte renascentista, os castelos de Blois, Chanonceaux, Chambord e Fontainebleau.

Em pleno coração dos Campos Eliseos está o Arco do Triunfo, por onde passavam outrora os guerreiros vitoriosos, os gênios militares da França, que Brantome immortalizou em sua notável «Vida dos Grandes Capitães». Por sob as arcadas desse monumento está o túmulo do Soldado Desconhecido, em cuja lousa vemos gravada está inscrição de Hervé Surené: «O Glorioso soldado desconhecido, apóstolo da liberdade, símbolo do sacrificio, exalta nosso fervor de paz». Uma chama votiva, ante os olhos piedosos de uma multidão em continua romaria, arde perenemente, no Arco do Triunfo, glorificando o soldado humilde que quase sempre morre anônimo, pela pátria e pela liberdade. Ctrôas com legenda estão sempre ornamentando aquele glorioso nauusoléu.

Subimos à Torre Eiffel, gigantesco monumento de ferro e aço, que se projeta pelas eminências, desafiando as alturas. É um dos passeios mais populares de Paris. Foi a única vez que entramos numa fila na cidade de Richelieu, e também em toda a Europa. Nosso orgulho de brasileiro comandou-nos essa visita àquele lugar histórico de onde Santos Dumont bateu asas para a glória. É grande a Torre Eiffel, como a genialidade do mortal compatriota, filho das montanhas alterosas de Minas Gerais. De lá das alturas, contempla-se o mais soberbo panorama. O Sena, deslizando mansamente pela capital, os jardins, os templos, os monumentos, os parques, as avenidas, Paris, enfim, na sua grandeza e na sua opu-

lência. É um encanto poder abarcar-se de um relance a maravilhosa capital da França, com todas as maravilhas que a adornam.

Visitamos o Palácio de Versailles, nos arredores de Paris, construído por Luiz XIII, para residência e sede a realza. É uma jóia de arte e um relicário da história francesa, por isso foi, merecidamente, elevado à categoria de museu e monumento nacional. Percorremo-lo rapidamente, em quarenta e cinco minutos, guiados por um anfitrião que fazia descrição minuciosa de suas maravilhas. Dispuzésemos de mais tempo e teríamos passado dois dias, quatro, uma semana até, ouvindo as suas estátuas, falando aos seus quadros, penetrando as suas grandezas. Passámos por apartamentos reais, salas de recepção, de despachos, galerias e capela. Cada ângulo tinha u'a motivação, cada paisagem um simbolismo, cada vértice uma inspiração. Vimos Hércules, representando a força, a pujança física, Diana, a fecundidade e a floração, Netuno, conquistando as águas, Apolo, lembrando a harmonia e as musas, Mercurio, com seu bordão, como protetor dos arautos e dos caminhantes, e Marte, o tormento da humanidade, na compreensão de Homero, obcecado pela guerra, a ponto de não dar atenção aos encantos de Afrodite. Em meio a essas divindades do paganismo, se achava um quadro da Sagrada Família, representando o exílio de Jesus, Maria e José no Egípto. O salão dos espelhos, med. 73 metros de comprimento, por 10,50 de largura, é um verdadeiro espelho. O nome foi muito bem escolhido. Foi naquele salão que a 25 de Julho de 1919, 69 delegados de 28 nações, entre os quais repre-

sentantes do Brasil, com o nosso atual chanceler Embaixador Raul Fernandes, Wilson, Lloyd George, Clemenceau, Orlando, assinaram a paz com a Alemanha vencida e seus aliados. Por dolorosa coincidência, quanto visitámos essa, reliquias, delegados de quatro nações se reuniam, na capital franceza, no palácio da avenida Presidente Wilson, para concertar as bases de paz com a mesma Alemanha vencida.

Tudo no palácio de Versailles é grande, mas o que mais nos impressionou foi a galeria das batalhas, chamada, também, salão da guerra, com 120 metros de comprimento, por 18 de largura. Ali estão representados em 82 quad., retratando os mais célebres feitos de armas dos condes-táveis de França, desde Joana D'Arc, como generalíssima, à frente dos exércitos de Carlos VII, até a figura soberana da arte militar da França e do mundo — o Grande Corso. Vimos, fixados em quadros, naquele lindo anfiteatro, pelas mais laureadas palhetas, as batalhas de Iena, Eylau, Friedland, Wagram, Moscowa, Dresden, Montenote, Rivoli, Arcole, Thabor na Ásia, Pirâmides, na África, Marengo e Austerlitz, ou a batalha dos três imperadores, como diz a legenda. Outros quadros, mostram Condé, Turenne, Ney, Mareau, Bertier, José Jerônimo, Junot e tantos outros. Os quadros são tão perfeitos que se tem a impressão, de estar vendo, em realidade, Napoleão e os grandes capitães de França, empenhados nos choques guerreiros que cobriram de louros a história militar de sua pátria. Deixemos Versailles, com seus jardins, parques, museus, Triasons, tudo falando de um passado grandioso da nação gaulesa. Aquela mara-

vilha não é fácil de ser descrita, principalmente para quem a contemplou, na sucessão vertiginosa de minutos.

Visitámos mais dois monumentos da capital franceza, a famosa catedral de Notre Dame e a Capela de São Miguel. Notre Dame é a sexta catedral do mundo, em amplitude, e o maior templo da arte gótica gaulesa. Colunas esbeltas e delicadas, qual palmeiras de mármore, separaram suas naves graciosas; altares laterais, frente a frente, de linhas surpreendentes; inúmeros vitrais, com lindos e multicores desenhos, deixando passar uma luz suave, parecendo as tonalidades do arco-iris; o altar-mór, com colunatas pentélicas, iluminado, cheio de flôres naturais e artificiais, com a sua padroeira ao centro, a Virgem de Nazareth. Dos lados inúmeras esculturas, na rocha, simbolizando o mistério da Fé, e, na frente, a fachada principal, imponente, grandiosa, ladeada por torres altíssimas, terminadas em agulhas. A Notre Dame dá a quem a visita uma sensação de alegria, de paz, de suavidade, de envolta com incontida admiração pela arte gaulesa, glorificando a Fé. Naquele formoso templo, há quase um século e meio, Pio VII, vindo especialmente de Roma, sagrava Napoleão como imperador dos franceses.

A capela de São Miguel tem a beleza e a majestade do estilo romano, na sua combinação da escola oriental e latina. É, como Versailles, um monumento nacional. Não se celebram, ali, as cerimônias da liturgia. É um campo santo para o derradeiro sono dos heróis e guerreiros. Vimos lousas com as cinzas de José Jerônimo, Condé, Cambrone, Ney, Joffre, Castelnau, Foch, Napoleão, «a águia

das côres nacionais que voara de campanário em campanário até as torres de Notre Dame», lá está numa urna especial, tôda de bronze maciço. E' extraordinário o movimento da capela de São Miguel. Incalculável multidão, todos os dias, visita-a e desfila, reverente, ante os restos mortais do imperador.

A França foi bem trabalhada pelos agentes estrangeiros da desagregação, mas encontrou, nas suas reservas, fôrças para resistir. Ainda é um país convalescente, mas encontramos-lo relativamente satisfeito, folgazão, acolhedor, trabalhando com certa confiança no futuro.

ROMA - CIDADE RELÍQUIA

Viajamos de Paris a Roma, por um Constellation americano, com rápida estada em Genebra. No trajeto da linda cidade suíça, edificada ao sopé do Monte Branco, beijada pelas

demos vislumbrar os despenhadeiros, os cursos nascentes, as passagens estreitas, os pequenos trilhos, as gargantas, vales e ravinas dessa histórica e imensa cordilheira que Anfbal



ROMA — Monumento aos Mortos

águas azuis do Lago Lemán, para a antiga capital do mundo, transpusemos os Alpes a baixa altura. Vimos alguns cumes nevados, de uma beleza inédita e algo sencional e pu-

escalou, com seus corpos de elefantes, com sua cavalaria africana, para a notável campanha da pensínsula itálica, para as vitórias espetaculares de Tessino, Trébia, Trassineno e

Canes. A visão panorâmica era extraordinária, como extraordinárias eram as evocações que ela sugeria.

Tocámos no aeroporto da capital italiana, às 16, horas precisamente, dirigindo-nos, logo após, ao coração da cidade, em ônibus especial. Nêsse percurso vimos um trecho das antigas muralhas de Roma, bastiões de defesa da era imperial.

Roma conserva, com acentuado carinho, tôdas as reliquias do seu passado grandioso e não há quem a visite que possa resistir à atração de conhecer aqueles marcos das priscas eras, quando os falcões peninsulares estenderam a soberania da poderosa rival de Alba-Longa a todo o mundo conhecido. Começamos por visitar a Galeria Borghese, antiga residência imperial. É museu e monumento nacional, como o Palácio de Versailles. O estilo arquitetônico grandioso, as estátuas e os quadros que lá existem são verdadeiras maravilhas da arte latina. Na sala dos imperadores, vemos o rapto de Proserpina, o duelo entre David e Golias e uma cena da Guerra de Tróia, quando Enéias procurava salvar seu progenitor. Há uma sala especial de Rafael, outra de Da Vinci. Cada quadro é um deslumbramento.

No alto de uma colina, na cidade do Vaticano, de onde se descortina tôda a capital italiana, foi erigida uma estátua a Garibaldi, o herói de dois continentes. Vimo-lo, imortalizado em bronze, encimando um pedestal de mármore, dominando tôda a cidade, e, ao seu lado Anita Garibaldi, a heroína brasileira, reverenciada por dois grandes povos.

Visitámos, demoradamente, o berço de Roma. Vimos a sua certidão de batismo, esculpida entre as sete

colinas lendárias à margem esquerda do Tibre. Vimos o Palatino, o Aventino, o Célio e o Viminal. Outras elevações oferecem-nos edifícios vistosos e grandiosos, como o Capitólio, templo pagão edificado por Tito, (cômo o trabalho forçado dos Judeus) que trouxe prisioneiros de Jerusalém, quando tomou e destruiu a Cidade Santa do Oriente. Entre o Palatino e o Aventino, ainda estão as ruínas do Circus Maximus, onde se realizaram as famosas corridas de cavalos e de carros, ante o delírio da multidão, ávida de pão e circo. Liga as sete colinas a Via Sagrada, artéria de grande prestígio entre os romanos, sômente superada, no seu simbolismo, pela Via Ápia onde se deu o encontro de Jesus Cristo com São Pedro, e onde se acha o túmulo do vencedor dos três Curiácios que decidiu da supremacia de Roma sôbre Alba Longa.

Do local onde nos achávamos, pudemos contemplar ainda os arcos de triunfo de Tito e Setímio Severo, o Forum Romano, o templo da Vestal da pureza, onde ardia o fogo sagrado, o templo de Jano, a deusa da guerra, a Porta de Hóstia e o túmulo de Caio Sexto, numa pirâmide, para lembrar suas vitórias no Egito. Mais para além, estavam a torre de Nero, ao lado de sua famosa casa dourada, de onde o sucessor de Cláudio assistiu ao incêndio de Roma, por êle mesmo arquitetado, os vestígios do antigo senado, onde Júlio Cesar tombou criminosamente, pela conjura de Brutus, Trebônio e Címbrico. As ruínas das Termas também lá estão, atestando sua grandesa e seu esplendor. Pouca cousa restava do Campo de Marte, também, encravado entre as sete colinas. Daquele gigantesco blo-

co de mármore e cimento, onde o romano passeava sob pórticos, numa extensão de três milhas, por entre lindas colinas altaneiras, hoje existe apenas pequenos vestígios.

Dos monumentos de Roma antiga, o Coliseu é o que está mais conservado. Situado entre o Célio e o Palatino, à margem dos lagos da Casa de Ouro de Nero, guarda intacta três quartas partes de sua estrutura, toda de pedra travertina, em forma elíptica, com 1.790 pés de circunferência. O muro externo conta 63 metros de altura e está dividido em três andares, o primeiro sustentado por colunas dóricas, o segundo por colunas jônicas e o terceiro por colunas coríntias. O interior apresenta três bancadas: uma para senadores e outros dignatários, outra para a nobresa e cidadão e a última para a população. O coliseu possuía 80 entradas e saídas, duas das quais reservadas para o imperador e a sua comitiva. Havia várias galerias subterrâneas, para passagem das feras.

Vimos também as portas secretas por onde os cristãos entravam na arena para servir de pasto aos animais. A arena media 287 pés, e era rodeada de um muro com gradil de ferro para proteção do público contra as feras. Ali, também, se realizavam espetáculos de gladiadores. Vimos a tribuna imperial e demarcado o lugar onde os lutadores, por ocasião do desfile, deviam pronunciar em côro a celebre saudação: «**Ave Caesar, Imperator! Moritur et salutat!** (Ave, Cesar, Imperador! Os que vêm a morrer te saudam!)».

O pouco tempo de que dispúnhamos não nos permitiu ver alguns monumentos modernos, construídos

no período do facismo, como o estádio e o Forum Mussolini, dos quais se dizem maravilhas. Vimos, no entanto, uma reminiscência dessa era o monumento a Vitor Manoel, em cuja base se acha o túmulo ao Soldado Desconhecido da península. Seu formato é uma semi-circunferência. Sobem do pedestal mais de uma centena de colunas de mármore, brancas como a neve. A estátua de tamanho colossal, é verdadeira obra prima. Essa jóia artística está situada na praça Veneza, onde também se destaca o palácio desse nome. Dos balcões do palácio Veneza, Benito Mussolini falava ao povo italiano. Dali, em 1940, o ex-ditador conduzia a sua gente e a sua pátria para a dolorosa aventura que as fez conhecer a invasão, a derrota, a humilhação.

Mereceram, também, nossa carinhosa atenção, na cidade dos onze obeliscos, as famosas catedrais de São Pedro e São Paulo. O grandioso monumento consagrado ao príncipe dos apóstolos, está situado na praça que traz o seu nome, de formato circular, contornada de colunatas de mármore. Ao centro, um lindo obelisco de granito; ao fundo o grande templo, e, mais além, o Tibre deslizando mansamente. A catedral de São Pedro é a maior do mundo. A arte e beleza palpitam em todas as suas ogivas e capitéis, nas suas naves grandiosas, separadas por colunas de mármore que são verdadeiros colossos. Ali, nos sentimos pequenos diante de tanta grandeza e nos sentimos grandes, deante de tamanha maravilha do gênio humano, a serviço da Fé. A catedral de São Pedro guarda uma das colunas do templo de Jerusalém, na qual se apoiou Jesus Cristo, na

discussão com que confundiu e venceu os doutores da lei. E' verdadeira jóia de arte oriental aquela reliquia sagrada. Contemplamo-la, com suave enlévo, carinhosa emoção, coação e pensamento nas alutras, parecendo vislumbrar, através dos que milênios, uma criança vergastando a perfídia e a maldade dos que se diziam representantes da lei mosaica. Vimos, também, a estátua de Pedro, bronze massiço, azeviche, embuçado num manto oriental, de barbas crescidas, pés descalços, dos quais o direito já estava bem diminuído pelo roçar dos lábios dos crentes, em reverência, chapéu rústico, fisionomia ariana, sentado sob um trono. Divisamos, em tóda a plenitude, o pescador da Galiléia, elevado a uma realeza, maior que a transitoriedade desta vida efêmera. E o altar pontifício, com os seus 130 candelabros de ouro, o túmulo de todos os sucessores de Pedro, e a cúpula com 138 metros de circunferência na corda interna, cobrindo apenas a vigésima parte da nave central. São maravilhas que os olhos vêem, a sensibilidade penetra, mas o raciocínio não encontra palavras para descrever.

A basílica em honra ao convertido da estrada de Damasco é menor do que a consagrada ao príncipe dos apóstolos, mas de uma belesa dominadora. A arte ali é sinónimo de deslumbramento. A nave central é recuada cêrca de dez metros das laterais, formando um adro quadrangular, com três linhas de colunas de mármore. Dez destas colunas vieram do Egito; oitenta outras foram lavradas de um só bloco de mármore. Logo à entrada, duas lindas colunas de alabastro, ofertadas para o templo por um rei católico, ladeadas por

duas outras de jaspe, a encantar a visão. As naves grandiosas, separadas por colunas esbeltas, de capitéis dourados, os altares de pedra malaguta, de valor superior ao próprio ouro, o teto azul, representando o céu, com estrélas de ouro, tudo isso envolve de um esplendor raro e infinita majestade aquele templo que nos fala da pregação do ilustre filho de Tarso pelas planícies helênicas e pelos laranjais em flor do Mediterrâneo. O romano diz com ênfase e com razão: «São Pedro, a maior; São Paulo, a mais béla; Santa Maria Maior, a mais rica; São João de La-trão, a mais importante».

Subsídios preciosos colhemos nas ruínas das Termas, «Circus Maximus» Campo de Marte e Coliseu para a cadeira de História de Educação Física, da qual somos titular. Aos ensinamentos dos tratados, juntamos, hoje, a visão pessoal daqueles baluartes das justas físicas romanas.

O povo italiano é amável e acolhedor. Seus usos e costumes, em grande parte, se assemelham aos nossos. Encontramo-lo empenhado, febrilmente, na batalha da recuperação nacional. Sua moeda ainda se ressentente do grande cataclisma que envolveu a nação, mas nota-se, nos menores detalhes, a vontade decidida, pela reconquista do terreno perdido. Tivemos a impressão de que a Itália, em futuro não muito distante, voltará a ser um reduto poderoso da civilização cristã e da ordem jurídica.

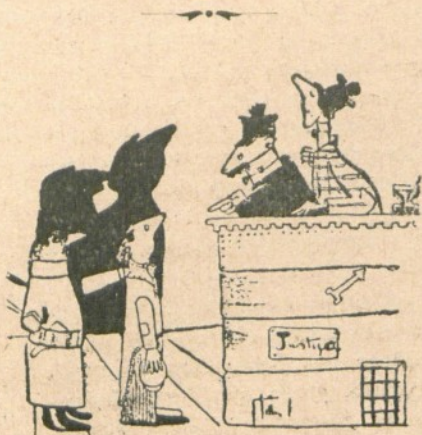
— :: —

Nessa rápida excursão por oito países europeus, solidificamos a convicção de que a América é o mundo de amanhã. Aqui, no continente co-

lombiano, tudo é grande, tudo é abastança. O Brasil, particularizando, tem ilimitados horizontes à sua frente. E', nossa pátria, em verdade, o país do futuro, como o denominou Stefan Zweig. Sobram-lhe possibilidades econômicas, grandes como o cume dos nossos montes, imensas como o oceano que banha nossas costas. Mas é preciso caminhar muito para chegar às alturas. Temos muito que aprender do Velho Mundo, em todos os setores. Quando saltamos no aeropôrto de uma capital européia, como Paris, Londres, Estocolmo, Copenhague e outras e tomamos um auto-ônibus para o centro, sômente esse trajeto nos mostra o gráu de maturidade alcançado por aqueles povos. O condutor do veículo sempre entende e se expressa em outra língua além do idioma nacional; sabe qual o seu direito, o direito dos transeuntes e tem profundo respeito pela vida dos seus semelhantes; o pedestre, de outro lado, conhece perfeitamente as regras do trânsito e as respeita conscientemente. As ruas e praças limpas e asseidadas; os passeios perfeitos. A arborização é bem cuidada. Nada de poças de água, de charcos, de buracos nos passeios ou no leito da rua, de lixo pelas sarjetas. Não vimos uma só pessoa esmolando a caridade pública, nas capitais européias. A ordem, a disciplina, o respeito à autoridade são notados a cada passo; os direitos são respeitados e os deveres, religiosamente cumpridos. Há organização no lar, na escola, no trabalho, nos serviços públicos.

O Brasil tem tudo para ser o grande país do futuro. Mas é necessário, antes de mais nada, que sejam

mobilizadas tôdas as nossas energias, para acelerar a caminhada. Sem descurar outros setores, como transportes, energia, produção, achamos que a educação e saúde são problemas fundamentais de nossa terra. Saúde, para eliminar os dolorosos índices da mortalidade infantil, a nos roubarem vidas preciosas, e para acabar com as legiões de inválidos que nos amesquinham. Educação, para dar a cada um a noção do seu dever para com a família, a sociedade e a pátria, para dar a todos sólida formação moral; para acabar com o imediatismo, em benefício da coletividade. Que Deus ilumine as nossas elites e os nossos dirigentes e lhes mostre os verdadeiros caminhos da prosperidade nacional, para que possamos deixar de ser o país do sonho e da esperança, para que possamos fazer do Brasil o país da grandeza e da realidade !



— Mas como ousa negar o roubo, se o guarda afirma tê-lo visto introduzir a mão no bolso da vítima ?

— Pois é. Mas também é preciso notar que naquela noite fazia muito frio.

VALOR DA DACTILOSCOPIA

NAS INVESTIGAÇÕES POLICIAIS

Sistema Dactiloscópico — Baseado nas impressões digitais, de todos os processos tentados para se estabelecer a identificação de um criminoso, éste, sem dúvida, foi o de maior alcance.

«Identidade — define Leonídio Ribeiro — é a qualidade de uma cousa e faz com que ela seja a mesma e não se confunda com qualquer outra. É a propriedade inerente a cada ser, evitando a sua confusão com outro em virtude dos caractéres que lhe são próprios».

Fundamentando-se nos princípios básicos da Imutabilidade, pois aparecem mesmo na fase da putrefação do corpo, e na sua extraordinária variabilidade, os desenhos papilares das extremidades digitais dão a cada ser humano uma característica própria, prestando-se, de maneira absolutamente segura, para a identidade da pessoa física.

Lançando um olhar retrospectivo e com ligeira observação, vamos encontrar nos primórdios da nossa civilização, ainda quando se formavam os primeiros núcleos sociais, o homem primitivo mesmo na sua embrionária concepção pelas cousas evoluídas da vida, ao se ver cercado por individuos da mesma espécie e tendo, por conseguinte, limitados

os seus direitos, recorrer a incontáveis processos para o reconhecimento dos objetos de sua exclusiva propriedade.

Assim é que vemos, por intermédio da História do Mundo, o homem da caverna assinalar as suas armas, suas cousas e suas próprias habitações com traço e marcos característicos, que permitissem pronta e imediata identificação.

Com o aparecimento desses núcleos humanos, organizados em sociedades, eis que surge também o crime e, com êle, o criminoso. Para o assinalamento desses entes nocivos e prejudiciais, fêz-se mister o estabelecimento de um sistema de identificação senão racional, pelo menos prático.

Processos, os mais variados, foram então tentados, muitos dos quais revestidos até de torpes perversidades. Dêles, os mais notáveis foram:

A Mutilação — que consistia na amputação de uma determinada parte do corpo (em geral, orelhas, dedos dos pés ou das mãos).

Com a aplicação deste processo o criminoso ficava identificado, à primeira vista, para o resto da vida.

O Ferrête — marcação a ferro quente que, evidentemente, tornou-

se um tanto mais discreto pois, em regra, marcavam-se as partes mais ocultas, como: espaldas, nádegas, braços, peitos, coxas, etc. Este processo, outrora aplicado para assinalar os criminosos, ainda nos nossos dias é usado para a marcação de animais. O gado eqüino, o suíno, o vacum, etc., são marcados por seus donos à ferro quente. Além desses, apareceram:

O Fotográfico — que, de início, foi falho. Por êle não foi possível se estabelecer uma classificação etnológica regular. A grande facilidade de semelhança que na fotografia se apresenta, pode acarretar, irremediavelmente, coincidências desastrosas na organização dos arquivos, além de, por outro lado, um mesmo indivíduo poder apresentar fotografias completamente dessemelhantes, em consequência da idade, estado de saúde, uso ou não de barbas, etc.

O Antropométrico — (de Bertillon) — Este outro, que se baseava mais na compleição individual, nos sinais particulares, anatómicos e morfológicos, era também conhecido por «bertillonagem». Evoluindo, porém, a ciência, êste processo teve que ceder lugar ao sistema Dactiloscópico.

O método de Bertillon considerava: a) — O assinalamento antropométrico — medida da estrutura física do indivíduo; b) — O assinalamento descritivo — forma do rosto, côr, tipo, cabelos, olhos, etc.; c) — O assinalamento dos marcos particulares — manchas, sardas, cicatrizes, mutilações, aleijões, etc.

O Sistema Dactiloscópico, atualmente empregado com satisfatória eficiência pelas repartições identi-

ficadoras quase do mundo todo, é curiosamente digno de estudos. E não tem faltado dedicados estudiosos, cuja vida consagraram às atrativas indagações científicas de tão grandioso assunto. William Herschël, Galton, Henry e Vucetich foram os predestinados precursores da Dactiloscopia vinda até nós, no estudo da qual se consagraram as mais notáveis autoridades e suas mais altas expressões.

A Dactiloscopia veio aparelhar o maquinário técnico policial, dotando-o de uma das mais curiosas seções, cuja utilidade, largamente, já é por nós conhecida, dando-lhe um cunho especialmente científico, o que veio por fim ao empirismo de ántanho.

D. Juan Vucetich, depois de longos anos de experiências, de fracassos e de sucessos, teve a prioridade de demonstrar a eficiência do sistema de identificação dactiloscópico nas investigações policiais, quando, em Buenos Aires, no ano de 1892, conseguiu identificar um criminoso pelo confronto das impressões digitais do mesmo com as encontradas no local em que se assinalou o evento delituoso.

A eficácia dêste sistema, como já dissemos, repousa exclusivamente nos dois princípios fundamentais da **IMUTABILIDADE E INVARIABILIDADE**. As linhas papilares são imutáveis e perenes. Persistem mêsmo no transcurso da vida. E, no mundo, ainda não se encontraram dois indivíduos dotados de uma completa igualdade nos desenhos dactiloscópicos, pois é infinita a sua variedade. Por outro lado, a simplici-

dade da classificação dos desenhos, torna-o mundialmente conhecido e empregado.

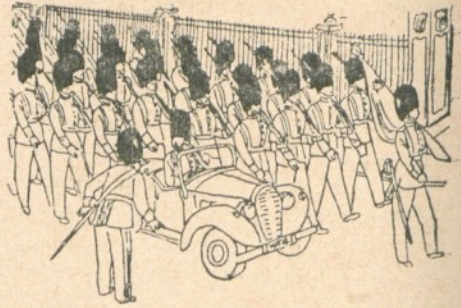
O levantamento de uma impressão digital, feito por processos simples e tecnicamente modestos, patenteia a facilidade do seu emprego. Evidentemente é o sistema de identificação mais seguro, como também, mais suave para o reconhecimento do criminoso habitual e reincidente, facilitando ainda a identificação do delinqüente primário.

Aqui, tivemos oportunidade de constatar a simplicidade do sistema dactiloscópico ao assistirmos a um levantamento de impressões procedido por um perito do Laboratório de Polícia Técnica desta Capital, no local onde se deu um arrombamento.

Segundo feliz expressão de famoso policiólogo, «o criminoso deixa o seu cartão de visitas no local do crime». Esse cartão são as impressões digitais deixadas em superfícies polidas, em virtude da impreg-

nação untuosa das mãos do indivíduo. São elas, quando recentes, visíveis mesmo a olho nu. Na maioria dos casos, porém, são latentes e torna-se necessário serem, antes de tudo, salientadas, o que comumente se consegue com preparados químicos, pós de carvão, talco ou qualquer substância facilmente pulverizável, procedendo-se, em seguida, ao seu levantamento fotográfico.

«O selo de Deus no dedo do homem».



— Para que marchar, se tenho automóvel ?...

(The Humorist, Londres).



ESTAVA ENTRE OS JURADOS...

Numa sessão de júri o advogado da defesa interrogava, como testemunha, um rapaz que lhe pareceu estúpido.

— V. trabalha? — perguntou ele.

— As vezes...

— Já conseguiu ganhar quinhentos cruzeiros por mês?

— Quinhentos? Já. Duas ou três vezes.

— Seu pai está empregado?

— Não.

— E' fato que ele também é um parasita inútil?

— Isso não sei, — confessou a testemunha. — E' melhor o senhor perguntar a ele mesmo. Está aí, entre os jurados.

PROTEÇÃO CONTRA ASFIXIA

TRADUÇÃO DE "THE FIRE CHIEF'S HANDBOOK"

*(Contribuição da Secção Técnica
do Corpo de Bombeiros)*

As estatísticas sobre mortes de bombeiros durante o combate ao fogo irrompido em porões de edificios, nos serviços de salvamento em lugares fechados, e nas quedas de aviões em que os pilotos são subjugados pelos gases resultantes da extinção do fogo, indicam que o conhecimento do fogo, ainda deixa muito a desejar.

Normalmente, o oxigênio dos pulmões é levado pela corrente sanguínea aos tecidos dos diversos órgãos do corpo humano, onde é consumido para se produzir a energia necessária à vida. A asfixia nada mais é que uma alteração perniciosa deste processo da vida química dos tecidos, pela carência do oxigênio; seu efeito principal é causar anomalias na vida dos tecidos, muito particularmente nos do centro nervoso.

A asfixia varia, pois, em gráu, de uma forma branda, provocando dores de cabeça, vômitos, etc., até sua fase aguda em que não raras vezes provoca a morte rapidamente.

Os gases diversos podem ocasionar a asfixia por diversos processos. O Nitrogênio p. ex., uma vez em contacto com o ar confinado, pode reduzir tanto o Oxigênio ali contido, de forma

a produzir sua ausência quase que completa; o Monóxido de Carbono, por uma reacção química, entrando em combinação com o sangue, impede que os tecidos recebam em quantidade suficiente, o Oxigênio tão necessário à vida; gases irritantes, como amônia e anidrido sulfuroso produzem queimaduras nos tecidos da garganta que chegam a obstruir a passagem do ar para os pulmões; outros gases agem como narcóticos que paralizam os nervos controladores da respiração ou agem também como verdadeiros venenos. Em todos estes casos o suprimento de oxigênio aos tecidos do corpo é reduzido, e o estado do individuo requer cuidados especiais. Se mesmo pelos processos mais modernos de respiração a falta do oxigênio perdurar, a morte fatalmente virá como resultante.

A asfixia pode ter um curso lento ou rápido, ficando isto na dependência da menor ou maior deficiência do O no ar, embora fisicamente seja possível a respiração do ar pobre de O, o que muitas vezes é provocado pela diluição do ar por uma outra espécie de gás.

A porcentagem de Oxigênio do ar atmosférico pode ser reduzida

de 21% que é a normal, até 16% sem que isto acarrete conseqüências sérias. Abaixo desta concentração, a respiração aumenta e os tecidos do cérebro já começam a se ressentir, provindo a deficiência da coordenação mental e muscular.

Embora não se verifique a morte por asfixia até que a porcentagem de O desça abaixo de 6%, pode advir a perda de consciência, e nas concentrações entre 6% e 14%, o colápsio. Frequentemente, por falta de cuidados prévios, as vítimas ficam sem o govêrno das pernas, impossibilitadas portanto de se locomoverem.

Como o fogo absorve em determinadas áreas incendiadas, totalmente o oxigênio do ar, ao mesmo tempo que produz o Dióxido de Carbono e outros gases, há possibilidade de nos incêndios em lugares confinados, haver uma redução perigosa do O do ar.

E por estas razões é que é importante não só a todos os bombeiros como a toda e qualquer pessoa o conhecimento do perigo que correm pela asfixia proveniente da redução do oxigênio do ar que respiramos, bem como estarem a par dos perigos do monóxido de carbono e outros gases tóxicos.

O dióxido de carbono não tem cheiro e nem côr, misturando-se nos incêndios, com a fuligem e a fumaça. Em concentração suficientemente altas, este gás pode causar a morte pelo deslocamento do oxigênio, mas em menor quantidade pode provocar outros distúrbios perigosos. Nas concentrações até 10% este gás estimula a respiração, porém, se misturado com outro gás tóxico, produz um aumento de movi-

mentos respiratórios que apressará a ação de outros gases perigosos. Quando a concentração do dióxido de carbono vai além de 6% observam-se as dores de cabeça, sonolência, vertigem, mau estar e até mesmo a coma, dependendo naturalmente do máximo de concentração e do tempo de exposição ao gás. Embora sem cheiro, nas concentrações altas o gás pode desenvolver um efeito de cuidado, causando uma sensação de dor aguda, semelhante àquela produzida pela inalação de vapores que sobem de um copo de cerveja branca («gingerale»), entrando pelo nariz.

A mais insignificante propriedade do dióxido de carbono de um ponto fixo ao acaso da vida, é que quando à mesma temperatura, da do ar que o circunda, é mais pesado que o ar. Assim este gás pode unir-se em depressões confinadas onde a ação do vento e das correntes de ar não o afetem, e onde a difusão seja baixa.

Nas temperaturas acima de 400°F. (ou sejam 205°C) o dióxido de carbono se torna relativamente mais leve do que o ar em temperatura normal; portanto o gás tem propensão a subir. Quando o fogo produz pequeno aquecimento, os gases envolvidos podem esfriar rapidamente e se conservar suspensos junto ao solo. Ocorrendo o fogo numa área abaixo do solo, como seja em porões, adegas, alicerces de grandes construções, o dióxido de carbono devido ao seu peso relativo, pode manter-se dentro da área, emitindo concentrações letais.

Incêndios em locais de refrigeração e fábricas que possuem armazenagem de objetos frios, onde a ventilação é frequentemente difícil e os gases esfriam rapidamente pela

grande massa de materiais frios, também apresentam riscos idênticos.

Os tipos de máscaras de filtro, comuns nas corporações de bombeiros, evitam a passagem dos gases tóxicos como a amônia ou o monóxido de carbono, porém, não são adaptáveis para as concentrações onde haja deficiência de oxigênio.

Uma das regras fundamentais de combate ao fogo deve ser aquela que não permite que pessoa alguma penetre num local tomado pelo fogo, quando a chama não seja visível, a menos que esteja devidamente equipada com oxigênio ou com um aparelho de fornecimento de ar. Muitas vezes as chamas são extintas pela pobreza de oxigênio no local (concentração abaixo de 16%); a deficiência de O suficiente para abafar as chamas é também perigosa para a vida humana.

Portanto, somente se dispensará o uso dos aparelhos próprios para a respiração, quando se dispuser de ventiladores mecânicos de tamanhos adequados para produzirem a ventilação conveniente do espaço perigoso.

Concorrer, pois, para a segurança dos bombeiros, é dever fundamental do oficial comandante de uma guarnição de fogo.

A par da instrução que lhe cabe ministrar para o uso do oxigênio e dos aparelhos de respiração, o oficial deve insistir no uso dos mesmos sempre que se fizer necessário. Um completo conhecimento dos locais e das condições de emprêgo de tais equipamentos deve ser determinado por inspecções constantes dos oficiais das diversas zonas onde trabalham, nos prédios mais sujeitos a incêndios dentro da respectiva área.

COISAS PRATICAS



- Que estão fazendo sentados aí, em lugar de lutarem contra o fogo ?
- Estamos tapando os buracos da mangueira.



bombeiros a zero grau...

Na cidade de Alexandria, no Estado de Virginia, (U.S.A.)... o cartaz do Corpo de Bombeiros local caiu a zero, quando os soldados do fogo chegaram a uma tinturaria que se incendiára e só encontraram cinzas.

Acontece que o estabelecimento incendiado estava localizado em frente ao quartel dos Bombeiros, que poderiam ter dado combate às chamas até mesmo sem sair dele.

(dos jornais).

Bilhetes a um Aspirante (1)

QUARTO BILHETE

COMANDA COM FIRMEZA E BOM HUMOR

Recomendo-te firmeza com confiança e mútuo respeito. Ajunto, para ser mais exato — firmeza com bom humor.

O bom humor é o talco dos massagistas. E' o óleo, o lubrificante que favorece o deslize dos pistões e anula o atrito. E' o meio infalível de impedir que o soldado confunda firmeza com dureza.

Afastará do teu pelotão todos os sintomas de enervamento. Solucionará situações difíceis. Muitas vèzes, produzirá maior efeito do que o reforço de uma companhia.

Faze que êste bálsamo refrescante não só flua de ti sôbre a tropa, como também, nascendo entre teus soldados, se irradie em tôdas as direções.

Que processo empregar?

Sempre que em volta de ti, na marcha ou no estacionamento, no trabalho ou no repouso, no combate ou na trégua, houver alegria, risos canções, encoraja teus homens com um sorriso, uma palavra, um gesto que lhes demonstre o interêsse que tomas pelo seu moral.

Afasta, reprime, mesmo enèrgicamente, as manifestações de desarmonia, o espírito de conventículo e, com maiores razões, as disputas e rixas entre o pessoal de teu comando.

Como te será caro ouvir o riso puro, honesto dos teus subordinados! Eles ficarão felizes se participares do seu contentamento, de sua vida. Retribuir-te-ão com quinhões de ternura, que tornarão leves os teus encargos.

Pouco a pouco, o bom humor, "o espírito desportivo", se tornará para todos em um hábito agradável.

(1) Os BILHETES foram extraídos da obra de Arthur Deloge — CONDUIRE LES HOMMES ! (Nota do autor).

DOIS CAVALINHOS SEM IMPORTÂNCIA

OSWALDO PORCHAT

Ilustração do Ten. Felix de Barros Morgado

Transcrito da

REVISTA DA SOCIEDADE HIPICA PAULISTA

É comum que, depois dos cinqüenta anos de idade, se tenha sempre algo para contar :

"Un nido di memorie, in fondo all'anima, cantava un giorno..."

O cavaleiro, por certo, de tal regra não se livra, principalmente em relação ao objeto de seus cuidados ou, se nos permittem a expressão, de sua "cachaça".*

E, recordando para contar, vai ele vivendo o tempo passado.

Sempre recordo os cavalos que montei e, dentre estes, alguns há que permanecem vivos na memória, bem lembrados por feitos realizados, veículos e cúmplices que foram de boas marcas obtidas em competições variadas.

Lá estão eles, luzidios, espertos naquela atitude peculiar de cavalo inteligente, querendo adivinhar nosso pensamento para cumpri-lo.

"Chapadão", "Macon", "Tony", "Oriental", etc., junto aos obstáculos.

"Bragadinho", "Goitacaz", "Carnaval", "Fadinha" e outros, no campo de polo.

Dois dentre eles, porém, estão guardados com um carinho especial numa



lembrança indelével de natureza diferente, mista de agradecimento e admiração.

Um é o "Cabrito", e outro é o "Tamoyo".

Cavalos modestos, não tinham e nem aparentavam muita raça. Um, com 1m.52, era rosilho e o outro, com 1m.50, era báio. Pelagem ruim de cavalo à-toa.

Não saltavam, e no polo apareciam apenas discretamente.

O "Cabrito", era irrequieto, impulsivo, brioso e muito fiel. Era cavalo pronto para qualquer hora. Dêsses que o cavaleiro monta mais, para — fazer perna —.

O "Tamoyo", cavalo sério, tinha as andaduras muito cadenciadas, era firme, ágil e de uma doçura comovente. Era a montada do cavaleiro mais idoso e do mais novo de minha família. Era montado por meu pai e por minha filha.

Um dia ouviu-se um toque de "reunir", em São Paulo.

Atendi a êsse clarim, montado no "Cabrito", e apresentei-me acompanhado do Castellões, o ordenança voluntário (mais amigo que ordenança), que se apresentou montado no "Tamoyo".

E num esquadrão do 2.º RCD, partimos para Itapetininga.

Longas caminhadas na direção de Buri com progressões rápidas lançadas

(*) C. Aulette — cachaça, palção dominante.

numa e noutra direção, obrigavam êses cavalos a marchar dia e noite, quase ininterruptamente.

Nunca eram desensilhados e, da cabeçada, apenas o freio era tirado de suas bôcas.

Do regime da ração balanceada em horas certas e do abrigo para dormir em cama fôfa, a que estavam habituados, nada tinham.

O único alimento era o sapé nativo que pastavam e alguma grama que conseguiam beliscar ao balanço ritmado do pescoço durante as longas caminhadas.

Isso preocupava. Tem'amos que o estado dos animais decaisse com tão grande mudança de vida.

Entretanto, êles resistiam bem. Davam nítida impressão de que estavam contaminados pelo entusiasmo que ia no coração de todos os soldados.

Cada vez que apeávamos, ao final de uma longa marcha, notávamos que êles depois de um fundo suspiro, nos fixavam com seus olhos muito grandes muito castanhos, a transbordar de sinceridade, como a dizer: bela caminhada!

Tamanha resistência, tamanha disposição e tamanha solidariedade tocavam fundo nossa alma de cavaleiro.

Exigíamos muito dos cavalos e êles prazeirósamente correspondiam ao solicitado, surpreendendo-nos cada vez mais.

Um dia, porém, encontrei a explicação de tão grande devotamento aos esforços da campanha: o "Cabrito" e o "Tamoyo" também eram paulistas.

Um era nascido em Campinas e o outro em Colina.

Passamos então a aceitar com mais conforto, os sacrifícios dêses cavalos.

Pelos campos de Buri ou de Rondinha não deixavam de nos indicar, num

movimento de orelhas, que tinham ouvido o zumbido de uma bala e nem por isso se descuidavam de evitar os milhares de buracos de tatu que se encontravam nessa região.

Lembro bem que, ao tentarmos uma surpresa ao inimigo, pela retaguarda de Buri (Maria Mocinha, Rondinha, etc.) foi preciso atravessar, a nado, dois rios de muita correnteza.

Travessia difícil, principalmente devido às margens que eram de uma turfa grudenta e mole onde os animais se enterravam até a barriga.

Depois de atravessar o segundo rio, tendo atolado pela segunda vez, "Cabrito" ficou esfalfado, estirado-se no chão, com batimento exagerado de respiração.

Temí pela vida do meu cavalinho.

Mas, lá estava o Castellões que, acendendo um feixe de sapé, fêz com êsse fôgo uma fricção forte e rápida por todo o corpo do "Cabrito".

Êste, a princípio se assustou com o fogo, mas vendo que era para seu bem, admitiu o tratamento e se levantou um pouco depois, pronto para prosseguir na marcha. E caminhamos o dia todo, até pela uma da madrugada para realizar a planejada surpresa.

Parece que os surpreendidos, afinal, fomos nós que, com 1 esquadrão muito desfalcado, topamos com uma tropa adversária recém-chegada da D. Pedrito (14.º RCI), bem fresca e aguerrida.

Depois das primeiras tomadas de contacto, chegou para nos socorrer o cel. Arlindo de Oliveira, com 400 homens da Força Pública.

A diferença de efetivos ainda era esmagadora em favor do 14 RCI. Fomos logo cercados e o cêrco se apertava. Era visível, pelas cristas que nos cir-

cundavam, os cavalarianos gaúchos, ao galope, tomando posições para aumentar a eficiência do fogo contra nós.

Mas, graças a esse guerrilheiro indomável que era o cap. Otávio Feijó, do 2-RCD, tínhamos aberto um caminho, oculto pelo mato, por onde poderíamos retirar, "cavalos pela mão".

Entretanto, para chegar a essa brecha aberta na mata, havia um caminho razo, muito batido pelas automáticas do adversário.

Já ali se encontrava, barrado pelo fogo, um batalhão do cel. Arlindo.

Eu vinha com o "Cabrito" pela mão e também estaquei hesitante.

Se ficássemos seríamos alcançados. Os minutos eram preciosos.

Olhei o corpo de "Cabrito". Era um alvo fácil.

Olhei os homens do cel. Arlindo.

Estes respondiam ao meu olhar interrogativamente. Não havia tempo a perder.

O pudor venceu meu medo. Montei no "Cabrito", ainda ao abrigo de uma elevação.

Meu plano era aparecer, à cavalo, no campo batido pelo fogo, para tentar os atacantes a levantarem a mira do fogo à altura de um homem montado.

Amarrei as rédeas no pescoço do "Cabrito" para evitar desviá-lo da direção, caso fôsse atingido e, convidando a infantaria a passar comigo, agachados, dei de pernas no "Cabrito".

Este parece que compreendeu claramente o meu desejo.

Rompeu ao passo, sob inúmeros assobios das balas gaúchas que passavam alto.

Que marcha imponente! Nunca me lembro de ter notado um cavalo balançando tão bem a cabeça enquanto avançava firme.

Ia orgulhoso. Levava seu cavaleiro e permitia que, por entre suas pernas, dezenas de soldados atingissem lugar seguro.

Quando cheguei ao outro lado, (60 mts.) a infantaria tinha passado. Seis homens foram baleados.

Tive nitida impressão de que consegui manter-me a cavalo graças à confiança que a coragem do "Cabrito" me incutiu.

Ao fim do terceiro mês de campanha voltamos.

O "Cabrito" e o "Tamoyo" entraram em suas cocheiras com a naturalidade com que entrariam se dali tivessem saído na vesera. Entretanto, eram dois veteranos de 32.

Passados alguns meses, estando diante das cocheiras, notei que o "Tamoyo", numa expressão aflitiva, assoprava forte, olhava para nosso lado e fixava logo as orelhas na direção de um mato que orlava a pedreira, em frente.

Era tal o seu norvoso que não pudemos deixar de olhar também nessa direção.

O velho cavalo de guerra não esquecera da campanha. Queria nos avisar que uma tropa se aproximava por aquele lado.

Era uma "linha de tiro" que fazia exercícios em ordem aberta.

Depois, foram ambos aposentados e findaram seus dias, em paz, na Fazenda Morro Alto, de minha boa amiga Vera Delamain.

Esses cavalos não eram de "pedegree", tinham pelagem ruim, eram pequenos e não eram, de fato, bonitos.

Mas, no fundo de minha memória, parecem muito mais do que tudo isso.

Um é o "Cabrito", outro é o "Tamoyo".

Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: CR\$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS —
CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS —
TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL



M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA



53 AGENCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE
JANEIRO E OUTRA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso)



AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

VIGILÂNCIA

ORGANIZADA E EFICAZ

A Polícia Florestal, instrumento de repressão aos inimigos das matas— Toma vulto a ação contra os fazendeiros de desertos — “Grileiros” audaciosos tornam cheia de perigos a tarefa patriótica dos guarda florestais.

Contando com um efetivo de apenas 52 homens e criada há pouco mais de um ano, a Polícia Florestal do Estado já realizou, vencendo as naturais dificuldades, trabalhos que por si só justificam sua existência regular. Os inte-

grantes desse novo serviço policial não só têm impedido, por todos os meios, que prossiga a devastação das matas e florestas de São Paulo como também contribuído poderosamente para levar, a quase todos os rincões do Estado, uma

A Polícia Florestal cabe a guarda das reservas florestais do Estado e particulares.



(Gentileza da FOLHA DA MANHÃ).



(Gentileza da FOLHA DA MANHÃ).

Jovem policial, guardião das reservas florestais...

campanha de educação das mais úteis. Estando já em franca atividade, a Polícia Florestal do Estado cumpre rigorosamente suas finalidades, preservando da destruição as reservas florestais, através de um policiamento rigoroso que abrange todo o território estadual.

HISTÓRICO E FUNÇÕES

O tenente Odilon Spinola Neto, comandante da P.F.E., é quem nos presta os esclarecimentos sobre o novo órgão e suas finalidades, na sede da corporação, situada no Horto Florestal. Diz ele que a Polícia Florestal do Estado foi criada, teoricamente, por decreto de 1943. Teoricamente apenas, pois que na ocasião a mesma não foi organizada, em virtude das dificuldades para a obtenção de verbas. A Polícia deveria buscar meios para a sua subsistência na cobrança de uma taxa de lenha, legalmente prevista, mas que jamais foi co-

brada. Por outro lado, os vencimentos eram baixos, variando de 300 a 500 cruzeiros mensais, o que tornava praticamente impossível o recrutamento de pessoal. Assim, de 1943 até 1948 não se cogitou da organização da Polícia Florestal, embora a questão fosse prevista pelo Código Florestal da União e apesar da criminosa e inconsciente devastação da nossa riqueza florestal, que vinha se processando com verdadeiro delírio até mesmo nas imediações da capital. Esse crime, previsto por lei, isto é, previsto pelo Código Florestal, jamais foi punido. Proprietários de terras, em todo o interior do Estado, industriais de carvão, enfim uma infinidade de pessoas derrubavam matas e faziam queimadas, ignorando a existência do Código, que limita os direitos até mesmo dos proprietários.

Em 1948, entretanto, o primitivo decreto foi regulamentado. Encontrou-se

a solução para obstáculos, organizando-se a Polícia Florestal com elementos da Força Pública, que pouco a pouco irá completando o efetivo previsto, de 520 homens. Por ora a organização conta apenas, como dissemos, com 52 homens, entre oficiais, sargentos e praças. Mas já tem realizado muito.

MISSÃO ESPINHOSA

Não é fácil a missão de um membro da Polícia Florestal. As dificuldades que encontra nos são relatadas por alguns praças que já serviram em várias diligências no interior do Estado, onde se verificam devastações incontroladas. A maioria dos proprietários de terras e fazendeiros não chegou a compreender, ainda, que o Código Florestal proibe terminantemente a derrubada e queima de matas sem autorização, sem o compromisso de reflorestamento, sem a obediência de certas restrições. Pouca gente sabe que é terminantemente proibido devastar matas nas margens dos rios e lagos. Numerosos "grileirões" se têm apoderado de vastas áreas das reservas florestais do próprio Estado, derrubando, queimando, fazendo lenha, comerciando com carvão. Alguns desses "grileiros" chegam a armar jagunços, que não poucas vezes são destacados para enfrentar a Polícia Florestal, quando no cumprimento do dever.

Ora, diante de tal situação, a missão do policial, informa-nos o tenente Odilon, não pode deixar de ser espinhosa e até mesmo perigosa. Há ocasiões em que eles arriscam a vida, na defesa das ricas florestas. Muitas vezes são obrigados a embargar uma determinada derrubada que o próprio fazendeiro está fazendo em matas de sua propriedade. Em geral domina a crença de que o

próprietário tem o direito de devastar, à sua vontade, o que está no interior de suas terras. Surgem, então, as dificuldades. E o Código Florestal prevê punições que variam de penas de multa e até mesmo de prisão, para certos casos.

AS DEVASTAÇÕES

Informa-nos agora o tenente Montemor, sub-comandante da Polícia Florestal, que nas diligências que tem realizado, em vários pontos do Estado, pôde constatar a criminoso devastação que vem se verificando. Vastas áreas de florestas são tremendamente destruídas. Há quem não respeite nem mesmo as propriedades do Estado, isto é, as reservas florestais do Estado, como vem acontecendo em S. Miguel Arcaño e em Presidente Venceslau.

Há pouco tempo — para ilustrar com exemplos — o próprio comandante da P.F.E. realizou uma diligência nas margens do Rio Grande, e ali embargou derrubadas de vastas áreas de matas. As margens do rio foram quase que completamente devastadas e continuavam sendo até há pouco, por comerciantes de lenha, que transformaram uma incalculável riqueza em um deserto. O embargo foi realizado na forma da lei, segundo nos informa o tenente Odilon, sendo que inicialmente foram apreendidas as ferramentas — dezenas de foices e machados — e a lenha encontrada. Casos como esse repetem-se em todo o Estado. Não há controle.

A EDUCAÇÃO DO POLICIAL

Tratando-se de um corpo de polícia novo, cuida a Força Pública de educar e formar os seus quadros. Os componentes da Polícia Florestal recebem, por isso mesmo, um curso rápido, ministrado

pelo sub-comandante Montemor e por dois engenheiros agrônomos da Secretaria da Agricultura. (*) O curso compreende três partes: Instrução Geral e Especializada, Legislação Florestal e Educação Florestal. Nesse curso os alunos aprendem noções de legislação, da

natureza, de cultivo e obtêm uma compreensão exata de seu papel: a defesa constante das matas e florestas, segundo reza a lei.

Os resultados têm sido magníficos. Já hoje, em consequência da própria organização da Polícia Florestal, muita

(*) — N. da R. — Engenheiros Mansueo Estanislau Koscinsky e Alceu Nogueira Chaves, do Serviço Florestal do Estado.



(Gentileza da FOLHA DA MANHÃ).

A função espinhosa da Polícia Florestal exige constante vigilância e permanente atividade, para impedir a criminoso devastação das matas.

gente toma conhecimento da existência do Código. Uma campanha de divulgação, nesse sentido, está sendo feita, visando levar a todos os rincões do Estado a compreensão de que derrubar florestas é crime punido por lei, e mais ainda, é crime contra o patrimônio nacional, contra os próprios interesses da população.

A CAMPANHA CONTRA FOGOS E BALÕES

Uma das ultimas campanhas da Polícia Florestal — à margem do policiamento que vem realizando em todo o interior contra as derrubadas — foi o da propaganda e ação contra fogos e balões nas últimas festas joaninas. Dos resultados dessa campanha fala-nos o fato de não ter ocorrido, neste ano, nenhum incêndio em matas, coisa que era freqüente nos anos anteriores. Diminuiu sensivelmente a soltura de balões, graças principalmente àquela campanha. Durante todo o mês de junho a Polícia

Florestal percorreu os bairros mais afastados e próximos às matas, apreendendo balões pela persuasão, encontrando, nessa sua missão, a mais franca acolhida por parte da população.

— “Fomos muito bem recebidos — informa-nos um sargento — por todos os moradores dos bairros, que demonstraram compreender, com facilidade, a nossa missão. Apreendemos nada menos de mil e tantos balões, cifra sem dúvida assombrosa, valendo, por si só, para mostrar os perigos a que a cidade está exposta”.

Revelando, pois, alta eficiência, apesar de numericamente inexpressiva, enfrentando sacrifícios penosos, os soldados da Polícia Florestal vêm desempenhando um papel dos mais importantes na preservação das florestas e matas, cuja devastação só terá um paradeiro quando esse novo órgão puder estender com facilidade seu raio de ação.

(Transcrito da FOLHA DA MANHÃ de 16-7-50).



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E
MAIS BARATO!



HISTÓRIA VULGAR

1.º ten. *Felix B. Morgado*

Ilustração do autor

Não casaria, não. Nem que o encostassem a um muro, cara voltada para armas engatilhadas. Era bastante homem para enfrentar a situação com calma e certeza de sair dela satisfatoriamente. Se fôsse necessário arranjaria advogado e seria água na fervura. Tinha recursos, gastaria até o último níquel. Não viessem com apertos. Caçar, pipocas. Era o que o pai de Altanira queria. Que ficasse com o desejo, aquele velho malcriado que lhe recitara, há poucos dias atrás, tôdas as virtudes da filha, ultrajadas por um «vagabundo de marca maior». Ele, um vagabundo! Era certo que o batente duro lhe fazia mal aos ossos, mas isso não era por culpa sua. Fôra feito para ocupações de gente civilizada, que produz muito, trabalhando pouco. Refinado de natureza e por herança. Descendia de aristocratas e, não muito distante do galhozinho que lhe cabia na árvore genealógica da família, havia senadores e até um visconde. Isso era o bastante para revoltar plebeus, como o pai de Altanira, um sapateiro decrépito e analfabeto. Gratidão é o que o velho Procópio lhe devia. Favores, por ter levado sua filha muitas vezes a cinemas caros, a boites onde tudo custava as unhas dos dedos. E os presentes?! Aquele abrigo de marta que lhe dera, digno duma princesa! Dera muito e recebera pouco, pouquíssimo, essa era a verdade.

Tudo isso ia pensando Oliveira, enquanto o engraxate lustrava seus

sapatos. Havia tomado uns aperitivos com os amigos num bar próximo. Conversa vai, conversa vem, ingerira bom número de americanos e martinis sem o perceber. Agora, meio sonolento, descansava na cadeira, o mulato a besuntar-lhe os sapatos de graxa amarela, rescendendo a gasolina.

Não casaria disso estava certo.

Conhecera Altanira à porta dum cinema, do Marabá, se não lhe falhava a memória. Um olhadela, umas insinuações bastaram para colocá-los sentados em poltronas juntas. Assistiram ao filme colados um ao outro, alheios praticamente ao que projetavam na tela, Oliveira dizendo umas tolices que provocavam risos em Altanira. Encontraram-se outras vezes. Depois do primeiro beijo a intimidade aumentou cêleremente. Altanira não sabia negar, havia sempre um sim nos seus olhos. Oliveira ficava aborrecido, às vezes, com a facilidade demasiada daquela conquista. Tudo parecia natural demais, sem floreios, sem adiantos. Contudo, Altanira valia a pena. Não houve, por isso, muita apreensão após aquela noite que passaram juntos num apartamento. Depois disso Oliveira continuou despreocupado e refinado como sempre e Altanira com o seu eterno sorriso aflorando aos lábios. Não fôra, a intempestiva intervenção:

do velho Procópio, aquela aventura teria terminado bem, despercebidamente como começara. Houve, porém, uma verdadeira reviravolta nos acontecimentos, quando elle surgiu com a idéa de legalizar a situação, idéia que entusiasmou Altanira, levando-a a exigir isto e aquilo. Com que direito! Entregara-se a elle sem perguntas, sem condições. Altanira nascera para isso mesmo, julgava agora Oliveira, não tinha dúvidas, e elle não passara de mero instrumento escolhido pelo acaso para que ella se-guisse o seu verdadeiro destino na terra. Como fôra elle poderia ter sido outro, branco ou preto.

O mulato engraxate tirou Oliveira daquelle raciocínio sem fim, com uma pancada sêca com a escova na armação de madeira. Oliveira pagou e desceu a rua, zigzagueando através da multidão que apinhava todo o centro da cidade. Estava sem appetite, tomaria um lanche em qualquer lugar. Embora nada o sugestionasse, andava um pouco preocupado com o seu caso. Há poucos dias Altanira o procurara e falara em casamento, em escândalo, suicídio. Depois tivera um encontro inesperado com o velho Procópio, que chegou a insultá-lo, após uma série de lamentações. Ficou surpreendido. Não julgara que as coisas andassem naquelle pé. Desde então fugia de Altanira. Telefonemas, recados, cartas, não tomava conhecimento de nada. Estava enjoado. Pretendia dar um pulinho até o Rio de Janeiro e lá ficaria livre por uma temporada dessa bobagem toda. Nada de casamento. Botaria advogado. Que fossem para o inferno, o velho Procópio e Altanira.

— :: —
O café quente, o sanduiche e um cigarro fumado lentamente reconfor-

taram Oliveira, que occupava u'a mesa nos fundos da leiteria, enquanto os minutos se sucediam. Não tinha pressa, nem compromissos. Poderia ficar por ali até mais tarde. Depois iria a uma **boite** qualquer, cheia de música, mulheres e uisque. De Altanira e do velho Procópio não havia mais vestígios na sua memória. Mediocridade. «Baixaria», como diria um negro do Bexiga.

— :: —
Oliveira consultou o relógio, assim como quem não está muito interessado em saber as horas. Simples hábito. Ia levantar-se quando divisou Altanira no entra-e-sai da porta da leiteria. Vinha entrando. Era bem ella, com o seu andar mole-mole, os olhos se mexendo lânguidamente entre cílios longos e revirados. Elle a cõnhecia detalhadamente: a fisionomia, onde a boca era um detalhe vermelho e úmido, o corpo, sinuoso como uma «blue», cheio de curvas, de calor. Altanira não estava só, porém. Notou-o logo Oliveira, com certo desgosto. Vinha ao seu lado um desses tipos cinematográficos que aparentam não ter profissão definida. Tanto podem ser isto como aquilo. Dependem da ocasião. «Picareta». Não havia dúvida, devia ser uma picareta. Oliveira começou a ficar zangado. Jamais poderia concordar em ser substituído por um malandro qualquer. Era uma questão de princípios e Oliveira, oriundo duma familia tradicional (havia bandeirantes dependentados na sua árvore genealógica), achou naquilo tudo uma desconsideração. Que Altanira fôsse volúvel vá lá, mas que tivesse um certo cuidado na escolha das suas companhias.

Ocuparam u'a mesa próxima e uniram suas mãos sôbre a toalha branca. «Parecem crianças brincando

de puxa-puxa», — pensou Oliveira com ironia. Mas quando Altanira, após um vagaroso bater de cílios, pousou o seu olhar aveludado sobre ele seu estado de espírito mudou completamente. Não iriam tomar-lhe a pequena assim, nas suas barbas. Por menos Oliveira havia surrado gente mais forte, em outras ocasiões. Estava sendo espoliado à luz de lâmpadas de muitas velas. Enfim Altanira praticamente lhe pertencia, mesmo que a história do casamento proposto pelo velho Procópio lhe causasse enjôo. Não se conteve. Levantou-se e «cresceu» para o rapaz que alisava os dedos compridos de Altanira. Houve um bate-boca que foi aumentando de

intensidade. Oliveira estava possesso. Considerava a questão ganha quando um argumento diferente e bastante violento do rapaz pôs por terra seus princípios morais e físicos: deu-lhe um murro seco e certo. Oliveira cambaleou, amparou-se aqui, seguiu acolá e foi estatelar-se entre duas mesas vazias, com algumas flores artificiais, equilibrando-se sobre a sua cabeça afogueada, caídas dum vaso que se associara a Oliveira no seu tombo demorado. Todo mundo se divertiu com o espetáculo, menos Oliveira que, além de perder Altanira, teve que pagar a conta e os estragos produzidos em duas ou três cadeiras.

Hmm!
isto é
biscoito



Compre o BISCOITO DA SEMANA

O MAIS POPULAR MARIE



AYMORE

Estudo para a determinação do Quadro de Acesso

Major Rubens Teixeira Branco

ESTUDO para determinação definitiva do «quadro de acesso», cumprindo o que preceitua o artigo 23 do R. I. C. P.

HIPOTESE: Um quadro «X» de vinte elementos, cuja primeira metade (dez) deve ser seleccionada para o Q.A., após ter sido preenchida a «Ficha de Informações» e esta examinada pelos membros da C.P., os quais conferiram os respectivos gráus.

TESE: Como escolher os cinco candidatos para o Q.A., pelo principio de merecimento, isto é, qual o critério a ser seguido de modo a evitar que não sejam dados os devidos valores aos conceitos emitidos pelos membros da C.P.

QUADRO «X» — A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V
(20 elementos)

1.ª METADE — A B C D E F G H I K — (10 elementos)

Q. A. — 5 (cinco) vagas — 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º lugares

I — Somados os pontos conferidos a cada um dos elementos (ficha n.º 6), pontos estes dados individualmente pelos membros da C.P., (não o total da Ficha) teremos uma classificação coletiva aparecendo a ordem de colocação para os dez lugares e dada pelos seis membros da C.P. assim:

Membro 1 — C F H K E G I D A
Membro 2 — B C H E D A F G I K
Membro 3 — D H G E B K C F A I
Membro 4 — C D B F H I A K G E
Membro 5 — H B C D E F G A I K
Membro 6 — C G B H F A D E K I

II — Considerando, pois, a colocação obtida pelos elementos em as listas propostas dos membros da C.P. teríamos o quadro seguinte:

Ordem	Membros da C. P.						Classificação
	1	2	3	4	5	6	
1.º lugar	C	B	D	C	H	C	
2.º »	F	C	H	D	B	B	
3.º »	H	H	G	B	C	B	
4.º »	K	E	E	F	D	H	
5.º »	B	D	B	H	E	F	
6.º »	E	A	K	I	F	A	
7.º »	G	I	C	A	G	D	
8.º »	I	G	F	K	A	E	
9.º »	D	I	A	G	I	K	
10.º »	A	K	I	E	K	I	

Nota-se aqui, nesta relação, que varia o modo de considerar o merecimento dos elementos, pois cada um dos membros da C.P. teve, o que é muito natural, um gabarito, isto é, cada um usou de uma escala com aspectos diferentes, sob pontos de vista, que embora iguais, com intensidades variáveis para os requisitos a serem observados.

Digo é muito natural, porque os dez elementos já foram selecionados anteriormente por outros fatores que vêm influenciando, sem que sejam pressentidos, desde o início da confecção das fichas, como o interstício, primeira metade do almanaque, fichas com graus abaixo do normal e outras muitas causas, tornando assim a turma tanto quanto possível homogênea, sendo mesmo difícil ordená-la em grau de merecimento.

A fim de dar maior segurança nesse cômputo do merecimento é que a C.P. se compõe de seis membros, pois torna menos susceptível de erro, diminui a probabilidade de serem imprimidos conceitos e graus de caráter puramente pessoal.

III — Depois desta forma global ordenados, onde aparecem os lugares ocupados por grupos tão homogêneos quanto possível, teremos, considerando a frequência dos elementos em cada um dos lugares, da seguinte forma a classificação:

- 1.º lugar 3C — B — D — H
 2.º » C — B — D — F — G — H
 3.º » 2B — 2H — C — G —
 4.º » 2E — D — F — H — K
 5.º » 2B — D — E — F — H
 6.º » 2A — E — F — I — K
 7.º » 2G — C — D — F — A

- 8.º » A — E — F — G — I K
 9.º » 2I — A — D — G — K
 10.º » 2I — 2K — A — E

IV — A classificação para as cinco vagas, a serem preenchidas no Q.A. a ser organizado, seria da seguinte forma:

1.ª vaga — O elemento C — que obteve 3 votos contra os elementos H, B, e D que obtiveram um voto cada um.

2a. vaga — O elemento B — pela razão seguinte :

- a) B, C, D, F, G e H, tiveram um voto cada um (devendo ser excluído o C por já ter sido classificado);
- b) B, D e H, tiveram anteriormente um voto cada um para cômputo da 1.ª vaga, o que justifica seja levado em consideração, pois já foram cogitados para colocação superior aos demais;
- c) Então: B, D e H ficariam com 2 votos cada um, e os demais F, G com um voto cada;
- d) Manifesta-se assim, neste caso, um empate que deverá ser resolvido pela C.P., que porá em votação, estudando previamente os dados existentes sobre os mesmos. É este o caso do voto adotado para o julgamento, claro que ajuizado o merecimento à vista dos documentos existentes no momento (fichas, fé de officios ou outros);
- e) considerando que o elemento B tenha obtido quatro votos e o D somente dois, aquele seria nomeado para a 2.ª vaga, por maioria de votos, pois os membros da C.P. neste caso de desempate não poderiam votar em candidatos outros que não fossem os — B, D ou H.

3.ª vaga — O elemento H — Pela razão seguinte:

a) obtiveram votação para esta vaga:

B — 2 votos

H — 2 votos

C e G um voto cada um, não se devendo levar em conta o C que já ocupa a 1a. vaga e o B que ocupa a 2a. vaga;

- b) neste caso deve ser eleito o H porque obteve quatro votos, sendo dois obtidos no cômputo anterior para o 1.º e o 2.º lugar, contra o G que tem 2 votos, sendo um obtido para a escolha do 2.º lugar.

4.ª vaga — O elemento D — por ter obtido três votos contra o E e F com dois votos cada um e K com um voto. Tendo o G dois votos anteriores.

Obs: Embora para este lugar tenha o E obtido superioridade em votação deve ser eleito o D que, obtendo um voto, traz uma bagagem de dois votos anteriores para o 1.º e 2.º lugares.

Pois se assim não for, o D que foi cogitado para o 1.º e 2.º lugar ficaria em condições inferiores ao E que sòmente aparece, pela primeira vez, cogitado para a 4.ª vaga, sendo certo que aquele, apesar de ter sido já lembrado não mais conseguirá colocação nas demais vagas.

5.ª vaga — Concorrem neste caso, ao 5.º lugar, sòmente os elementos E e F com 3 votos cada um, pois, B, D e H já foram situados em colocações anteriores e o G permaneceu sòmente com os dois votos anteriores.

— Assim é que E com um voto e mais dois anteriores e F nas mesmas condições estão empatados, devendo os membros da C.P. por meio do voto, examinadas as condições dos mesmos, julgar no momento qual o que deve ser designado para esta vaga.

— Note-se que E teve dois votos para o 4.º lugar e que F teve um voto para 4.º lugar e um para 2.º lugar.

— Posto em votação, devendo os membros da C.P. escolher entre os dois sòmente, pois que é o caso do desempate, não deve ser permitido aparecer um terceiro, pois tudo decorre do julgamento a que vem sendo sujeitos todos os candidatos, supomos que o F obteve cinco votos e o E sòmente um.

— Temos, pois, o 5.º lugar ocupado pelo F.

V — Doutra forma poderíamos verificar a exatidão dessa eleição:

— ou pelos pontos totais constantes da ficha de informações n.º 6, os quais serviriam para aferir a escolha, ou ainda para orientar a colocação em casos de empates;

— ou da maneira que passo a expor (podendo entretanto a C.P. usar dèsses meios todos, que embora muito trabalhosos, dão uma exatidão mais aproximada da intenção dos seus membros):

a) atribuindo-se um coeficiente a cada um dos lugares, que será a numeração inversa do número de concorrentes mais cinco (neste caso, cinco, por ser o número de vagas no Q.A.), isto é, coeficientes variando de quinze a um, na seguinte ordem decrescente: 15, 13, 11, 9, 7, 5, 4, 3, 2 e 1;

b) é necessário que se situem melhor os escolhidos ou votados para os primeiros lugares, pois em caso contrário poderia acontecer que um dos candidatos cogitados por dois membros para 1.º lugar e por um para 2.º lugar e por outro para 3.º lugar, não chegasse a ser escolhido nem para o 4.º nem para o 5.º, desde que pelos demais membros estivesse eleito para 7.º ou 8.º; ao contrário, outro cogitado por quatro membros para segundo ou terceiro lugares poderia ser colocado no Q.A., o que viria parecer um prejuízo para aquele cuja escolha foi mais acen-

tuada e como de fato deveria ter um merecimento maior, dada a lembrança para os primeiros lugares;

c) assim teríamos, expresso em pontos, o merecimento relativo à votação:

— Elemento A — dois sextos lugares		— 10
	1 7.º »	4
	1 8.º »	3
	1 9.º »	2
	1 10.º »	1 20
— Elemento B — um primeiro lugar		— 15
	1 2.º »	13
	2 3.º »	22
	2 5.º »	14 64
— Elemento C — três primeiros lugares		— 45
	1 2.º »	13
	1 3.º »	11
	1 7.º »	4 73
— Elemento D — um primeiro lugar		— 15
	1 2.º »	13
	1 4.º »	9
	1 5.º »	7
	1 7.º »	4
	1 9.º »	2 50
— Elemento E — dois quartos lugares		— 18
	1 5.º »	7
	1 6.º »	5
	1 8.º »	3
	1 10.º »	1 34
— Elemento F —	1 2.º »	13
	1 4.º »	9
	1 5.º »	7
	1 6.º »	5
	1 7.º »	4 38
— Elemento G —	1 2.º »	13
	1 3.º »	11
	2 7.º »	8
	1 8.º »	3
	1 9.º »	2 37
— Elemento H —	1 1.º »	15
	1 2.º »	13
	2 3.º »	22
	1 4.º »	9
	1 5.º »	7 66

— Elemento I —	1	6.º	>	5	
	1	8.º	>	3	
	2	9.º	>	4	
	2	10.º	>	2	14
— Elemento K —	1	4.º	>	9	
	1	6.º	>	5	
	1	8.º	>	3	
	1	9.º	>	2	
	2	10.º	>	2	21

Ordem de Merecimento	Lugares	Q. A.					Excedentes					Pontos	Obs.
		1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º	8.º	9.º	10.º		
		15	13	11	9	7	5	4	3	2	1		
1.º	C	45	13	11			4				73	Q. A.	
2.º	H	15	13	22	9	7					66	Q. A.	
3.º	B	15	13	22	14						64	Q. A.	
4.º	D	15	13		9	7	4	2			50	Q. A.	
5.º	F		13		9	7	5	4			38	Q. A.	
6.º	G		13	11			8	3	2		37		
7.º	E				18	7	5	3	1		34		
8.º	K				9		5	3	2	2	21		
9.º	A						10	4	3	2	1	20	
10.º	I						5	3	4	2	14		

VI — Qualquer dêstes processos cumpre o determinado no artigo 23 do Regimento Interno da Comissão de Promoções que manda eleger pelo voto, o primeiro e, sucessivamente, os demais que devam ser incluídos no Q.A.

a) Parece-nos que quando o R.I.C.P. diz «elegerá pelo voto» não dá a liberdade de escolha dos candidatos, com independência dos conceitos emitidos, nem que se faça abstração dos pontos obtidos pelos mesmos.

b) Diz o artigo 23: «A C.P., reunida para determinação definitiva dos oficiais que devem ser incluídos no Q.A. por merecimento, examinará um por um os candidatos propostos e elegerá, pelo voto, o primeiro e, sucessivamente, os demais que devam ser incluídos».

Ora, determinar definitivamente pressupõe já uma classificação, como efetivamente há, que é a apresentada pela «Lista-Proposta» organizada individualmente pelos membros — (nº VII das Instruções).

Elegerá, pelo voto, o primeiro candidato, claro nos parece que seja considerando a «Lista-Proposta» que é o voto dado pelos membros para a organização do Q.A., pois diz a letra «c» do item VII das Instruções quando trata do assunto, depois de atribuir os gráus aos candidatos e de relacioná-los em ordem decrescente da soma dos gráus atribuídos: «O relacionamento dos nomes dos candidatos constituindo a proposta a ser apresentada na sessão da C. P.».

c) Não fôsse a «Lista-Proposta», com sua feitura tão complexa, como seu nome diz, a proposição para a organização do Q.A. isto é, o voto que cada membro traz para a sessão que se destina ao confronto das seis listas, relações estas preparadas de antemão depois de toda documentação examinada, ordenada a classificação em ordem decrescente de grau, não haveria razão para que se exigisse a sua organização, pois simplesmente a ficha n.º 6 solucionaria a questão com os pontos emitidos.

VII — A «Lista-Proposta» é a relação dos candidatos classificados em ordem decrescente de graus, constituindo a proposta a ser apresentada na sessão da C.P., portanto é o voto de cada um dos membros, o qual somado, ou estudado, juntamente com o voto dos demais dará uma única «lista» que passa a ser denominada «Q.A.».

Caixa Econômica Federal de São Paulo

— GARANTIDA PELO GOVERNO FEDERAL —

Depósitos populares até Cr. \$ 50.000,00 a juros de 5% ao ano, capitalizados em 30 de junho e 31 de dezembro.

Empréstimos com garantias de hipotecas, jóias e objetos

MATRIZ: Praça da Sé, 111 - Enderêço Telegráfico: "CAIXAFEDERAL"

AGÊNCIAS

Brás	Av. Rangel Pestana, 2078 — Capital
Santos	Rua XV de Novembro, 175
Campinas	Rua Barão de Jaguará, 1230
Taubaté	Rua Souza Alves, 630
Ribeirão Preto	Rua Duque de Caxias, 705
Bauru	Rua Rio Branco, 8-29
Sorocaba	Rua XV de Novembro, 28
Santo André	Rua Campos Sales, 124
Marília	Av. Sampaio Vidal, 562
Ourinhos	Rua 9 de Julho, 302
Pinhal	Rua José Bonifácio, 38
Lapa	Rua 12 de Outubro, 443 — Capital

AGÊNCIAS ECONÔMICAS POSTAIS

Rio Claro, Franca, Mogi Mirim, Jau e Cafelândia

Obra importante sem dúvida a que acaba de ser distribuída aos seus assinantes pela Biblioteca Militar. "Do Recôncavo aos Guararapes", livro premiado em concurso memorável, chega em momento oportuno. Quando densa onda de elementos dissolventes tenta solapar os alicerces em que a nacionalidade brasileira assenta a sua estrutura, o autor, major Antônio de Sousa Júnior, alerta a quantos, menos precavidos, deixam-se embalar por falsos ídolos, estranhos pregoeiros de exóticas doutrinas que se opõem àquelas que nos acompanham desde o berço.

Realmente. Embora se desenvolva o livro dentro de limites previamente traçados, imprimiu-lhe o autor um alto sentido de brasilidade, aproveitando os motivos de solidariedade e de unidade nacional, expressos na colaboração que os núcleos de populações mais em evidência no extenso território, apressaram-se em levar às províncias invadidas pela poderosa Holanda.

E foi pena as restrições impostas pelas normas do concurso as quais privaram as páginas do livro de grandes nomes de valorosos paulistas afeitos às lutas de fixação da nacionalidade, como Antônio Raposo Tavares e seu irmão Diogo da Costa Tavares, João Martins Esturiano, os irmãos Valentim e Luiz Pedroso de Barros e muitos outros vultos de extraordinário relêvo, integrantes da coluna de Luiz Barbalho, na famosa retirada de 2.400 quilômetros através de invios sertões, desde o pôrto dos Touros, no Rio Grande do Norte, até a cidade do Salvador, na Bahia, como assinala José Pedro Leite Cordeiro no



Unidade Brasileira

Ten. Cel. Luiz Tenório de Brito

Ilustração: Ten. Felix B. Morgado

seu bem fundamentado "São Paulo e a Invasão Holandesa no Brasil" (pags. 127 e seg.).

Em síntese admirável abordou o autor todos os ângulos do ingente esforço levado a efeito no sentido de anular a pretensão batava, durante o longo período de ocupação, de tomar pé definitivamente no Brasil, quebrando a unidade nacional já vigorosa em consequência dos sutis liames impostos pela mesma língua, falada de extremo a extremo do nosso imenso litoral, da religião católica, dominante em tôda a colônia, de costumes iguais. E é confortador verificar que o centro de resistência ao invasor foi criado e alimentado, com pertinácia nunca

vacilante, por elementos nascidos já no Brasil. Não faltou, é claro, à continuidade da luta, o contingente luso que, na etapa final, aparece encarnado nos grandes vultos de Francisco Barreto de Menezes e João Fernandes Vieira, os quais, com as magníficas figuras do mestiço André Vidal de Negreiros, do índio Felipe Camarão e do negro Henrique Dias, representam não somente alta façanha de ordem guerreira mas o próprio drama do caldeamento de raças, na formação étnica brasileira. Os dois Guararapes são feitos de extraordinária significação na escala dos fastos nacionais.

Examinando os processos de guerra postos em prática pelos contendores, escreve o major Sousa Júnior: — “Os holandeses agiam dentro das idéias estratégicas vigentes no século XVII; os brasileiros, entretanto, pela sua admirável intuição de guerra, mostraram-se avançados de mais de um século, em relação aos chefes e às idéias militares contemporâneas”. E mais adiante: — “Com o seu modo de combater em pequenos grupos separados e de preferência a arma branca, avançando e recuando e armando ciladas, o exército luso-brasileiro foi senhor de tôdas as ações, no dia 19”. E ainda: — “A vitória dos Guararapes nesse dia não foi, portanto,

obra fortuita dos acontecimentos, mas o resultado da ação vigilante e decidida dos chefes, da bravura e espírito combativo dos soldados que constituíam aquele indomável exército de patriotas”.

Aliás, tais métodos de guerra, aplicados com retumbante sucesso pelos brasileiros nas duas batalhas dos Guararapes, não eram mais originalidade no Brasil. Já o neto do cacique Arco Verde, o mameluco Jerônimo de Albuquerque Maranhão, dêles se utilizára como chefe das forças nacionais que levaram à derrota o general francês Ravardier, em 1614, 35 anos antes das batalhas em apreço, na famosa manobra de envolvimento levada a efeito na ação de Guaxenduba que fêz malograr o sonho de domínio do Maranhão pelo gaulês intruso.

Intenso foi, sempre, o sentimento de pátria que palpitou naqueles que nasceram em terras cabralinas. Daí o esforço pela manutenção do bloco magnífico e a reação contra quantos tentaram fracioná-lo, viessem donde viessem.

A história da formação político-geográfica do Brasil é um roteiro luminoso de heroísmo e de fidelidade a sagrados compromissos, apontando às gerações do futuro deveres a cumprir. Sigamo-lo.



Os homens mentem, ferem, pervertem, quando têm o coração sequioso do mando.

(Balzac)



SÃO FRANCISCO, região do futuro

Muita coisa já se tem dito, falando ou escrevendo, sobre a bacia do São Francisco. Muita coisa há, no estante, a dizer agora sobre as terras banhadas por êsse caudal genuinamente brasileiro, via de penetração, no Brasil colonial, pelas «Bandeiras» sempre desejosas de consecução de novas terras, à procura de riquezas e à caça de nosso selvagem.

Quando falamos em bacia do S. Francisco, referimo-nos ao terreno, à região, ao conjunto, enfim, de tôdas as águas que correm para o Rio São Francisco. Sua posição está muito bem amarrada entre os paralelos 7 e 21 graus e bem pôde ser considerada como uma segunda linha litorrânea.

Com o Plano Salte, últimamente aprovado pelo Congresso Nacional, está o nosso Governo habilitado a dar solução a muitos problemas intimamente ligados à Saúde, aos Alimentos, aos Transportes e à Energia.

Relativamente ao aproveitamento da Cachoeira de Paulo Afonso, como fonte de energia elétrica e, bem assim, aos transportes, leis já foram aprovadas pelo Congresso e sancionadas pelo Governo, autorizando a abertura de créditos para o incremento desses dois magnos pro-

blemas, dando-se, assim, cumprimento parcial ao Plano Salte.

A notícia, há dias publicada pelos jornais, de que o Banco Internacional, com sede em Washington, aprovava o crédito de 15 milhões de dólares ao Brasil para as instalações hidroelétricas do Vale do São Francisco, deve ser motivo de grande alegria nacional, vencendo o ceticismo característico dos nossos tempos.

Esse crédito permitirá, de maneira auspiciosa, que se concretize com êxito um majestoso e patriótico empreendimento do Governo de nossos dias, que põe em evidência, de maneira inequívoca, na história administrativa do Brasil, como dos maiores e mais sensatos já promovidos pelo poder público.

O empréstimo a ser concedido pelo Banco Internacional, encorajando-nos a escrever estas linhas e cada vez mais nos faz crer no término feliz dessa grandiosa obra do Governo atual, entregue à Companhia Hidroelétrica do São Francisco, esperança de uma região.

A construção da Usina de Paulo Afonso, trará ilimitados benefícios para o nordeste brasileiro, já que uma área aproximada de 210.000 quilômetros quadrados, receberá os cabos de luz e de energia elétrica de

Paulo Afonso e, então, poderá trabalhar, progredir e espalhar também o progresso por aquelas plagas tão relegadas à sua própria sorte, com uma população de 6.800.000 habitantes, que desejam e têm o direito de prosperar tais e quais os seus irmãos do sul do país.

Uma coisa é preciso que seja dita, para que muita gente não continue a ignorá-la: processa-se uma verdadeira transformação na Bacia do São Francisco, graças ao interesse e carinho do atual Governo que, antes mesmo de aprovada, pelo Legislativo Federal, a lei que o autorizava a empregar grandes somas naquela região, já promovia toda sorte de providências tendentes à concretização de um de seus magníficos planos de ação. Como comprovante dessa assertiva, citamos aqui dados que, oficialmente, nos foram fornecidos e nos autorizam a dizer que o São Francisco de hoje já não é mais a região apenas conhecida através da história pátria, doentia, ou só lembrada quando o perigo percorria

o nosso litoral, mas a região que sofre grandes impulsos sob todos os pontos de vista, que progride e será o orgulho dos brasileiros.

Até há pouco, relacionava-se entre os trabalhos complementares à grande Usina de Paulo Afonso, os seguintes: uma Escola Rural, dezoito hospitais, havendo mais catorze em construção; cinco centros de postos de saúde; vinte portos foram melhorados ou construídos e quatro por concluir. Há quatro usinas hidroelétricas, pequenas; campos de irrigação, doze; campos de aviação, dez; rodovias em construção, sete; linhas telegráficas em construção, nove.

Informaram-nos, ainda que a maior campanha contra a malária até hoje realizada no mundo, está sendo levada a efeito na Bacia do São Francisco.

Diante desses fatos haverá algum argumento sólido contra a afirmação de que o São Francisco seja a região do futuro?

(De «O Treme-Terra», Niterói).



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E
MAIS BARATO!

BANCO CRUZEIRO DO SUL DE S. PAULO S/A.

Matriz - Rua da Quitanda, 144 — São Paulo

Caixa Postal, 259 - A — End. Telegr. «Bancruze»

CAPITAL: Cr\$ 30.000.000,00

Reserva: Cr\$ 32.000.000,00

Operações iniciadas em 1.º de Outubro de 1943 - Carta Patente N.º 3-043 de 15-9-1943

FILIAL DO RIO DE JANEIRO: Rua da Candelária, 4

DEPARTAMENTOS:

URBANOS (S. Paulo) — Belém — Pinheiros — Ipiranga — Santo Amaro — Jabaquara — Tucuruvi — Moóca — 25 de Março — Penha — (Rua Sto. André, 80).

INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO: — Americana — Avaré — Barretos — Cerqueira Cesar — Conchas — Fartura — Franca — Gália — Garça — Guarulhos — Herculândia — Ipaucú — Itapeverica da Serra — Itú — Jacareí — Jundiá — Leme — Limeira — Manduri — Miguelópolis — Mogí das Cruzes — Patrocínio Paulista — Pedregulho — Pirajuí — Pompéia — Pongai — Presidente Bernardes — Quintana — Rancharia — Santos — São Caetano do Sul — Suzano.

ESQUECEU DE INTIMAR...

Corria o ano de 1890.

O velho e escrupuloso sub-delegado de polícia, que entendia que fazer justiça era «torcer» pelas vítimas, presidia desta vez a um inquérito sobre suicídio.

Enquanto o nervoso escrivão trasladava para o linho de 33 pautas o depoimento das testemunhas, o «doutor» ia e vinha, passos lentos na sala da sub-delegacia, um tanto absorto em suas idéias, que chegava ao ponto de fazer cálculos em seus dedos. Vieram as testemunhas...

Tais foram os acenos do sub-delegado que despertaram a atenção do escrivão. Este, pondo os seus velhos óculos sobre a testa e depois de pedir as mais respeitosas desculpas e licença, perguntou: «doutor», o senhor parece que esqueceu dalguma coisa?

O sub-delegado, acordando como que de um sonho e batendo com a mão espalmada sobre a testa, respondeu: Firmino, você esqueceu de intimar o indiciado!

A. P. Rabello

Passado e glórias da Fôrça Pública

C. D'Agostino,

Conferência realizada na Associação dos Oficiais Reformados

Ilustração: ten. Felix B. Morgado

Vindo falar-vos das glórias e passado da Fôrça Pública de São Paulo, faço-o para que nos inclinemos reverentes a essa corporação militar de nosso Estado, pelo que tem inscrito ela em atos de bravura e disciplina nos fatos históricos de nossa pátria.

O soldado é o homem que se distingue por uma compostura humana incomum nos gestos públicos. E' o que acendra em seu intimo os deveres incondicionais, no cumprimento de sua missão, porque a recebe como um ditame de vida ou morte. Bastaria isto para que em cada um dêles se erigisse uma epopéia, tais os destinos heróicos a que se consagra. As guerras, ainda que feitas pelo engenho e arte, são de morte, porque o soldado as desfere pela sua intrepidez pois que nem sempre é o método, senão o despreendimento à vida, a causa de suas vitórias. Nos arrancos desesperados pela conquista da posição estratégica de si proprio, já que é a pátria que dita a façanha, bem que revela o militar a grandeza desse impulso e quando o vemos tombar sem vida, nele se extingue uma das centelhas vivificadoras da nacionalidade, pois que a trazia em seu coração, aquecendo o patriotismo que o fizera seu defensor:

Minhas senhoras e meus senhores, como vedes, há um quê de sobreumano

no militar, é o desinterêsse pela vida, dando-a à pátria. Não são as ideologias políticas, nem as pessoas na interpreta-



ção de seus regimes, mas a pátria em si o motivo de sua defesa, desejando-a íntegra na sua geografia e liberdade, já que é assim o seu chamamento na compostura do dever. Ainda que em filosofia sabemos que é dever fruir a vida,

ainda que em sentimentos religiosos, só a Deus cumpre tirá-la, que as afeições nos imponham vivê-la, para que afaçemos em nossos corações a tutela de nossos filhos, espôsas ou pais, no militar o dever da luta, portanto, da morte, se sobrepõe a êsses comuns anseios humanos, para que a deponha nas mãos da pátria e que dela faça a sua grandeza. Eis por que são de militares a maioria dos vultos e panteões que se erguem em bronze e mármore nas praças públicas e quanto mais antigas as nações, êles se elevam em incontáveis números como estatística da valia moral de seu povo, que teve em seus exércitos os heróis de sua tradicionalidade, os que lhe levaram a porção de terra em que vivem, cultivando os seus campos, acionando as suas fábricas, freqüentando as suas universidades, como nelas sentindo os impulsos de suas crenças; a nacionalidade composta de todos os elementos de progresso pelas armas, através dos tempos e das lutas contra as vicissitudes exteriores.

Desde Milcíades, o general ateniense, vencedor dos persas na batalha de Maratona, Napoleão, o corso herói de todos os mundos, de Nelson, a glória dos mares ingleses, os seus feitos estão sulcados na superfície da terra, nas linhas costeiras de suas pátrias, como nos louros de suas histórias; desde Hindenburgo a Jofre, de Wawell a Rommel, de Eisenhower, de Liantyl a Rondon, e Hermógenes Ferreira aqueles condutores nas marchas e lutas das armas, estes colonizadores de gentios, agindo de arma embainhada em prol da civilização, todos homens excepcionais em seus deveres e cultura às amplitudes das coisas pátrias. Todos revelando êsse complexo de conhecimentos nos fatos da guerra e suas virtudes, num misto de chefes de Estado e de armas, agindo pela tolerância da

administração social e disciplina da caserna, duplicidade difícil a acolher-se em um só ente humano; todos imbuidos até dos fatores econômicos da produção e seus destinos anômalos, nas lutas dos soldados, nas capacidades dos fornecimentos que devam nutrir a campanha, dos que digam da improvisação médica das ocorrências guerreiras, às da saúde de suas tropas, como na disposição da retaguarda, supridora completa e articulada em seus avanços, obra móvel que implica nos incalculáveis preceitos da previsão, da ordem e elasticidade de seu cumprimento. Imaginemos o mundo de preparação a que deve superintender um cabo de guerra e que o faz para a luta e vitória, a conquista da paz, como a da preservação da vida de seu soldado, instrumento de que se serve consecutivamente à guerra, aquilo que o expõem à morte, mas que só em vida é que dele se utiliza. A vulnerabilidade contraditória da filosofia das armas elas por si não agem, mas por elas quem as maneja pode morrer, que é o soldado.

Entretanto, a história dos povos em seus remotos tempos, conta-nos da serventia militar e sua evolução, no sentido de seu preparo, desde quando partirdas centúrias romanas em que os homens se organizavam para as lutas sob um físico hercúleo e adestrados no manêjo das adagas, "pilum", redes e escudos. Eram estes os elementos para as batalhas, lutando e marchando a pé; os celtas é que usavam carretões para a condução de suas tropas até o teatro da guerra, como em seus avanços e recuos. Já adiantados, os hunos iam para a liça a cavalo, usando o escudo, mas como arma de alcance, tinham o arco e a flecha. A nova e rápida ação dos soldados que desciam das estepes russas, montados em alimarias, era como a que hoje

denominamos "blitzkrieg". A infantaria tinha por ação galgar as seteiras, indo às ameias para desalojar o inimigo encastelado no seu forte, subindo por escadas, expondo-se aos golpes de maçãs e mangoias, como ao despêjo de óleo fervente. Os escudos, essas peças com as quais se resguardavam dos golpes das armas, mais tarde transformam-se em símbolos nobiliárquicos, desde que infundiam a idéia da defesa pela sabedoria, a

pelas armas, o saber de seus cabos na ciência dessas lutas, pois que hoje dominam espaços terrenos, marítimos, atmosféricos, naqueles agindo até nas suas profundezas, com os seus mais perfeitos instrumentos da destruição.

Assim, quanto ao homem, que se apresentou à militarização, desde que sobrevieram, os fatos da defesa coletiva, quando já era a sociedade que se deveria tutelar em seus direitos pela força. Se ad-



O cel. Antônio Pietscher, Presidente da Associação dos Reformados, quando agradecia ao ilustre conferencista, (que se vê à altura do microfone).

moral da audácia gloriosa. Das armaduras de malha, as cotas do século XV, manoplas do século XVI, como as do gênero de Carlos V e as de Philippe II; das bestas às bisarmas, partazanas, montanfes, maçãs e outros instrumentos de guerra dos idos tempos, canhão espanhol do século XVII, às peças que usam os soldados de nossos dias, bem que revelam o adiantado dos meios militares às lutas

mitirmos que das hostes romanas, à época feudal, o mercenarismos das armas era invocado pelo valor do homem, convenhamos que nos tempos medievais a elevação dêsse homem ao baronato se atribuía à sua coragem e vitórias militares. Eis, minhas senhoras e meus senhores, que o título de nobreza foi também de causa militar, por onde se averiguavam da vida. Mas não podemos deixar de re-

os pendores à luta pelo nobre desprezo ferir aqui que a generalização dos deveres militares nascera pelo que vira Napoleão na revolução francesa de 1789, assertivando na forma unissona em mover-se o povo, investindo contra a dinastia e instruções do Estado. Marchara êle como avalanches incontidas em seus passos, esmagadoras a todos os embates que lhes oferecessem. Fôra ai que se alojara no genial curso o exército de seus sonhos. Sentira-se êle invadido da idéia de que se aquela turba, de varapaus, foices, facões, machados e mais obsoletas coisas de luta a tudo avassalava, pelo número humano, na fúria de seus anseios de liberdade, teriamos que avaliar se fôsse ela arregimentada, preparada e posta a caminho da guerra. Nada por certo, a venceria. Dai, o serviço obrigatório das armas fazer-se sentir mais tarde entre as forças militares francesas. Digamos também, à guisa de comentário, que nos tempos napoleônicos, mandava a ética da batalha, que se oferecesse ao inimigo o início da luta, o primeiro tiro, como princípio das hostilidades.

Antes disto, o Brasil vinha de se incluir na fase primitiva, na do mercenarismo. Tinhamos uma existência colonial, dependiamos das ordenações da Metrópole. O Estado policial e jurídico, desenvolvia-se pelas figuras dos donatários, ouvidores, capitães-generais, capitães-mores, alcaides e capitães do mato, durante o reinado de D. José I, teve na pessoa de Pombal um acérrimo organizador de suas forças, quando em 1762 dera ao Conde de Lippe, aŷamado general britânico, a incumbência de disciplinalas, elevando-as aos destinos que a pátria desejava, preparadas para as guerras e ordem interna do país. Os métodos de Lippe eram os do tempo, rigorosos na

forma e obediência em cumpri-los, como se fizeram sentir também na colônia brasileira, em suas vilas e freguesias, indo até as novas disposições policiais. Foi quando se enviaram oficiais portugueses instruídos para introduzir aqui os ensinamentos militares da Metrópole, os que o conde inglês ministrara aos seus soldados. Ante os forais de vila que eram conferidos aos povoados que se fossem elevando a essa categoria, construídos nelas os castigos e repressão ao crime, vinham de se revelar incipientes os então quadrilheiros, homens de armas que prestavam voluntariamente o serviço de polícia, como quais guardas noturnos, portadores de enorme espada, tradição, quiçá, do montante dos antigos guerreiros de armaduras. Estes passaram a ser substituídos por soldados de feitura militar, os falcões munidos de arcabuzes, lanças e espadas, primeiro passo às milícias coloniais. Daí, os recrutamentos, ainda que de maneira impositora, à força, comecam a dar forma policial definitiva às coisas da ordem, de respeito à lei, como as autoridades preventivas e repressivas da polícia. Conta-se que ao apresentar ao seu comandante alguns recrutas, a patrulha o fizera declarando que lá estavam os voluntários de mãos amarradas às costas. Dá-se no Brasil o trauma econômico do açúcar, os engenhos de São Vicente são preferidos pelos de Pernambuco, não só devido ao maior rendimento da cana no setentrião brasileiro, como pela aproximação daquele litoral às remessas do produto à Metrópole. São Paulo vê-se postergado nessa sua atividade. Cuida, então, de alternar a vantagem, embora efêmera, pela da busca do índio para enviá-lo aos canaviais pernambucanos, escassos de homens à propicia produção. Eis quando o nosso bandeirismo descobre jazidas auríferas em

suas caminhadas pelas "Gerais", fato que transformou todo o aspecto econômico da capitania atirada ao léo de suas vicissitudes. Mas não tarda que a auspiciosidade se transmuda em lutas e represões, pela preferência do dadivoso achado à Corte de Lisboa. Foi quando no dizer do historiador, afluiriam a São Paulo os mais variados tipos de milicianos; não só desmembrava-se a sua capitania, dela extraindo-se Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, meio pelo qual se tirava do altaneiro povo paulista os devaneios de seu domínio, já que dêles não existiam prerrogativas liberais de posse, como, por esta forma, tornou-se fácil policiar a mineração aurífera, cuja renda deveria ser de aproveitamento exclusivo da Metrópole, mas para tanto cumpria-se agir acauteladamente com o povo do planalto e eis que o conjunto desses Caçadores, Fuzileiros, Dragões, Hussardos e mais soldados que aqui aportaram, davam a São Paulo a nota de uma praça de guerra apenas tomada pelos mais variados corpos de seus invasores. Contudo, as tropas iniciavam os serviços de correio, os de barreiras, na fiscalização do contrabando do precioso metal, como no respeito do índio às autoridades e povoados, e nas lindes sulinas, fazendo debandar para além do Prata o espanhol intruso. Evoluir por esta forma a idéia militar em nossa terra, já eram regulares os seus serviços e tinha êsse caráter definitivo a missão armada e social, da defesa e ordem à vida da colônia. No Rio de Janeiro, com a chegada de D. João VI, mudando-se para o Brasil a sede da monarquia, com a independência de sua justiça, age-se na formação de um corpo exemplar de soldados, nascendo a Polícia Militar, provinda ela da Guarda Real de Polícia, portadora

até hoje de foros de disciplina e garbo, que muito a enaltecem parecendo com isto o Corpo de Quadrilheiros da capital do país. A Intendência Militar, como qual ministério, vinha de incumbir-se dos serviços municipais, fiscalizando e construindo edifícios e ruas, tais eram os melhoramentos exigidos com a presença dos altos dignatários da coroa portuguesa. Elevado Pedro I a Imperador, desaparece com êle a antiga policia colonial, fundando a sua Regência a Guarda Municipal, para entregá-la aos auspícios dos juizes de paz, formação que se dava pelo serviço obrigatório e não menos uso de armas dos próprios conscritos. E esta logo substituída pela Guarda Militar de Polícia, sucediam-se as novas formações militares, na medida em que se fossem revelando as carências de melhores êxitos para a ordem e defesa do país, pois que a sua emancipação punha-o a descoberto de qualquer proteção de armas, como, contrariamente, as de Portugal, que se haviam transformado hostis. Quando não fossem os fieis à Corte, seriam os brasileiros que pediam se excluíssem aqueles da colaboração administrativa pública. E assim foi até, que a Guarda Militar de Polícia subleva-se contra o funcionalismo português suspeito à liberdade de nossa emancipação. Foi quando se pronunciou pela primeira vez, a indômita energia de Feijó, castigando severamente os insubordinados. O seu gesto, pela retidão e respeito à autoridade, a quem estava afeito julgar do ato daqueles dependentes do Estado, pôs termo à bernarda, como restabelecerá ao govêrno o respeito de sua majestade. Data de 1831 o fato da desordem, como daí por diante serem os deputados e demais homens públicos os críticos e defensores das medidas governativas. Desde então mobilizam-se as fôr-

ças das Províncias, para ter a quem confiar, a ordem pública, surge a Guarda Nacional, como se preocupa Feijó na organização de melhores meios militares para o país e a São Paulo é permitido ter a sua tropa de municipais permanentes.

Nasce por êste embrião, minhas senhoras e meus senhores, a que mais tarde deveria ser a nossa orgulhosa Fôrça Pública. A independência da pátria proferida em suas terras artífices como fôra dela o seu insigne filho, José Bonifácio acolitado por Martim Francisco e outros paulistas nessa santa aspiração de devotamento liberal ao nosso povo, resulta não deverem ser menores as ardências dos filhos de Piratininga, pelo grande feito. A abdicação de Pedro I, complemento final e desgarrador de qualquer influência portugueza, deixando em terras brasileiras "o filho órfão com pai", dito provocador dos adeptos colonistas, dá ensejo às arruaças de São Paulo, como, deploravelmente, o assassinio de Libero Badaró, além de pronunciamentos anti-escravocratas no seu interior.

Diante destes naturais fatos que eram os de um povo que vinha de dispor da própria terra, depois de séculos de domínio estrangeiro, estende-se pelo país a idéia de uma disciplina militar que contivesse os excessos de liberdade e que já punha em cheque a obediência às coisas públicas, o extravasamento de um direito que lhe fôra negado até ali pelo insólito despotismo ultramarino.

Em São Paulo forma-se o Corpo Municipal Permanente, instituído pelo brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, já dividido em infantaria, caçadores e cavalaria, aquartelando-se no convento de Nossa Senhora do Carmo como se um forte alcantilado sôbre o Bráz, revelando, talvez, a sua posição a cavaleiro da ordem.

A província já denotava a sua importância, reunindo em sua capital cêrca de 30 mil almas, a sua economia desenvolvia-se a passos largos, como a temos hoje pujante de fatores nacionais. Pouco iluminada, prestava-se a pequena cidade aos distúrbios românticos estudantis, como dos fascínoras que já a inundavam, a miúde desobedientes ao toque plangente dos sinos de Bom Jesus, invocando o recolhimento do paulista aos seus lares, na via pública só permaneceriam os militares a serviço da ronda. No bairro da Luz, onde se davam as feiras e festividades da igreja, ainda existente, da Santíssima Trindade, reuniam-se os soldados, compartilhando das comemorações religiosas, lá também faziam as suas paradas, numa demonstração de garbo e mestria militar.

Como acontecimento social da época e de caráter militar no sentido do homem, em Sorocaba consorcia-se a Marquesa de Santos com o fundador da nossa polícia, senhora de altos títulos de nobreza, que ligava os seus aos sentimentos do presidente de nossa província.

Dá-se a escolha do primeiro comandante da milícia, era já o vinco de sua importância, como da independência de seus próprios destinos militares. Recai ela no alferes José Gomes de Almeida, notável pela sua juventude e acendrado mérito no dever disciplinar e administrativo da tropa, entregando-lhe a ordem governativa a direção da infantaria, e ao capitão Pedro Alves de Siqueira a da cavalaria. José Gomes de Almeida revela-se o militar de prumo, não só na forma de seu comando, agindo com justiça e conhecimento do mister, como nos pendores de urbanidade que lhe moviam os passos de cordura para com os seus camaradas de armas. Assentando praça nos sonhados anos de sua mocida-

de, apenas contando d'elles 17, é na campanha do sul que demonstra a sua audácia militar. Já vinha elle da pelêja precedido de elogios, como se referira o comandante do corpo em que se integrara para a luta nos pampas brasileiros. Eis que tem em seu berço de glórias a nossa Fôrça Policial a figura de seu primeiro comandante, assim elevada por atos de bravura de suas próprias armas e que os tivera fora de São Paulo pela causa de uma ocorrência nacional. Não foram menos os motivos que guindaram o capitão Pedro Alves de Siqueira, já que méritos superiores, os de saber e disciplina é que o conduziram à nomeação ao alto posto. Como vêdes, ambos alcançaram os direitos honrosos da direção de seus corpos, filhos como eram da grande família da arma policial de São Paulo. Os atos de bravura do capitão Siqueira também se revelaram na campanha do sul, e no esmagamento de suas afeições pessoais, seguindo para ella, deixando família, a quem devotava grande afeto.

Mas, se não bastassem estes fatos que vêm de assinalar as valias militares dessa nossa fôrça, desde a sua origem, de suas armas às da ordem, pelos seus componentes e atos, públicos que a conceberam, teríamos os feitos nacionais, para que na história a inscrevessemos épicaamente, como os da Vila de Lages, no combate contra os Farrapos, em cuja façanha sobressai um vulto dos "permanentes", o embrião por onde vicejara a sua grande existência, figura do 2.º tenente Manoel Vidal Gonçalves. A folha de seus serviços já era a de guerras, como as fizera das fronteiras de São Paulo ao extremo sul do país e seus soldados viam de agigantá-la em coragem e preparo para a luta. Na revolução liberal de São Paulo e Minas, lá estava ella, sem

mitigar esforços e galhardia, para a vitória, como o demonstrará em Campinas, na Fazenda Vargem Grande o heróico cap. Boaventura de Amaral Camargo. Morre elle prisioneiro nas mãos dos rebeldes conduzidos pelo parente de Feijó. Caxias arremete-se contra os revoltosos, tendo em suas gloriosas tropas ainda os "permanentes" de São Paulo. Isto de armas nas mãos e pelejando com ellas com denodo incomum, mas há também fato pacífico que resalta mais ainda o grandioso pasado de nossa milícia. O do capitão Hermógenes Ferreira, levando, junto aos seus soldados, a incumbência de explorar os campos de Palmas, no vale de Iguaçú, pois que era intuito do governo estabelecer, nessa rica parte do sul de nossa terra, uma colônia pastoril. Não fôra só o trabalho topográfico, mas o da catequese aos Coroados, que invadiam a região. Pois bem, Hermógenes funda o povoado, protege como recolhe os selvícolas à civilização, levanta do local os mapas dizendo já o que hoje é a parte mais promissora do Estado do Paraná. E' ainda a Fôrça Pública de São Paulo que se deve esse valioso serviço de bandeirismo pacífico e alargador da nossa geografia económica.

Canudos tivera também a contribuição dos militares paulistas embarcando o seu 1.º Batalhão para o nordeste do país, convulsionado pelos "jagunços" de Antônio Conselheiro, sob o comando do tenente-coronel Elesbão dos Reis. Em toda a campanha, feita com árduos trabalhos da luta, não poucos foram os que sucumbiram no cumprimento desse insigne dever. Tomaram parte no assalto final à cidade do fanático cangaceiro, em destemido avanço. Eram de postos graduados os feridos das nossas armas, como o major fiscal José Pedro de Oliveira, capitão José Martiniano de Car-

valho, deixando os nossos soldados aquelle reduto só depois da vitória contra os alucinados facinoras. Na pelêja em que o Exército do país se vira a braços com não poucos revêses, a milícia de S. Paulo, ao seu lado, com o mesmo denôdo e sob as vicissitudes da guerra, alteia-se no preparo e coragem ante a derrota inflingida aos inimigos do regime. Ainda é da memória do povo a apoteose da volta de nossos soldados à nossa Capital, recebidos como foram os bravos milicianos no seu desembarque por graciosas crianças que entregam ao Batalhão vitorioso, em nome de São Paulo, um ramo de flôres, atado por uma fita com honroso dístico, dizendo da gloriosa façanha. Em marcha batida, sob o som da música e chuva de coloridas pétalas, engalana-se festivamente a cidade, pois que nela eram os paulistas ufanos de seus grandes soldados que acorriam, enfileirando-se à sua passagem, de chapéus nas mãos, no dignificante gesto de preito ao triunfo com que vinham de glorificar São Paulo; eram o coração de seu povo que palpitava ufano entre o sorriso e as lágrimas das emoções incontidas pela gratidão e alegria de Piratininga, feliz de sua valorosa Fôrça Pública. Qual não foi também a epopêia de 32, quando da reivindicação constitucionalista do país. Se devessemos passar em revista os nomes da farda policial de São Paulo, que nela tombaram, bastaria que num só, símbolo dêsse devotamento à causa da liberdade pela lei do povo, o do commandante Salgado, se erigisse a magnitude do gesto e sua alevantada significação, a das armas a serviço da aspiração máxima de nossa gente que reclamava um governo de seu sufrágio, para ser de seu peito a condução dos destinos pátrios. A última guerra teve em suas fileiras adeptos, que para ela seguiram anônimos, entre os batalhões de nosso

Exército. Eram voluntários que iriam dizer da magnitude militar e patriótica dos soldados da nossa Fôrça Pública.

Ainda em recordações indelêveis, digamos da Missão Francesa, que se dedicara ao aperfeiçoamento de guerra da nossa Fôrça Pública; da sua Banda de Música, célebre pelos seus dirigentes, como Antão e Lorena, fastigio do paulista pela arte que dela se irradiava nos seus concertos públicos, de grandes aplausos e sensação humana; da sua cavalaria, do carroussel e garbo com que cavalgavam os soberbos corcêis; das clarinadas, da conjunção dos corneteiros e tambores da sua infantaria para com a banda, imprimindo às passeatas aquella marcialidade que se vinha alojar em nossos orgulhosos corações. Ah! como sentimos aconchegada em nosso peito essa lembrança altaneira da Fôrça Pública de São Paulo, como repassamos pela nossa memória, cativa de afeições os condutores de seus grandes destinos, como os coronéis Neiva, Batista da Luz, Alfieri, Pedro Dias de Campos e outros, como aqueles que aqui estão, reformados e que deram a êsse apanágio todo de nossa descrição, as grandezas que vimos de referir e, que se não apagarão jamais dos corações paulistas. Na figura de vosso presidente, Comandante Antônio Pietscher, rendo as homenagens pelos notáveis e gloriosos serviços que prestastes a São Paulo.

Eis, minhas senhoras e meus senhores, o que tinha que vos dizer, comovido pela lembrança do passado e glórias da Fôrça Pública de São Paulo, e num clamor de justiça elevo a minha voz em hosanas a essa gente, eterno orgulho da gente de Piratininga. O panteão de seus homens, aloja-se no coração dos paulistas, perene como tem na lembrança os seus imorredouros feitos.

Coisas da Fôrça Pública

Cel. Anchieta Torres
Ilustração do al. of. IRAÍ CATALANO

- I -

Os Prisioneiros do Rodrigues Alves

Durante o movimento constitucionalista de 1932 as tropas que guarneciam o eixo da estrada de rodagem S. Paulo-Paraná, após sua retirada de Guapiara, estabeleceram-se defensivamente no local denominado Pinhal, alguns quilômetros além de Capão Bonito.

Comandava a ala esquerda do dispositivo, onde a pressão adversária se fazia sentir mais intensa, o major Rodrigues Alves, que se vinha distinguindo como excelente comandante de batalhão, o que não o privava de, vez por outra, pregar uma ou outra peça aos companheiros, o que muito os aborrecia.

Certa feita, tendo ido até à cosinha do seu batalhão a fim de providenciar qualquer cousa com referência ao abastecimento de sua gente, observou que, ao contrário do que acontecia nas trincheiras, o efetivo alf era exagerado. Havia cosinheiro, ajudante do cosinheiro, ajudante do ajudante, encostados, etc. Era gente demais.

O major chamou o tenente aprovisionador e, falando-lhe reservadamente, de modo porém, a ser ouvido por alguém nas imediações, disse-lhe da dificuldade em que se encontrava para evacuar cêrca de cinqüenta prisioneiros que havia feito pela manhã. Estavam os mesmos sob a guarda de poucos homens e não dispunha êle de elementos que os



pudessem conduzir. Si se apresentassem alguns voluntários com que pudessem organizar uma escolta, seria ótimo: para êle que não desfalcaria sua tropa e para o pessoal da escolta, que teria oportunidade de ir até Itapetininga, possivelmente até São Paulo, onde visitaria a família, etc.

A notícia correu célere e, dez minutos depois, estavam formados perto de vinte homens, inclusive um capira do local, armado com a sua velha "pica-pau".

O major Rodrigues Alves, satisfeito, passou a escolta em revista, corrigiu um ou outro detalhe do fardamento e do armamento, excluiu um soldado que não poderia ir por ser o único enfermeiro e não podia ser dispensado. Acom-

panhado dos demais dirigiu-se aonde, segundo dizia, estavam os prisioneiros.

Ao atingir uma certa crista o numeroso grupo foi recebido por uma verdadeira saraivada de balas. Como havia próximo uma trincheira, por sinal pouco guarnecida, todos, inclusive o major, nela se abrigaram e, instintivamente os homens da escolta, mal refeitos da surpresa, apoiaram-se ao parapeito e passaram

a responder o tiroteio, juntamente com a guarnição que ali se encontrava.

Cessado o fogo, o major que estava sentado a um canto, enrolando pachorrentamente um cigarro caipira, dirigiu-se aos novos combatentes e, apontando-lhes a trincheira adversária em frente, disse-lhes :

— Os prisioneiros estão ali. É só ir buscá-los.

- II -

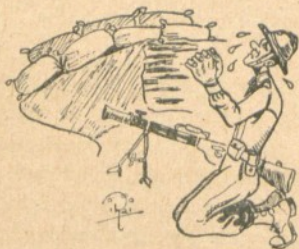
A Gente fica onde está...

Corria o mês de agosto de 1932. A esse tempo as Forças Constitucionalistas haviam já perdido várias cidades do Sul do Estado e, em consequência, os comandantes de praças — civis comissionados em major — nomeados para elas, não comandavam coisa nenhuma e andavam sem ter o que fazer, acompanhando esta ou aquela fração de tropa. Dêles, alguns eram inofensivos. Limitavam-se a ficar pelos P.C. observando o ambiente ou então retiravam-se para novas paragens. Outros

não. Viviam para incomodar o próximo. Conhecemos um que era a impertinência personificada. Parecia uma dessas crianças temíveis que querem saber o porquê de tudo e não se contentam com nenhuma resposta que não esgote o assunto.

Felizmente o nosso herói tomou-se de simpatia pelo tenente Buck, comandante das nossas minguadas duas peças de 75 e não o deixava sossegado. Era ver o pobre tenente dirigir-se aos seus canhões e lá estava o nosso "major" com as suas perguntas. Queria saber, entre outras cousas, si havia bastante munição, qual o alcance daquelas peças, como podia ser feita pontaria sem ver o alvo, si não haveria perigo da artilharia adversária localizar a nossa e destruí-la, e outras cousas que tais.

O pobre tenente ia atendendo, como podia, às perguntas feitas, ora com respostas mais ou menos evasivas, que provocam outras perguntas, ora empregando termos técnicos que deixavam o interlocutor tonto.



Certo dia, à hora do almoço, o tenente Buck, para quem as cousas não haviam corrido bem pela manhã, estava a ponto de estourar. Justamente na ocasião chegou o aviso de que um avião suspeito aproximava-se e quando o tenente providenciava a colocação de uma metralhadora anti-aérea o nosso major achegou-se a êle e perguntou:

— Tenente Buck. Há alguma defesa eficaz contra bomba de avião?

— Há sim, responde o tenente maliciosamente. A gente fica onde está e "torce" para que a bomba vá cair noutro lugar.

O "major" desapareceu e nunca mais o vimos.

- III -

No cabo da picareta

Após o término da Revolução Constitucionalista, impoz-se à situação dominante a diminuição do efetivo da Fôrça Pública, mediante nova reorganização. Feita essa, sobrava muita gente a quem era preciso dar um destino.

Aos alistados, durante o movimento revolucionário, concedeu-se, baixa do serviço e ficou resolvida a situação. Reservaram aquêles mais antigos, com certos direitos e que não podiam ser excluidos sem mais formalidades.

Resolveu, então o Interventor Federal aproveitar êsses elementos na organização de um batalhão de sapadores, o qual foi empregado na construção da estrada de rodagem que conduz à Caraguatubá e S. Sebastião, no litoral.

Como é óbvio, os soldados não compreenderam o alcance da medida e, mui-

tos deles não afeitos ao serviço de remoção de terra, tomaram a mesma como um castigo, por terem perdido a revolução.

Certo dia, após o almoço, o Manoel Aniceto, homem da cidade, descansava com vários companheiros ao lado, aguardando a hora da entrada no trabalho, quando sua atenção foi atraída por uma fôlha velha de jornal, cujos títulos e subtítulos eram berrantes.

Tomou a fôlha e leu a notícia. Em uma das repúblicas vizinhas, havia estourado uma revolta mas o govêrno já dominava a situação.

Manoel Aniceto cotucou o camarada vizinho, espichou o lábio inferior para o que havia lido e comentou:

— A estas horas "êles" estão dando duro no cabo da picareta.

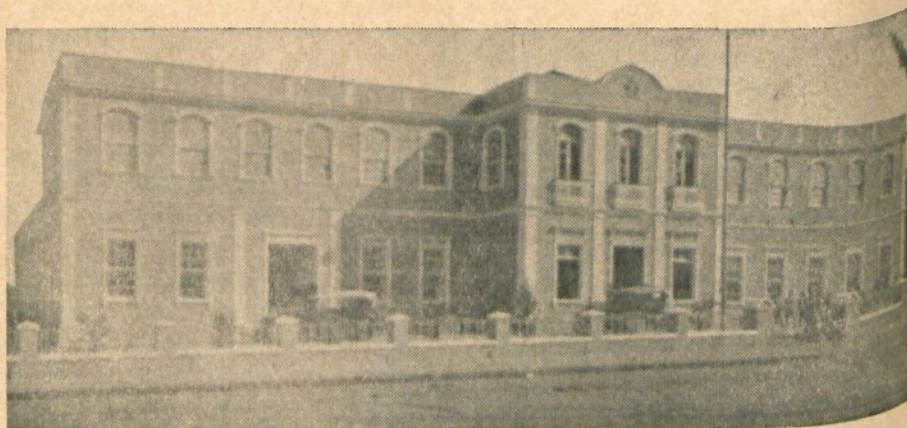


A Arvore da Liberdade deve ser regada, de tempos a tempos, com o sangue dos tiranos. É o seu adubo natural.

THOMAS JEFFERSON

Polícia Militar de Santa Catarina

Um pouco da sua História à passagem de mais um aniversário.



Florianópolis — Quartel da Polícia Militar

5 de maio de 1835 é a data registrada na criação legal da Polícia Militar de Santa Catarina, com o nome de Fôrça Policial. Vem essa decisão do governador Feliciano Nunes Pires, procurando corporificar uma outra de nulos efeitos, e de iniciativa do Regente Feijó, que em lei de 10 de Outubro de 1831 autorizava aos Conselhos Municipais das Províncias a criação dos Corpos de Guardas Municipais Voluntários.

De 52 homens constava o efetivo do núcleo inicial da Fôrça Policial, sendo 1 primeiro comandante, 1 segundo, 1 cabo e 8 soldados de cavalaria montados à sua custa, 4 cabos, 36 soldados e 1 corneta de in-

fantaria. A 22 de janeiro de 1836 foi nomeado seu comandante o alferes Joaquim Antônio de S. Tiago, oficial do Exército, para que pudesse dar à novel corporação uma sólida base disciplinar.

Sua missão era essencialmente executiva, ao mesmo tempo que contribuía para a manutenção do ordem, e cujo regulamento entrou em vigor logo a 12 de maio do mesmo ano, dando normas sôbre disciplina, uniforme, instrução e engajamento.

Mal inciara sua existência, defrontara-se logo a Fôrça Policial com os problemas de Revolução dos Farrapos. O presidente, dr. José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, su-

cessor de Feliciano Nunes Pires, re-duziu o seu efetivo porque a Pro-víncia era teatro da luta fatricida que manchava o solo pátrio. E mais tarde quando os ardorosos revolucio-nários atingiram a Província, seu e-fetivo foi restabelecido, sendo asse-guradas novas vantagens aos elemen-tos.

Daí para cá sua vida é tôda pon-tilhada de acontecimentos vários, sen-do de notar que durante a guerra com o Paraguai, 12 elementos dos 75 de seu efetivo, foram engajados no Exér-cito e participaram da campanha pa-triótica. A República encontrou-a com um efetivo de 160 homens, assim dis-tribuídos: 44 na capital, 14 em S. Jo-sé, 18 em S. Francisco, 18 em La-guna, 16 em Lage, 14 em Itajaí, 12 em Curitibaanos.

Em 1912 surgiu a campanha do Contestado que perturbou a ordem durante certo tempo. Dela participou a Fôrça Policial com seu Regimento de Segurança comandado pelo ten. cel. Gustavo Schmidt, o qual tomou parte ativa em diversos combates, em 1914.

Em 1917, pela lei 1137, de 30 de setembro, tomou o nome de Fôrça Pública, sendo considerada então re-serva de 1ª linha do Exército, em vir-tude do acôrdo assinado entre o go-vêrno do Estado e o da União, com o que se inicia decididamente a pa-dronização de tôdas as policias mili-tares brasileiras. Essa lei é também a estaca zero de uma era de prospe-ridade e aperfeiçoamento técnico e cultural.

Desdobram-se os organismos, criam-se escolas, melhora-se o mate-rial de combate ao crime, dá-se com-



Cel. Antônio Lara Ribas
Comandante da P.M.

bate ao fogo destruidor das cidades, selecionam-se os homens para suas funções específicas, sistematiza-se a educação física, embrenha-se pela as-sistência social, cultiva-se a vida so-cial. E todo um ciclo em constante ebulição, pondo em prova o ardor construtivo do povo catarinense.

Escola Regimental «Marechal Guilherme», Biblioteca, Companhia de Atiradores, Contadoria e Almoxa-rifado, Serviço Médico e Dentário, Banda de Música e Jazz Band, Far-mácia, Secção de Bombeiros, de En-fermeiros, Escola de Radiotelegrafia, Cantina Militar, Escola de Armas Automáticas, Enfermaria Regimen-tal, Companhia Escola, Almanaque Militar, Escola de Educação Física,

Corpo de Oficiais da Reserva, Justiça Militar, Vila Militar de Herval, Alfaiataria, Serviços de Transportes, Secção de Material Bélico, Clube de Oficiais, eis tudo quanto se fêz de proveitoso durante êsse tempo.

Também participou com bravura dos acontecimentos militares que agitaram a região naquela época.

Presentemente, com efetivo bem aumentado, cumprindo gloriosamente sua missão de mantenedora da segurança pública, vê passar mais um aniversário sob o comando patriótico do cel. Antônio Lara Ribas.

A passagem dessa efeméride, «MILITIA» felicita seu comandante e os seus dedicados oficiais.

Festejos comemorativos do 115.º aniversário

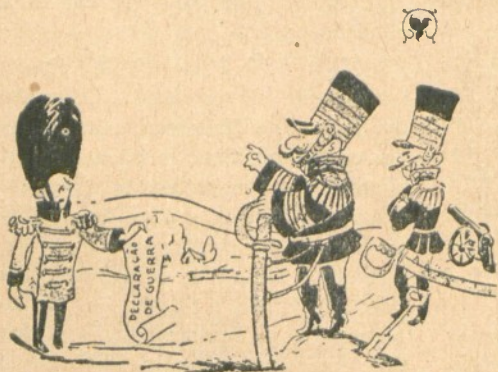
Comemoração condigna da efeméride que assinala o aniversário da criação da P. M. registrou-se em Florianópolis, obedecendo ao seguinte programa:

No dia 4 de maio, inauguração do Estande de Tiro «Cap. Paiva», no sub-distrito da Trindade, seguindo-se o torneio de tiro.

No dia 5, realizaram-se no Estádio as demonstrações dos atletas milicianos, seguindo-se as provas desportivas de voleibol e basquetebol; uma churrascada oferecida às praças pelo Governador do Estado, dr. Aderbal Ramos da Silva; uma sessão cinematográfica; posse da nova diretoria do Clube de Oficiais; e, terminando, o sarau litero-musical-dansante no salão da Biblioteca «Cap. Osmar Silva», à qual emprestaram seu concurso aplaudidos artistas e conjunto musical, prolongando-se até a madrugada num ambiente de muita alegria e entusiasmo.

Clube de Oficiais

Tomou posse a nova diretoria eleita para o biênio 50-52: Presidente — cel. Antonio Lara Ribas; vice-presidente — ten. cel. João Elói Mendes; 1.º secretário — 1.º ten. Celino Camargo Pires; 2.º sec. — ten. Pedro Nogueira de Castro; 1.º tesoureiro — ten. Gilberto da Silva; 2.º tesoureiro — ten. João Cardoso de Sousa; conselho fiscal — maj. Américo Silveira d'Avila, cap. Mário Fernandes Guedes e cap. Rui Stocler de Sousa.



BUROCRACIA

— General, venho declarar-lhe a guerra.
— Sinto muito, mas não posso aceitar uma declaração de guerra em requerimento sem selo. Sele e volte...

O processo da contravenção penal na prevenção do crime

OSÓRIO PEREIRA CAVALCANTI

(Delegado de Polícia, Adjunto da Secção de Processos por Contravenções
Penais do Departamento de Investigações)

N. da R. — Consoante nossa nota explicativa do número anterior (n.º 16, pág. 54), apresentamos, a seguir, o complemento do trabalho nela referido. Com esta publicação, terão os policiais e policiais-militares do Brasil e os leitores de MILITIA, de modo integral, uma preciosa fonte de consulta, que por certo lhes será utilíssima, na eventualidade duma situação de fato relativa a contravenções penais.



Na capa da pasta:

AUTO DE FLAGRANTE POR CONTRAVENÇÃO PENAL

Artigo : 25 da *Lei das Contravenções Penais* (Decreto-lei
3.688 de 3 de outubro de 1941)

Autora : A justiça

Acusado : W.C.

AUTUAÇÃO

Aos dez dias do mês de agosto de mil novecentos e quarenta e nove, nesta cidade de São Paulo, na Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações, em meu cartório, autuo as peças que adiante se seguem e, para constar, lavrei este termo.

Eu, C.S.A., escrivão, que, em parte, o dactilografei.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

Departamento de Investigações

AUTO DE PRISÃO EM FLAGRANTE

Aos dez dias do mês de agosto de mil novecentos e quarenta e nove, nesta Cidade de São Paulo, na Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações, onde se achava presente o doutor O. P. C., Delegado de Polícia Adjunto, comigo Escrivão de seu cargo, ao final assinado, aí, às quatorze horas e meia, compareceu o condutor A. G., branco, brasileiro, natural de Tambaú, dêste Estado, com vinte e nove anos de idade, solteiro, filho de F. G. e de F. P., funcionário público, (investigador de Polícia), sabendo ler e escrever e residente à Avenida..... n.º..... o qual, compromissado na forma da lei, disse que:

— O declarante e seu companheiro A. U., achavam-se de ronda contra os ladrões da cidade, quando pouco antes das sete horas de hoje, ao passarem pela rua Mauá, avistaram o acusado presente, que é conhecido ladrão, com inúmeras passagens por êste Departamento, processos e até condenações; que em face da atitude suspeita do acusado presente, W. C., e certos de que o mesmo não trabalha, passaram-lhe uma busca, encontrando, então, entre a calça e a cueca, as seis chaves ora exibidas, enroladas no lenço azul listado, também ora exibido; que, indagando do acusado presente W. C. sobre a finalidade e procedência dêsses instrumentos, êle respondeu que os confeccionara como encomenda de um outro ladrão que com êle cumprira pena por crime de roubo na Casa de Detenção, não dando o nome dêsse ladrão; que tudo indicava que o acusado presente possuía tais instrumentos, isto é, as chaves falsas, usualmente empregadas na prática do furto, para consumação de delitos dessa natureza, e como não tenha provado destinação legítima, o declarante deu-lhe voz de prisão em flagrante e o conduziu a êste Departamento; que o declarante sabe que o acusado presente já foi condenado por crime de furto qualificado; que nada mais sabe sobre a vida progressa do acusado presente e referido.

Perguntado ao acusado presente se tinha advogado para defendê-lo neste processo respondeu negativamente, razão por que a autoridade designou para seu advogado e nomeou o Dr. L. O. T., inscrito na Ordem dos Advogados, Secção de São Paulo, sob o n.º..... e com escritório e residência nesta Capital, à rua..... n.º..... o qual, aceitando a incumbência, prestou o seguinte compromisso:

TÉRMO DE COMPROMISSO — Em ato seguido, perante a mesma autoridade, compareceu o doutor L. O. T., advogado, inscrito na Ordem dos Advogados, Secção de São Paulo, sob número o qual aceitou o compromisso que lhe foi deferido pela autoridade de bem e fielmente desempenhar as funções, sem dolo nem malícia, de advogado do acusado presente W. C., com observância das prescrições legais; do que, para constar, mandou a autoridade que se lavrasse o presente termo, como parte componente e integrante deste auto de flagrante, o qual vai, no final, assinado devidamente.

Em ato seguido, passou a autoridade a interrogar a testemunha A. U., branco, brasileiro, natural desta Capital, com vinte e seis anos de idade, casado, filho de J. U. e M. A. U., funcionário público (investigador de Polícia), sabendo ler escrever e residente à rua n.º Aos costumes disse nada. Prestou juramento legal de dizer a verdade sob palavra de honra. As perguntas da autoridade, respondeu :

Que fazia parte de uma diligência rondante e destinada a deter ladrões, constituída também do condutor presente A. G., quando ambos ao passarem pela rua Mauá, pouco antes das sete horas de hoje, avistaram o acusado presente W. C.; que em face da atitude suspeita do acusado presente, não tiveram dúvidas em detê-lo, passando-lhe busca; que nada encontrando nos bolsos do acusado presente, passaram a verificação mais meticolosa, encontrando, então, entre a cueca e a calça do acusado presente, as seis chaves enroladas e embrulhadas pelo lenço azul de listas, agora tudo exibido; que sabendo ser o acusado presente, W. C., conhecido ladrão, já condenado por crime de furto qualificado e sabendo ainda que o mesmo não trabalha, vivendo de roubos e do seu produto, o declarante e seu companheiro, certos de que as referidas chaves encontradas em seu poder se destinavam à pratica de furtos, deram-lhe voz de prisão em flagrante e o conduziram a este Departamento, onde o apresentaram à autoridade competente; que o referido acusado, ao ser prêso e interrogado, respondeu-lhes que ditas chaves haviam sido por êle confeccionadas como encomenda de um outro ladrão que cumprira pena na Casa de Detenção juntamente com êle e que lhe ia pagar por essa confecção a quantia de quinhentos cruzeiros; que nada mais sabe sobre a vida pregressa do acusado presente. Dada a palavra ao advogado do acusado, nada reperguntou. Nada mais disse.

Em seguida passou a autoridade a interrogar o accusado sobre a imputação que lhe foi feita. Respondeu o acusado, dando a seguinte qualificação: — W. C., branco, brasileiro, natural desta Capital, filho de V. C. já falecido e de J. C., casado, mecânico, sabendo ler e escrever e residente à rua n.º bairro de, e acrescentando que: o declarante passava hoje pela rua Mauá, dirigindo-se a São Caetano, quando foi prêso pelo condutor e testemunha

presentes e já depoentes, por haver sido encontrado com um embrulho contendo as seis chaves, embrulho êsse envolto pelo lenço azul já descrito; que essas chaves, o declarante as confeccionara, atendendo a uma encomenda que lhe fizera um ladrão, cujo nome ignora e que cumpriu pena na Casa de Detenção juntamente com o declarante; que êsse ladrão combinara encontrar-se com o declarante, para receber essas chaves, de sete e meia ás oito horas de hoje, em frente à Estação da Luz; que êsse ladrão prometera pagar a quantia de quinhentos cruzeiros ao declarante, quando dêste recebesse as referidas chaves aqui exibidas; que, não dando crédito ao declarante quanto a essa história, o condutor e a testemunha presente deram-lhe voz de prisão e o conduziram a êste Departamento, onde o apresentaram à autoridade competente; que ao ser prêso, o declarante pretendia apresentar-se para trabalhar nas Indústrias Reunidas F. Matarazzo, em S. Caetano, conforme fôlha de apresentação que agora exhibe; que, na data de ontem, o declarante esteve nessa firma e recebeu ordem para trabalhar a começar de hoje; que o declarante tem trabalhado, avulsamente, na rua n.º de mecânico de motocicleta, há questão de quase um ano; que a prova de que o declarante trabalha e se dirigia hoje para o trabalho é que conduzia o macacão que ora exhibe.

Dada a palavra ao advogado do acusado, às suas reperfuntas o declarante respondeu: que também exhibe um cartão de mecânico ajustador e a carteira profissional datada de vinte e seis de junho de mil novecentos e quarenta e sete, embora sem nenhuma anotação de trabalho; que pede não seja apreendida essa carteira e sim apenas a fôlha de apresentação, para que não tenha embaraço em procurar colocação; que a autoridade poderá mandar um investigador nos lugares onde é conhecido, a fim de ver se o declarante está vivendo de roubo. Nada mais disse. Nada mais havendo, mandou a autoridade encerrar êste auto, que depois de lido e achado conforme, vai devidamente assinado.

— Eu, (a) C. S. A., eŝcrivão que o datilografei e subscrevi.

- (aa) O. P. C. — Delegado de Polícia Adjunto
- A. G. — condutor
- A. U. — testemunha
- W. C. — acusado
- L. O. T. — defensor (ou curador)
- C. S. A. — Eŝcrivão.

POLICIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Departamento de Investigações

— :: —

QUALIFICAÇÃO

Aos dias do mês de
de mil novecentos e quarenta e....., nesta cidade de São
Paulo, na Delegacia de
onde se achava o Doutor
....., Delegado respectivo,
comigo escr..... de seu cargo, ao final assinado, compare-
ceu
....., de côr
a quem a autoridade fêz as seguintes perguntas :

Qual o seu nome?

Qual a sua nacionalidade e lugar do nascimento?

Qual o seu estado civil?

Qual a sua idade?

Qual a sua filiação?

Qual a sua residência?

Qual o seu meio de vida ou profissão?

Qual o lugar onde exerce a sua atividade?

Sabe ler e escrever?

E, nada mais hayendo, mandou a autoridade encerrar êste auto,
que assina com o qualificado

POLÍCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Departamento de Investigações

AUTO DE EXIBIÇÃO E APREENSAO

Aos dez dias do mês de agosto de mil novecentos e quarenta e nove, nesta cidade de São Paulo, na Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações onde se achava o Doutor O. P. C., Delegado Adjunto respectivo, comigo escrivão de seu cargo, ao final nomeado e assinado, aí, em presença das testemunhas infra assinadas, compareceu A. G. (x) e exibiu à autoridade seis chaves falsas encontradas em poder do acusado W. C. conforme auto de prisão em flagrante retro

Em seguida, pela mesma autoridade foi ordenado que se fizesse a apreensão dos objetos acima mencionados, o que foi feito. Nada mais havendo a tratar, mandou a autoridade encerrar este auto, que, depois de lido e achado conforme, vai devidamente assinado.

Eu, (a) C. S. A.
escrivão, que o escrevi e assino.

- (aa) O. P. C. — Delegado de Polícia Adjunto
- A. G. — Condutor
- A. U. — Testemunha
- W. C. — Acusado
- C. S. A. — Escrivão.

Rubrica da Autoridade:

(x) Em geral, o condutor do préso.

SECRETARIA D ASEGURANÇA PUBLICA

Departamento de Investigações

Serviço de Identificação

— :: —

N.º.....

São Paulo,.....de.....de 19....

Ilmo. Snr. Diretor do Serviço de Identificação

CAPITAL

De conformidade com o Regulamento do Departamento de Investigações, faço apresentar a V. S., a fim de ser identificado, o preso :

Nome :

Vulgo :

(Pai :

Filiação (Mãe :

Data do nascimento :

Cutis :

Naturalidade :

Data da prisão : Hora da prisão :

Motivo da identificação: **Infração do Art. 25 da Lei das Contravenções**

Penais

Local da ocorrência: **Rua Mauá**

Data da ocorrência: **dez de agosto de mil novecentos e quarenta e nove**

Nome da vítima :

Há inquérito policial? **Processo. Quer Folha de Antecedentes? Sim**

Autoridade a cuja disposição passa o preço: **M. Juiz Criminal**

.....

RESERVADO AO SERVIÇO: Registro Geral n.º

Observações :

.....

Saudações.

(a) O. P. C.

Delegado de Polícia Adjunto da Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento ed Investigações.

POLICIA DO ESTADO DE SAO PAULO

Delegado de Serviço

—:—

NOTA DE CULPA

O Senhor Dutor O. P. C., Delegado de Polícia Adjunto da Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações faz saber a
que se acha prêso em flagrante por haver hoje, às sete horas, sido encontrado de posse de chaves falsas sem que provasse destinação legítima, tendo o acusado condenação de crime de furto, infringindo, assim, o disposto no Art. 25 da Lei das Contravenções Penais (Decreto-lei n.º 3.688 de 3 de outubro de 1941)

do que são testemunhas A. G. (condutor) e A. U.

e, das mais que houver, que se lhe dará ciência pelo que vai ser processado por esta Secção na forma da Lei.

São Paulo,.....de.....de 19....

(a) O. P. C.

Delegado de Polícia Adjunto

—:—

REQUISIÇÃO DE EXAME PERICIAL (x)

São Paulo,.....de.....de 19....

Ilmo. Sr.

Diretor do Laboratório de Polícia Técnica do Estado de São Paulo — Capital

Solicito de V. S. as providências necessárias no sentido de serem submetidas, com urgência, ao competente exame pericial por êsse Laboratório, as chaves que a êste acompanham, encontradas em poder do acusado W. C., já condenado por crime de furto, em condições que não permitiam provasse êle sua destinação legítima, razão pela qual contra o mesmo foi lavrado auto de prisão em flagrante (contravenção do Art. 25 do Decreto-lei n.º 3.688 de 3 de outubro de 1941).

Saudações atenciosas

(a) O. P. C.

Delegado de Polícia Adjunto da Secção de Processos por Contravenções Penais.

(x) Serve, êste exame, para melhor caracterização da contravenção. Tratando-se da contravenção de embriaguês, deverá o acusado ser submetido a exame de dosagem alcoólica, juntando-se, aos autos, o respectivo laudo do Laboratório de Toxicologia ao Serviço Médico Legal do Estado.

CELLVLA-MATER

1.º ten. Ary J. Mercadante

Janeiro de 1532.

Transpondo a barra natural formada pela linha que une a atual ilha Porchat à Ponta de Paranapuã, impulsionadas pela leve brisa marinha, as naus que constituíam a Armada de Martim Afonso, procedentes do Sul, penetram na baía de São Vicente e vão ancorar em lugar seguro.

Portugal e Espanha, embora aparentemente de acôrdo com Tratado de Tordesilhas, procuravam, sorrateiramente, tomar pé em terras da América do Sul, para aumentar seus domínios e, principalmente, por circularem incensantes notícias da existência de fabulosas minas de ouro e de prata nas regiões recém-descobertas.



São Vicente de hoje, vendo-se o marco comemorativo da sua fundação.

Por seu turno, os franceses também tinham pretensões de fundar uma Colônia nas costas do Brasil, com o fim de povoá-la e dela extrair a matéria prima que lhes era necessária.

Quando deixou Lisboa, em dezembro de 1530, Martim Afonso de Sousa, embarcou em a nau "São Miguel", levando consigo os poderes necessários a uma expedição de caráter colonizador, em terras quase virgens.

Depois de ter tocado na ilha de Cabo Verde, a Armada rumou para as costas brasileiras, passando por Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Alcatrazes, Cananéia, dali seguindo para o Prata.

Ao velejar pelas costas do Brasil, nas proximidades de Pernambuco e do Espírito Santo, a Armada dera combate a corsários franceses que haviam destruído núcleos de colonização e traficavam clandestinamente com o *pau-brasil*.

Enquanto se encontrava em Pernambuco, Martim Afonso fôra informado da decisão do rei de Portugal em dividir o Brasil em capitânias hereditárias, doando-as a seus vassallos. Coube a Martim Afonso e a um seu irmão a faixa de terra que vai do Sul de Cananéia ao Cabo Frio.

Regressando do Prata, Martim Afonso fundou São Vicente, "que tão famosa veio a ser, núcleo de povoação dessas partes e ponto de penetração do litoral ao sertão".

Como é sobejamente conhecido, as capitânias que mais se desenvolveram e as únicas que deram resultados compensadores foram as de Pernambuco e São Vicente.

Uma série de fatores concorreu para o relativo progresso da capitania de São Vicente, tais como a presença de João Ramalho e de outros portugueses que se acercavam de sua proteção, a situação topográfica que a tornava escala quase obrigatória dos navegantes que demandavam ao sul, e, sobretudo, o trabalho de Nóbrega, Anchieta e seus companheiros na obra de catequese. Dessa conjugação de esforços surgiram as lavouras de cana de açúcar e os primeiros engenhos, de

importância capital na economia vicentina.

Com a extinção das capitânias veio a criação do Governo Geral, que, tendo por séde a Bahia, para lá atraíu os novos colonos vindos de Portugal.

São Vicente, todavia, não perdeu seu prestígio. Continuou sendo o principal ponto de penetração ao interior. Foi de lá que partiram os homens ousados que, galgando a serra de Paranaíacaba, fundaram, a 25 de janeiro de 1554, no planalto de Piratininga, a Vila de São Paulo, hoje nossa majestosa Capital — ponto de partida das Entradas e Bandeiras, que desbravando sertões, Tietê abaixo, levaram para longe as fronteiras da Pátria, semeando povoações à sua passagem.

Passaram-se anos, passaram-se séculos e novas cidades apareceram. Surgiram os portos de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e sobretudo Santos, que pela sua proximidade absorveu o movimento do porto de São Vicente.

A "Cellula-Mater" caiu, então, no marasmo de nossas velhas cidades litorâneas, dormiu, por assim dizer, no berço de suas belezas naturais e permaneceu no sonho de suas tradições gloriosas.

Velhas mansões coloniais, onde as trepadeiras tomavam conta das pedras de suas paredes; pequenas casas térreas de porta e janela, amparando-se umas às outras, caracterizadas pelos beirais largos, cobertos de musgos; sulcos deixados na areia fôfa de suas compridas ruas pela passar de uma ou outra carroça; um caíçara levando ao ombro a vara de pescar; sobrepondo-se ao casario, com sua verde plumagem, palmeiras gigantescas a subirem para o infinito; a baía de águas verde-azula-

das, emoldurada pelas montanhas cobertas de vegetação luxuriante. Tal foi São Vicente por muito tempo.

Repentinamente saiu do sono letárgico em que se encontrava e, vendo sua roupa fora de época, resolveu trocá-la.

Sem abandonar suas tradições, atualmente lembradas no monumento da Fundação, na Biquinha de Anchieta, no nome de suas ruas e numa infinidade de outros marcos históricos, vamos encontrar a moderna São Vicente.

As águas de sua baía já não refletem mais as enfunadas velas da Cruz de Malta — símbolo glorioso das naus portuguesas — substituídas agora por modernos veleiros e barcos a motor dos que pocuam no mar o seu esporte predileto.

Praias outrora povoadas por índios e portugueses, hoje se enchem de lindas "sereias" e forasteiros, que vindos

de outras plagas, procuram nas mornas areias o reconfortante descanso de fim de semana.

Nos lugares onde existiam as velhas mansões, surgem os arranha-céus que sobrepujaram as antigas palmeiras na sua ascensão pelas alturas.

Rodando pelas ruas e avenidas, luxuosos automóveis e confortáveis ônibus levam vicentinos e forasteiros aos pontos aprazíveis da cidade, à Ponte Pênsil, Clube Hípico, Praia Grande, "Jockey Clube", Morro do Barbosa, Praia de Itararé, Ponta de Itaípu, à inconfundível e encantadora Ilha Porchat.

À noite, as lâmpadas do jardim da praia do Gonzaguinha e dos Recreios do outro lado da baía, projetam sua luz nas águas marulhentas, povoando o cenário dos mais lindos quadros.

É esta a visão de São Vicente de nossos dias.



NA PAULICEIA

Um garoto escreveu "Lotação grátis", num carro forte da polícia.

(dos jornais)

— Cumpadre, quem foi que disse que a condução é cara na capitá ?...

AS DEZ MANEIRAS DE MATAR

ESTA REVISTA

(Adaptação de "A Defesa Nacional")

- 1 — Não compareça às reuniões, mas se o fizer, chegue atrasado. Todavia, se o tempo não estiver bom, nem pense em estar presente.
- 2 — Quando solicitado a auxiliar, diga que o trabalho deve ser feito pela Diretoria.
- 3 — Se não assistir às reuniões, critique os trabalhos daqueles que compareceram.
- 4 — Nunca aceite um posto de responsabilidade. É mais fácil criticar do que trabalhar.
- 5 — No entanto, fique "queimado" se não lhe pediram para fazer parte de alguma comissão; se for lembrado, não assista às reuniões e não mova uma palha.
- 6 — Quando solicitado pelo diretor ou presidente a opinar sobre assunto de importância, responda-lhe que nada tem a dizer. Depois da reunião, discuta com todo o mundo como o negócio deveria ser feito.
- 7 — Nada mais faça que o absolutamente necessário, mas quando os outros meterem mãos à obra com toda a boa vontade, grite bem alto que a organização está sendo dirigida por uma "panelinha" que quer mandar e desmandar.
- 8 — Para que arranjar novos assinantes? Deixe o Fulano trabalhar...
- 9 — Deixe que os outros escrevam para MILITIA, e quando lhe perguntarem porque não colabora, responda que o nível intelectual da revista deixa muito a desejar.
- 10 — Compareça à redação e, para que os redatores não trabalhem, converse fiadô com êles. Assim o tempo passa e a revista não sai.

“Mantiens le Droit!”

Cap. Rodolfo Assumpção

Em outubro do ano findo, finalizando uma série de concertos por via diplomática em que se salientou a extrema boa vontade dos exmos. srs. Embaixador do Canadá no Brasil e Encarregado dos Negócios daquele país em São Paulo, recebeu o Comando Geral da Fôrça Pública a comunicação de que o Comissário da Real Polícia Montada Canadense concordara com a pretensão do Governo do Estado de São Paulo no sentido de que oficiais de sua Polícia Militar estagiassem na milícia de seu comando. Indo além dos desejos do nosso Governo, ofereceu-lhe ainda, o sr. Comissário, matrícula para um oficial no “Canadian Police College”, curso que a Corporação mantém regularmente e que funciona, ora em Regina, capital da província de Saskatchewan, ora em Rockliffe, subúrbio da Capital Federal.

Para cursar as aulas do Colégio em apreço, com bastante surpresa nossa, pois nossos conhecimentos da língua inglesa eram na ocasião ainda muito fracos, fomos designado pelo exmo. sr. cel. Eleuthério Brum Ferlich, atendendo à indicação do sr. cel. Odilon Aquino de Oliveira. Agora sòmente, quando se evidencia que, com a graça de Deus, não fomos mal sucedidos, nos atrevemos a agradecer-lhes, pela prova de confiança absoluta depositada neste seu modesto servidor, e pela singular oportunidade que também nos propiciaram, para conhecer as duas grandes Nações de Língua Inglesa da América do Norte.

Não podemos deixar ainda de consignar os nossos mais sinceros agradecimentos aos dd. srs. Embaixador James Scott Mac Donald e Encarregado dos Negócios Ronald C. Duncan, de cuja solicitude dependeu grandemente uma solução acima das aspirações de nosso Governo, bem como aos exmos. srs. Comissário Stuart Taylor Wood, digníssimo Comandante Geral da R.C.M.P., Comissário F. W. Zaneth, Diretor Geral do Ensino na Milícia, do qual tivemos o prazer de receber tòda uma série de atraentes e úteis aulas sòbre “Complots”, e aos exmos. srs. Comissário Assistente C. E. Rivett-Carnac, Cmt. da Divisão “F”, Superintendente E. H. Persson e Inspetor J. C. Story que se sucederam no comando da divisão “Depot” durante a minha adição a essa Unidade da Corporação. Dêles, dos demais oficiais e outros componentes da RCMP e de suas exmas famílias, recebemos não só perene assistência como a prodigalização de gentilezas de tòda espécie. Aos dedicadíssimos instrutores, incansáveis no cumprimento do seu dever, muitos dos quais viajaram dos pontos mais longínquos do Canadá para nos dar o pra-

Primeiro de uma série de artigos sòbre a «ROYAL CANADIAN MOUNTED POLICE», entidade em que o nosso confrade cap. Rodolfo Assumpção estagiou, em missão oficial de estudos.

zer de assistir a uma bem preparada série de aulas da sua especialidade, desejamos agradecer, de modo particular, não só pelas atenções que merecemos da parte de todos, como também pelos novos conhecimentos técnicos e outros que nos proporcionaram.

Freqüentando um curso, ocupado da manhã à noite, diariamente, não tivemos oportunidade, por falta de tempo, de visitar instalações afastadas da milícia na direção norte. A 12 de abril, quando deixámos o Saskatchewan, em plena primavera, ainda estavam os campos cobertos de neve e a temperatura raras vezes subia, durante o dia, acima do zero centígrado. Os longos deslocamentos de automóvel dependiam do serviço radiofônico de informações, porquanto as tempestades de neve ainda costumavam a bloquear as estradas de rodagem, impedindo temporariamente o tráfego. Contudo, paralelamente ao que nos foi dado aprender nas salas de aulas, conhecemos algo sobre a história e a organização da Polícia Montada e como as achamos interessantes e completamente diferentes do que a esse respeito tem sido dramatizado pelos estúdios de Hollywood e nas páginas de literatura infantil, resolvemos tentar reproduzir a primeira em seus fatos culminantes, porque tínhamos em vista, ao iniciar o presente trabalho, encarar apenas sob três aspectos o assunto: 1.º - o da espécie de trabalho desempenhado pela milícia através dos tempos; 2.º - o de expansão sempre crescente de suas atividades primeiro dentro, e mais tarde até fóra do país; e 3.º - o de sua rápida evolução e modernização.

A História do Canadá, após a conquista de sua soberania, está intimamente ligada à de sua Polícia Montada e,

à medida do progresso vertiginoso do país, evolue essa brilhante corporação, com muita justiça, mundialmente famosa.

A Nação, de proporções gigantescas, compreende atualmente — com a entrada de Terra Nova para a Confederação, em 1949 — todo o território da América Setentrional, ao norte dos limites com os Estados Unidos, exceção feita do território do Alaska. Sua área excede a do Brasil de mais ou menos 1.500.000 quilômetros quadrados e nela podemos constatar o delineamento de quatro regiões distintas principais, a saber:

- a) a das províncias marítimas de Terra Nova, Ilha do Príncipe Eduardo, Nova Escócia e Novo Brunswick;
- b) a das províncias de Ontário e Quebec, as principais da federação, largamente servidas pelos grandes lagos e pelo rio São Lourenço, na vizinhança dos quais se erguem os maiores e principais estabelecimentos industriais do país;
- c) as das províncias de Manitoba, Saskatchewan e Alberta, chamadas também as províncias da planície, que se constituem um dos grandes celeiros de trigo do mundo e onde se desenvolvem, paralelamente, a criação de gado e exploração do petróleo; e finalmente
- d) a da costa do Pacífico onde se situa de maneira privilegiada a província de Colúmbia Britânica, cujo clima, mais ameno, permitiu a transformação da região num extenso pomar.



NO QUARTEL DE REGINA (Sask.)

O cap. Rodolfo Assunção, recebe de s. excia. o "premier" T. C. Douglas, o diploma de sua graduação pelo "Canadian Police College", da R.P.M.C. Vê-se ainda, à direita, o Comissário Assistente C.E. Rivett Carnac, comandante da Divisão "F", da famosa milícia canadense.

Além dessas unidades da Federação integram a área Canadense os territórios de Yukon e do Noroeste.

Ao citarmos a presente divisão não o fizemos com outra intenção que a de situar e retratar a região onde nasceu a importante organização semi-militar e

dentro da qual circunscreveu-se-lhe a ação nos primeiros anos de existência.

É óbvio que, por suas naturais vias de acesso, os oceanos, o rio São Lourenço e os grandes lagos, as áreas do Leste e do Oeste tiveram a penetração civilizadora normal e relativamente fá-

cil. No entanto, o mesmo não se deu com as extensa região da planície central, primitivamente chamada "Rupert's Land". Encravada entre as montanhas Rochosas, o rio Vermelho a Leste e a fronteira com os Estados Unidos ao Sul, séde de uma concessionária, — a Cia. da Baía de Hudson — essas terras eram até 1867, quando da promulgação do "British North America Act" — a Carta Magna Canadense, o lugar preferido pelos índios na instalação dos seus acampamentos, — pelo fato de nela vaguearem enormes hordas de búfalos.

Conquistada a soberania, tratou desde logo o Governo Federal de estabelecer bases firmes sobre a plenitude de seu território, ao centro do qual a planície se apresentava como um perigo vazio de civilização. Com reserva de limitados direitos adquiriu o Governo a importante área da Cia. da Baía de Hudson.

Habitada por índios e mestiços, os primeiros dos quais sempre se opuseram com tenacidade à infiltração do homem branco, (mas que, já prazerosamente, aceitavam a dos mercadores de bebidas alcoólicas), a região, por essas razões e outras, herdadas do tempo em que a única lei imperante era a constituída pelos regulamentos da companhia concessionária, erigia-se não só num obstáculo para o desenvolvimento da civilização do país como ainda para a sua união num conjunto territorial harmonioso, sem solução de continuidade. Urgia transformá-la num seguro traço de união entre o Leste e o Oeste.

Em seus relatórios, as primeiras autoridades para ali enviadas pelo Governo Central afirmavam unânimeamente ser de ilegalidade e de desordem a ordem das cousas. Um oficial, percorrendo demoradamente a planície, em missão especial,

concluiu em seu relatório que "o Noroeste inteiro estava sem lei, ordem ou segurança para a vida ou propriedade" e recomendou "que se fizesse a nomeação de um magistrado civil ou comissário, segundo os modelos existentes na Irlanda e na Índia; que se organizasse uma força equipada de 100 ou 150 homens, da qual um terço fôsse montada; que se estabelecessem vários postos do Governo; que se extinguissem por tratados os títulos de propriedade dos índios sobre as terras, e que se tomassem ainda outras providências de menor importância".

A seu turno, o oficial que viria a ser o primeiro comandante da milícia canadense, reconhecia também a zona em foco, para acrescer de detalhes técnicos o relatório de seu predecessor, concluindo pela desnecessidade de organização de uma força militar, mas sim de uma força capaz de, pela imposição do respeito, agir preventivamente, com o objetivo de manter a ordem e pôr um paradeiro à onda de crimes de toda espécie até então reinante.

A 23 de maio de 1873, autorizou o Parlamento a organização inicial daquela que, pelo valor dos elementos que a integrariam desde o seu nascedouro até nossos dias, viria a ser chamada a "Canada Finest" e a "Pride Of Canada". Figurava no projeto com o nome de Fuzileiros Montados do Noroeste. Sugestões, no entanto, de quem talvez lhe antevisse a evolução, fizeram com que s. excia. o sr. Primeiro Ministro John A. Mac Donald riscasse no projeto a palavra *Fuzileiros* substituindo-a por *Polícia*. *Polícia Montada do Noroeste* passou a ser então o seu primeiro nome.

Editais conclamaram, para-alistamento por três anos, os cidadãos que lhe



O cap. Assunção, no Salão de Conferências do R.C. quando falava à Fôrça Pública, através do seu quadro de oficiais, dando conta da sua missão no Canadá.

deviam compor o primeiro efetivo: "homens robustos, aptos para montar, de bom carácter e entre 18 e 40 anos de idade".

"Seu comando seria exercido por um Comissário que deveria ter o posto de tenente-coronel. A Fôrça, um corpo semi-militar com 300 homens, teria como objetivos imediatos: a extinção de tráfico de álcool para os Índios; ganhar o respeito e a confiança destes; com tacto e paciência quebrar-lhes as velhas práticas; arrecadar taxas alfandegárias e cumprir todos os deveres de uma Fôrça Policial".

A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

Logo após a sua organização e treinamento a milícia deveria partir em marcha de penetração. O primeiro objetivo, aliás, visando o cumprimento da primeira das enumeradas missões precípua atribuídas em lei à Corporação, era atingir o Forte se achava abandonado quando to de guerra. Erigido no coração do território canadense, por mercadores de

aguardente vindos do outro lado da fronteira, ostentava-se nêle, desfraldada, a bandeira do país vizinho, num flagrante desafio à autoridade constituída da novel Federação. Essa classe de gente pouco amiga da ordem, responsável por inúmeros desatinos e pelas mais diabólicas orgias que se cometiam dentro e fora dos acampamentos indígenas, iria em pouco tempo ser completamente varrida da Nação. Registra a história que o Forte se achava abandonado quando descoberto pela coluna. Varejando a extensa planície de Leste a Oeste e de Sul para o Norte, caracterizou este primeiro período da vida da milícia a execução de longas marchas, a construção de grande número de fortins e os estacionamentos obrigatórios a que ela se viu forçada, pelos rigores do clima. Nesse período, porém, e no que se lhe seguiu — o da Consolidação — mesmo durante o inverno, quando a capacidade de movimento se reduz a proporções inimagináveis para um habitante dos trópicos. Não tendo nunca a oportunidade

de assistir a uma tipicamente regional combinação triplíce da natureza "o blizzard" — ou seja um vento soprando a 40,50 e mais milhas horárias, uma fortíssima tempestade de neve e a temperatura a duas, três ou mais dezenas de grãos abaixo de 0, — a ação continuada dos milicianos não fraquejou um só instante, não dando tréguas, quer seja ao vil mercador de álcool, quer a qualquer outra espécie de malfeitor. Impunha-se, a qualquer custo, a introdução de hábitos civilizados tanto entre os Índios e mestiços, como entre os próprios brancos.

O verdadeiro significado da "túnica escarlate", entretanto, mesmo após a decorrência de alguns meses de ação equilibrada e justa, não se fizera sentir ainda entre os aborígenes. O "MAIN-TIENS LE DROIT!", lema da força, não fôra ainda reconhecido como um passaporte para a segurança. Chefes Índios visitaram a Milícia, a princípio, mais por curiosidade. Com o tempo chegaram-se, confiante, quando Crowfoot, chefe dos Blackfeet e da Confederação constituída pelas tribos mais importantes que habitavam o país, com impressionante dignidade, veio apertar cordialmente as mãos do homem branco. Como resultado dêsse gesto de grande significação histórica estendera a jovem Nação, virtualmente, seu domínio "A MARI USQUE AD MARE", dístico que ostenta em seu braço.

Particularmente digna de nota, foi essa conquista, em confronto com a de outras partes do Oeste Americano, onde se fêz uso de armamento. Em 1875, a força já completara com firmeza a sua instalação e, para exemplo de todos, trouxera perante as barras dos tribunais de justiça todos os elementos brancos que alguns anos antes, vindos da zona

fronteiriça, haviam massacrado a tribo dos Assiniboinos. A lei começara a imperar no Oeste. No entanto, como sempre há descontentes, mesmo quando se trata da imposição das medidas de ordem, correram rumores, no verão dêsse mesmo ano, de que os mestiços de franceses das vizinhanças do Fort Carlton, de propriedade da Cia. da Baía de Hudson, conspiravam para a formação de um govêrno separado. A simples presença na região, no entanto, do próprio Comissario da P.M. — que se fazia seguir de uma escolta de 50 homens, em viagem de inspecção — foi o suficiente para confirmar ali a autoridade da Coroa.

Muito longe, entretanto, permanecia o estado de cousas, da situação ideal. Mal se resolvia uma pendência, surgia outra

Os "Sioux", a mais poderosa nação indígena do Noroeste dos Estados Unidos, se propuseram a guerrear os Regimentos de Cavalaria do país vizinho. Meses antes haviam mesmo proposto a Crowfoot que, em troca do seu apóio no combate ao Exército Americano, atravessariam a fronteira para desbaratar, por sua vez, a Polícia Montana. Mais uma vez, no entanto, se evidenciou a fidelidade à Coroa, a rigidez do caráter e o sentimento de dignidade que ornamentavam a personalidade serena e equilibrada do grande chefe daquela tribo; recusara uma a uma, a tôdas as insistentes propostas, *dos seus irmãos de raça do sul*.

Batidos do outro lado da fronteira, na maior batalha da América, ferida entre brancos e índios, em consequência à indignação geral causada pela destruição ao último homem do 7.º Corpo de Cavalaria Estadunidense, quando em ação sob o comando do maj. general George A. Custer, 5.600 Sioux, sob a

direção do célebre pagé Sitting Bull, atravessaram a linha internacional, internando-se no Canadá e fixando-se num ponto situado 170 quilômetros a sudoeste de Fort Walsh (então sede do Q.G. da P.M.N.) — Quanto a êsse acontecimento não fôra a milícia apanhada de surpresa. Meses antes, prevendo-o, determinara seu comando a ativa vigilância da faixa de terra selvagem e traiçoeira de algumas centenas de milhas, marginal à linha convencional limitrofe. Note-se, entretanto: estava tudo isso confiado a apenas 214 homens.

Complicara-se a já adiantada solução do problema regional. As primeiras negociações para a volta pacífica de Sitting Bull aos Estados Unidos, fracassaram, com geral desapontamento.

Ficou a colocação do Noroeste dentro da órbita administrativa legal dependendo então:

1.º) — da obtenção de um acôrdo em bases firmes e duradoiras com Crowfoot e seus confederados, em poder dos quais jazia ainda considerável porção de território;

2.º) — do alivio do país dos Sioux alienígenas.

Em 1877, uma comissão constituída pelo tenente Governador da região e pelo Comissário da P.M., especialmente incumbida de tratar do primeiro dos assuntos acima enumerados, concluiu um tratado com Crowfoot. Êste, ao apôr sua assinatura sôbre o mesmo, testemunhou a grande confiança que o seu povo depositava nos "túnicas vermelhas", proferindo, em sua simplicidade, as seguintes palavras:

"O conselho dado a mim e a meu povo provou ser muito bom. Se a Policia não tivesse vindo a esta região, onde estaríamos agora, todos nós? Homens maus

e whisky nos estavam matando tão depressa que estaríamos hoje reduzidos a muito poucos. A Policia nos protegeu, como as penas da ave a protegem das geadas de inverno".

Sem violências, estabelecera-se, afinal, graças à operosidade dos componentes da Policia Montada, demonstrada nos seus três primeiros anos de existência, a nova ordem no Oeste, aquela que permitiria abrirem-se as portas ao agricultor, que o transformaria de pastagem em celeiro de trigo.

A transição da caça do búfalo ao advento do arado se fizera quase que inteiramente de Manitoba às montanhas Rochosas, sob sua vigilância e condução, no desempenho dessa missão, seus elementos se habituaram a agir como homens dos sete instrumentos. Neste primeiro periodo de sua existência a ação da P.M. apresentou tôdas, as características de uma polícia rural móvel, como decorrente dos deveres a que se obrigou:

- combate a incêndios, ao contrabando, especialmente de whisky e ao monopólio;
- coleta de direitos alfandegários;
- socorros às vítimas dos "blizzards" hibernais;
- socorro à miséria e outras formas de privações;
- assistência a doentes e acidentados;
- realização de casamentos e funerais;
- transporte do correio;
- internamento de alienados;
- procura de viajores perdidos;
- recondução de mercadorias roubadas, ao próprio dono;
- perseguição de criminosos como ladrões de cavalos e gado de

qualquer espécie, jogadores, assassinos, etc. ;

— guarda de minas, de depósitos de materiais e de acampamentos.

Com a retirada dos *Sioux*, que se renderam às autoridades americanas, em 1881, após um lustro de internação voluntária, tôda uma série de fortins e postos escalonados em largura e profundidade, a partir das proximidades de seus acampamentos até o Q. G. em Fort Walsh, numa extensão de 170 quilômetros, perdera a sua razão de ser. Transferiu-se o Q. G. para Regina e fundava-se, nessa época, o Depósito de Recrutas, unidade de elite, que tanto impressiona ao visitante como certamente deve impressionar ao próprio recruta, ao chegar do mundo civil.

Contudo não faltaria ocupação aos elementos considerados disponíveis, em razão do abandono do Canadá de tôda uma horda de internados perigosos. Sua presença já era mesmo reclamada ao longo do eixo de penetração da ferrovia em construção, agora semeado de povoados e acampamentos. Cerca de 4.000 trabalhadores, muitos dos quais de maus costumes e caráter, não tardaram, por suas truculências, a espalhar o ressentimento entre os índios. Além disso, greves entre eles se sucederam. Entretanto, para crédito da Fôrça, a ordem geral sempre prevaleceu. Os imigrantes nacionais recém-vindos do Leste e os estrangeiros amparados por uma administração forte, eficiente e sã, fundaram, em sua maioria, as importantes cidades que hoje pontilham o mapa das províncias da planície.

O mestiço e principalmente o índio, porém, como era de prever-se, não puderam adaptar-se de um dia para outro ao novo sistema de vida, imposto pelo desenvolvimento do progresso. Confina-

dos às suas reservas, privados de sua alimentação natural — o búfalo — teriam que se dedicar à agricultura e à criação para tirar delas o seu sustento. Se alguns compreenderam e se puseram a trabalhar, a maioria preferiu entregar-se ao mais desenfreado roubo de gado. Durante um longo periodo, a mesma mão que agiu com inabalável firmeza na prevenção e repressão dêsses ato ilegal, não deixou também de, sistematicamente, levar aos inadaptados e distribuir entre eles rações de carne e de farinha para lhes mitigar a fome.

Tudo fêz a policia para eliminar do seio dessas populações o fermento da revolta; no entanto, o máximo resultado que obteve foi contemporizar-lhe o estalar por quase um decênio.

Durante a luta armada, que durou alguns meses e que foi jugulada a 16 de maio de 1885, à Milícia, - agora demonstrando a sua aptidão como fôrça militar. — foram atribuidas, nas operações de guerra, as missões mais delicadas e difíceis, no desempenho das quais grande número de seus volorosos elementos tombou, deixando impressas na história páginas de legítimos heróis.

O término da revolta assinalou o início de uma nova fase na vida da P. M. do Noroeste. Reorganizada em 10 divisões e com um efetivo de 1.000 homens espalhou-se em destacamentos, por tôdas as povoações da planície, reassumindo a inteira responsabilidade pela manutenção da lei e o estabelecimento da ordem, bem como do exercicio da jurisdição em geral. Nessa ocasião contratou os serviços de alguns índios e mestiços, para serem empregados como esclarecedores e estafetas dos vazios de terreno entre os postos policiaes. E o patrulhamento intenso do território se processou.

cada destacamento figurando como um ponto de irradiação. Estendendo seu raio de ação, embrenharam-se as patrulhas na direção do Norte, servindo-se de duas grandes vias naturais de penetração: os rios Saskatchewan e Mackenzie.

O censo geral da planície, executado pela P.M. em 1895, por determinação do Governo, acusou a existência de 65.873 almas para a população branca e 7.633 para a mestiça. Como corolário dessa operação haviam chegado à conclusão, por ter ficado patente, que muito se deveria fazer ainda até que o índio fôsse integrado no trilhar pacífico da Nação.

Como nós, tiveram também os Canadenses a sua corrida do ouro. Em 1895, descobriram-no no Yukon. Se à região, outrora pacífica e semi-desértica, afluíram condições sociais várias em a qual predominava o espírito de aventura e a ambição de enriquecer por meios lícitos, cumpre notar que para ela afluíram também toda uma cáfila de criminosos mal intencionados. O primeiro contingente policial, para atingir o local de sua instalação, serviu-se de condução marítima e fluvial, via oceano Pacífico e rio Yukon. Impunha-se o descobrimento urgente de um caminho por terra. Quem o faria?. Uma patrulha da P.M. N. que, partindo de Edmonton, em marcha através de difíceis regiões montanhosas, cobertas de espessas e estensas florestas, alcançaria, após um ano, as almeçadas regiões auríferas. Cobriria em

seu percurso a considerável distância de 2.600 quilômetros.

Em três anos, nos quais a população de Yukon saltou de algumas centenas de indivíduos a mais de 20.000, desempenhou a força, a par de suas obrigações precípua, as de estafeta da mala postal. Na entrega desta havia percorrido mais de 105.000 quilômetros. Com os olhos fitos no futuro, servindo-se de suas novas bases como trampolim, dirigiu suas patrulhas cada vez mais para o Norte, num primeiro esforço para estabelecer seus postos avançados em terras do Sub-Ártico, utilizando-se de canoas e trens tirados a cães, para os deslocamentos dessa arriscada empresa.

Pode-se considerar a importância que adquiriu o policiamento desse território (o de Yukon), pelo número de elementos nele destacado pelo Comando da Milícia. Mantinha-se nele mais de um terço do seu efetivo total. Com a aquiescência do Governo Norte Americano, a Polícia Montada atravessou diversas vezes as mal definidas fronteiras do Alasca para impor a ordem em regiões que já haviam conquistado o conceito de "O pior lugar do mundo".

A par desses acontecimentos e pouco antes de raiar o século XX, 245 milicianos, licenciados especialmente para se alistarem no Segundo de Fuzileiros Montados Canadenses, cobriram-se de glórias na Campanha dos Boers, em África.



Não sou político; quanto aos meus outros hábitos, são bons.

Artemus Ward

LABORATÓRIOS

SILVA ARAUJO ROUSSEL

S/A

**VALE
SAUDE**



O Vinho Reconstituinte Silva Araujo tem todos os elementos necessarios á perfeita e rapida nutrição do sangue. Os grandes medicos dizem:

VINHO RECONSTITUINTE

SILVA ARAUJO

É o tonico que VALE SAUDE!

No Centro de Formação e Aperfeiçoamento

DECLARAÇÃO DE ASPIRANTES A OFICIAL

A cerimônia teve lugar no tradicional campo de instrução da Infantaria, no Canindé.

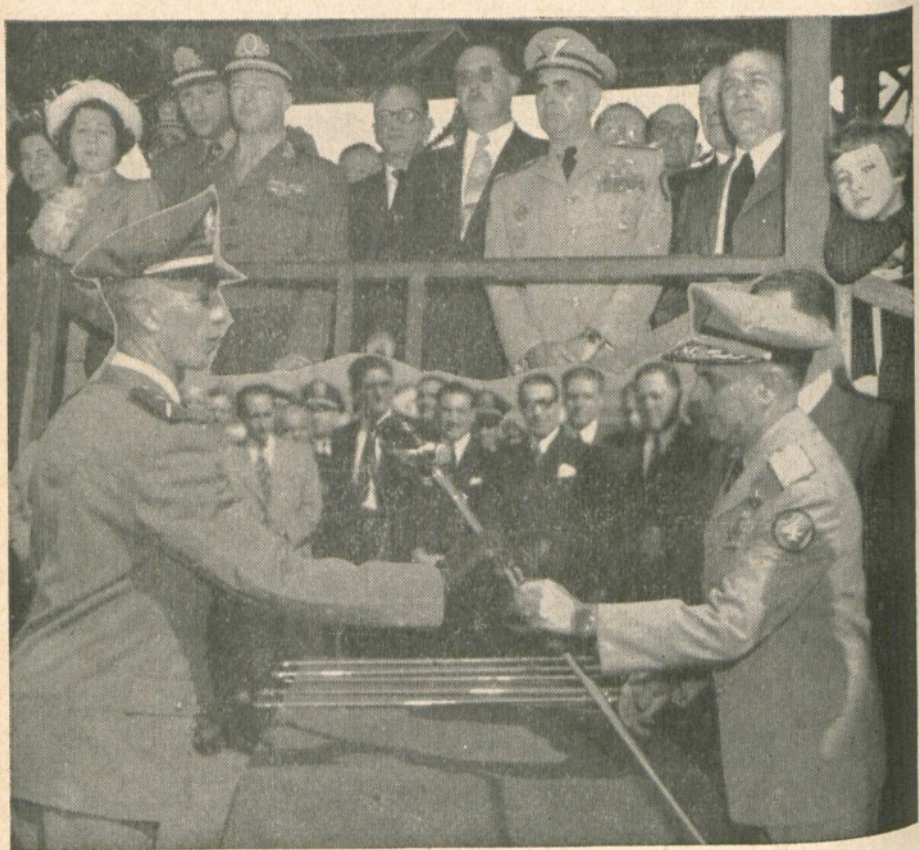


Os novos aspirantes, quando prestavam o compromisso regulamentar

Por ocasião da declaração a Aspirante a Oficial, por conclusão de curso, da turma do 3.º ano do Curso de Formação de Oficiais da Escola de Oficiais da Força Pública de São Paulo, o maj. Otávio Gomes de Oliveira, Comandante Interino do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, leu o Boletim especial n.º 3, do qual publicamos o seguinte :

Em cumprimento ao disposto na letra "b" do art. 2.º do Decreto n.º 18.502, de 18-II-949, foram declarados Aspirantes a Oficial, os seguintes alunos do 3.º C.F.O. que concluíram o curso com aproveitamento:

— Osvaldo Stevaux, Francisco Arlindo Sales, Álvaro Júlio Pielusch Altmann, Luiz Cirilo Ferreira, Raul da Luz,



Ao alto: autoridades presentes, no palanque oficial.
Em baixo: o brigadeiro Carlos Brasil entrega a espada ao primeiro colocado da turma, aspirante Osvaldo Stevaux.

Ilques Barbosa, Avivaldi Nogueira, Herenegildo Dias Monteiro, Rui da Silva Freitas, Antônio da Silva e Edgard Lara.

Atendendo aos superiores interesses da Fôrça, é quebrada a rotina da realização desta festa, no quartel do Centro de Formação e Aperfeiçoamento.

É sobremodo significativa esta cerimônia, no antigo campo de instrução da nossa tradicional Infantaria. Nêste

campo foram formados, tênicamente, muitos dos nossos atuais chefes. Foi da aprimorada instrução aqui executada que nossa Fôrça se preparou para os dias conturbados do período de 1922-32, para a defesa da Lei, da ordem e da tranquilidade do povo Bandeirante.

Cada vez que pisamos o gramado dêste campo, nosso coração punge de saudade daqueles que nos prepararam, dentro do princípio sadio do cumpri-



UM FATO BASTANTE SIGNIFICATIVO

O governador Ademar de Barros entrega a espada ao tenente Elvídio Peters, da P.M. de Santa Catarina, que também concluiu o Curso de Formação de Oficiais na milícia paulista.

mento do dever, da obediência aos chefes e de sacrifício dos interesses pessoais em benefício da causa pública.

É, pois, com enternecimento que recordamos destes fatos, para vos apontarmos, jovens aspirantes, que sintetizais a geração nova, para que, buscando no passado o que foi bom, útil e oportuno prossigais na arrancada do futuro, com os pensamentos e esforços convergidos para a grandeza eterna da nossa Fôrça.

Aspirantes da Fôrça Pública!

Atingistes, hoje, com êxito, o definido propósito que tinheis, de preparar-vos para melhor servirdes à Corporação.

Longa, áspera, cheia de obstáculos, foi a caminhada que realizastes. Para traz, ficaram as preocupações escolares,

os receios infundados, bem como a vida galhofeira e desprendida do aluno.

Ides, agora, provar, através da realidade das exigências diárias, que estais preparados para atingirdes o posto inicial da carreira que abraçastes.

É de coração que apelamos para as vossas inteligências vivas e lúcidas, para que, como os apóstolos saíram a semear a semente do evangelho, a tôdas as almas, vós outros, encarnados os mesmos sentimentos apostolares, não canseis de semeardes a semente da disciplina, da ordem, da obediência, da moralidade e da honestidade.

Praticando a missão dos apóstolos, lembrai-vos que sereis mal interpretados nas vossas ações, sereis tentados a pre-

varicardes. Sêde, porém, corajosos e fortes porque a vitória sôbre o meio e sôbre vós mesmos, só vêm àqueles que lutam sem esmorecimento.

Recebestes das mãos das altas autoridades civis e militares presentes a espada de oficial. Esta é símbolo do poder, da lei, da verdade e da justiça.

O poder só é efetivo, real, insofismável, quando advém da prática da lei, da verdade e da justiça. Pois bem, que a espada que acabastes de receber esteja

BARBOSA, como uma palavra de advertência, de conselho e de orientação, quando das suas orações aos moços e à juventude.

Dizia êle, naquelas orações "o sentimento que divide, inimiza, retalia, detrai, amaldiçoa, persegue, não será jamais o da pátria. Os que a servem são os que não invejam, os que não inflamam, os que não conspiram, os que não emudecem, os que não se acobardam, mas resistem, mas ensinam, mas esfor-



OUTRO FATO EM FOCO

O cap. Frédéric Statmüller, do Exército Francês, antigo instrutor de cavalaria da Missão Francesa de Instrução, junto à Fôrça Pública, desfila ao lado do Comando do Regimento de Cavalaria, numa desvanecedora homenagem à nossa Corporação.

sempre pronta para a defesa da ordem pública e dos poderes constituídos.

Que ela, também, simbolize a união de todos aqueles que caminham em marcha ascensional para os destinos gloriosos da nossa Fôrça e que a ela, diuturnamente, imolam, no altar do dever, os interesses pessoais, em benefício dos interesses coletivos.

Nêste dia festivo, alegre, vitorioso, queremos trazer à vossa memória, palavras do grande civilista, o inclito RUY

çam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo. Porque todos os sentimentos grandes são benignos e residem originariamente no amor".

Não procedais como os vaidosos, que "dos seus lentes desdenham, nos seus maiores desfazem. Estasiados nas frases postizas e nas idéias ressonantes, vogam à descrição dos enxurros das borrasca e rolam nas erupções da anarquia. Não conhecem a obediência aos superiores".

Mas sêde "afervorados, entusiastas, intrêpidos, cheios de aspirações do futuro".

"Habituai-vos a obedecer, para aprenderdes a mandar. Costumai-vos a ouvir, para alcançardes a entender. Afazei-vos a esperar, para logardes concluir. Não delireis nos vossos triunfos. Para não arrefecerdes, imaginai que podeis vir a saber tudo. Para não presumirdes, refleti que, por muito que souberdes, mui pouco tereis chegado a saber".

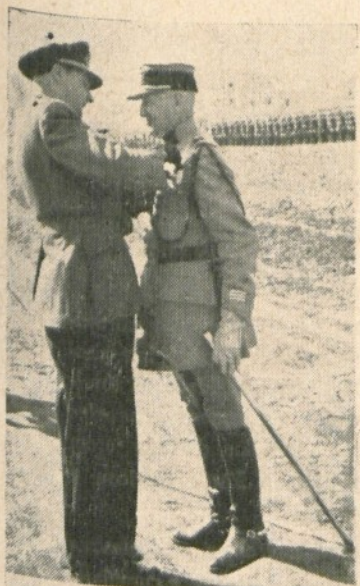
"Trabalhai, pois, mas persistentes, incessantes como o sol de todos os dias e o orvalho de tôdas as noites".

Sim aspirantes de 1950, trabalhai com ânimo forte, fé inabalavel, e certeza absoluta no propósito definido que manifestastes, no compromisso solene que prestastes, e tereis alcançado o alvo soberano da vossa vocação.

Agora, pois, fazemos votos para que encontreis, nas unidades em que ireis estagiar, o ambiente de disciplina, ordem compreensão e sadia camaradagem, no qual possais consolidar os vossos conhecimentos que a escola, dentro das contingências morais, intelectuais e materiais, procurou inculcar nos vossos entendimentos.

Sêde felizes. Trabalhai, trabalhai com valor e intrepidês, porque para isso fostes escolhidos e preparados. Sêde exemplares dignificantes das gloriosas e imarcessíveis tradições de disciplina, ordem, honestidade e moralidade da nossa inolvidável Força Pública.

Não vos imiscueis com os maus companheiros, com os desanimados, com os pessimistas, com os negligentes, com os indolentes, mas seguí o exemplo dos bons, dos entusiastas, otimistas, exatos no cumprimento do dever, animosos e sobretudo confiantes na obra que realizam em prol do futuro da corporação.



O cap. gaulês Frédéric Stattmuller, recebendo a medalha "Lealdade e Constância", das mãos do cel. Brum Ferlich. Em baixo, desfilam os novos aspirantes a oficial da Força Pública.



Entre as homenagens prestadas ao cap. Frédéric Statmmuller, foi mandada celebrar u'a missa de ação de graças, na capela do Hospital Militar, à cuja saída tomamos a objetiva acima.

Vigiai. Estai atentos para não serdes engodados nos vossos sentimentos.

Sêde firmes. Sêde valorosos. Não hesiteis em vos apresentardes, em sacrificio vivo e puro à Pátria que deve ser o vosso culto diário.

"E no mais, tudo é verdadeiro, tudo que é honesto, tudo o que é justo. tudo o que é puro, tudo que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude e se há algum louvor, nisso pensai".

Vêde prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios e vos afirmo, jovens aspirantes, que não vos arrependereis, pois êsse foi o proceder de todos os grandes vultos da nossa história e dos nossos grandes chefes.

Tão sòmente, repito, sêde corajosos, fortes e destemidos, para que possais vencer tôdas as dificuldades e, finalmente, entrardes na mansão daqueles que se sentem tranqüilos, de tudo terem feito para o bem da Pátria gloriosa e engrandecida.

Eis, jovens aspirantes, as palavras que o vosso instrutor efetivo e cumulativamente comandante, tem para voss dizer, nesta marcante e festiva data. Mais uma vez, sêde felizes.

Camaradas!

O Centro de Formação e Aperfeiçoamento da Fôrça Pública de São Paulo, sente-se orgulhoso de colaborar com as demais organizações policiais-militares.

res do Brasil, na formação e aperfeiçoamento de seus quadros.

Completo seu curso também, o 2.º ten. Elvídio Petters, da Polícia Militar de Santa Catarina.

Não podíamos silenciar sobre esse fato, porque, é evidenciador do laço de amizade que nos liga à demais Polícias Militares.

Ao 2.º ten. Petters dedicamos-lhe as mesmas palavras que proferimos aos nossos camaradas de nossa Força Pública e o nosso desejo é para que seja muito feliz na corporação de origem e que tenha sempre presente, o ideal de uma vida inteiramente dedicada aos interesses do seu Estado e da Pátria Brasileira.



Promoção de aluno-oficial

Conforme comunicação radiográfica de s. excia. o cel. Comandante Geral da P.M. de Santa Catarina, foi promovido ao posto de segundo tenente, a contar de 29 de julho, o aluno-oficial Elvídio Peters, que acaba de concluir o Curso de Formação de Oficiais da Força Pública paulista.



Concessão de medalha a oficial do Exército Gaulês

O Governo do Estado, reconhecendo os "leais e bons serviços prestados à Força Pública do Estado, por mais de vinte anos" concedeu, em caráter

excepcional, a medalha "*Lealdade e Constância*" ao cap. Frédéric Stattmuller, que para cá veio integrando a Missão Militar Francesa, como instrutor de cavalaria.

O cap. Stattmuller, que de há muito está radicado em nosso país, deu a nota interessante das festividades do dia 29 de julho, no Canindé. Trajando o tradicional uniforme azul celeste da cavalaria gaulesa, desfilou ao lado do Comando do Regimento de Cavalaria, marcialmente, com "à plomb" impecável, numa significativa homenagem à nossa Pátria, através da milícia paulista.

Estimadíssimo entre os seus camaradas brasileiros e gozando real prestígio na sociedade paulistana, foi o cap. Frédéric muito cumprimentado pelo evento em apreço, homenagens a que MILITIA se associa integralmente.



— Não faça caso, seu guarda, é uma das suas manias.

(Life, New York).

Homenageado

o cap. Alfredo Marchetti

pelo programa "Honra ao Mérito", da Rádio Tupi de São Paulo



O cap. Marchetti recebendo a medalha "Honra ao Mérito", das mãos do sr. Henrique C. Amaral, gerente regional da "Standard Oil of Brazil".

Programa criado e patrocinado pela Standard Oil Company Of Brasil, na simpática Rádio Tupi, em São Paulo, e na Rádio Nacional, no Rio, possui a virtude de, pelo alto escopo objetivo, qual seja o de homenagear pessoas vivas, cujas ações as tornaram merecedoras da gratidão pública, cumprir a missão educativa que cabe, indubitavelmente, ao Rádio.

Para concretizar essa finalidade, vão buscar, os patrocinadores do pro-

grama, em todos os setores da atividade humana, os que, através de seus atos, se tornaram autênticos valores.

E, assim, num desfile de rara beleza moral, passam, semanalmente, pela Rádio Tupi, em São Paulo, exemplos vivos de virtudes que dignificam a humanidade.

Nesta época, assinalada por marcante crise de caráter, é um bálsamo verificar que, como inexpugnáveis fortalezas, ainda permanecem no mar da corrupção, valores espirituais, sustentáculos das qualidades que extremam o homem do irracional.

Na primeira semana de julho, fiéis à orientação traçada, os promotores de tão lindo empreendimento foram buscar nas fileiras da Força Pública o cap. Alfredo Marchetti que, na noite de 23 de maio de 1948, quando tenente comandante da guarda da Casa de Detenção, não obstante já ferido, mercê da bravura e alta compreensão de seus deveres, enfrentou o motim dos presos, retardando-lhes a evasão até receber os socorros necessários.

Graças à sua hábil e corajosa atitude, a Capital de São Paulo livrou-se da sanha criminoso desses rebeldes.



Aspecto da assistência que compareceu à Rádio Tupi de São Paulo, para
vêr e ouvir o programa "Honra ao Mérito"

Em reconhecimento do heróico gesto, a Força Pública, pela Comissão de Promoções, propôs ao Governo e dele obteve a promoção do tenente Marchetti, por ato de bravura.

Recompensou-se, destarte, na corporação, o destemido oficial que, posteriormente e com surpresa, ferindo-lhe a reconhecida modéstia, viu-se consagrado publicamente, através do programa "Honra ao Mérito", recebendo, sob palmas do povo, a medalha e o diploma de justo preito.

MILITIA, registrando o fato, também ressaltar, com justiça, a ação do

tenente Camilo Cristóforo Martins que, chamado a socorrer a guarda da Casa de Detenção, penetrou, com seus subordinados, desassombadamente, no presídio, desarmando os amotinados, cuja farta provisão de munições mantinha a guarda à distância, contribuindo, valiosamente, com seu exemplo de sangue frio e coragem, para sufocar uma das mais audaciosas rebeliões registradas nos presídios de São Paulo.

A êsses bravos oficiais e à tropa que os secundou, a homenagem de MILITIA.



Para que esta marca esteja em

BOAS MÃOS

pagamos o que custa o serviço!

O serviço de nossos aviões é levado ao máximo antes de cada vôo, graças aos recursos de que dispomos e à comprovada experiência do nosso pessoal técnico. Para que a milhares e milhares de nossos passageiros seja proporcionado em tôdas as ocasiões o *Confôrto Aerovias*, mantemos uma equipe de homens e de máquinas rigorosamente selecionados.

*Para os
que voam,
a segurança
não tem preço!*

AEROVIAS BRASIL



R. Líbero Badaró, 370
Fones: 2-5133 e 4-6000

Encomendas:
Fones: 7-2960 e 6-4302

Batalhão Policial

Origem e organização atual — II Aniversário

Ao par da significativa solenidade noticiada neste número — DECLARAÇÃO de ASPIRANTES, no campo do Canindé, — o B.P. comemorou seu segundo aniversário. Não houve, pròpriamente, um programa festivo. Tudo se resumiu em magnífica parada militar e desfile das sub-unidades especializadas, ostentando seus uniformes característicos.

Em condições normais, dificilmente a unidade pode congregiar todos os seus elementos para realizar festas de aniversário, nos moldes das demais unidades. Os serviços especializados a que se dedicam seus homens são inadiáveis e o revezamento forçosamente interno. Em consequência, só pode levar a têrmo comemorações com parte de seu efetivo.

A novel unidade está ainda em sua infância, já contando, porém, largo acervo de serviços prestados e não poucos sacrifícios.

MILITIA aproveita o ensejo para apresentar a origem e principais fatos da vida dessa unidade modelo, em cujos moldes estão a dissimular-se pelo interior as Companhias Independentes, sementes benfazejas de onde surgirão outros tantos Batalhões Policiais, em defesa da ordem e como fatores de progresso para São Paulo.

O B.P. surgiu em obediência à lei biológica que transforma, aperfeiçoa ou atrofia os órgãos, para atender às necessidades impostas ao organismo pelo ambiente.

O povo paulistano, através da imprensa, solicitava, continuamente, a intervenção dos poderes públicos, no sentido do pôr têrmo à onda de crimes, assaltos e a confusão no trânsito. A Fôrça Pública, consciente de seus deveres, procurou organizar uma unidade à altura da

O PRIMEIRO COMANDANTE



Cel. Benedito de Castro Oliveira
29-VII-1948 a 29-I-1949

nossa capital, que nessa época devia contar com 2.000.000 de habitantes.

A curta história do B.P. nos revela uma doutrina calcada na experiência. Para satisfazer às exigências de uma capital moderna cuja evolução célere tem surpreendido até autoridades estrangeiras que nos tem visitado. Houve necessidade de polícia militar moderna, com armamento adequado, homens escolhidos e especializados para fiel cumprimento das mais variadas missões.

O B.P. teve origem na Companhia Independente Provisória, organizada pelo cap. Gordiano Pereira em 22-I-942, que, recebendo esta missão, procurou localizar sua sede onde mais se fazia necessário o emprego de seus elementos. No dia 3 do mês seguinte o Boletim Geral tornava público que a Com-

panhia tinha por quartel o mesmo prédio da 9.ª Delegacia de Polícia, no Bairro de Santana.

Pelo Decreto 12.564, de 23-II-42, foi fixado o efetivo da Companhia em 283 elementos. Já em 1944, em vista do ótimo resultado obtido com a novel unidade, resolveu o Comando Geral da Força organizar outras semelhantes e, dêsse modo, pelo Decreto 14.162, de 31 de agosto, a Companhia passou a denominar-se Primeira Companhia Independente.

Atendendo às necessidades crescentes, do crescimento vertiginoso da cidade, foi aumentado o efetivo da Companhia para 898 elementos e, completamente reestruturada, deu-se-lhe sede na Rua Ribeiro de Lima n.º 140.

Finalmente, a 29 de julho de 1948, em Boletim Especial n.º 1 e Boletim Geral n.º 157, de 16-VII-48 a Primeira Companhia Independente converteu-se em Batalhão Policial.

Destacamos do Boletim Especial o trecho seguinte cujo teor mostra o espírito idealista que levou a Força a criar uma nova unidade com organização à altura das exigências atuais.

Já não se pode conceber a nossa Capital com um guarda em cada esquina, de apito na boca, pronto para o PEGA LADRAO. Não haveria efetivo que bastasse para as necessidades, cada vez maiores, se continuássemos na rotina de mais de cem anos. A solução do problema não se assenta em bases de efetivo, senão secundariamente, mas principalmente em base de organização e de emprego adequado de material, visando mobilidade e distribuição de suas múltiplas missões, ligação nos diver-

O SEGUNDO COMANDANTE



Cel. Demerval Mariano
24-II a 22-VIII-1949



O ATUAL COMANDANTE

Ten. cel. Luiz Pereira Leite, em seu gabinete de trabalho.

nos escalões e preparação dos elementos empenhados no serviço.

O B.P. foi criado com a organização seguinte :

- I — Comando
- II — Pelotão Extranumerário
- III — Companhia de Policiamento de Trânsito
- IV — Companhia de Rádio Patrulha
- V — Companhia de Policiamento Urbano
- VI — Companhia de Policiamento Auxiliar

Hoje o Batalhão conta com mais uma sub-unidade — a **Companhia de Escoltas e Capturas** — além de manter cursos de aperfeiçoamento na missão policial para oficiais, sargentos, cabos e soldados.

O Batalhão foi inicialmente comandado pelo cel. Benedito de Castro Oliveira, depois pelo ten. cel. Dermeval Mariano e atualmente pelo ten. cel. Luiz Pereira Leite.

COMPANHIA DE COMANDO (*)

A esta sub-unidade estão subordinados os órgãos administrativos do Batalhão, compreendidos pela

(*) Corresponde ao P.E. da organização inicial.



Um dos pelotões de Policiamento de Trânsito, durante a clássica parada diária, — preparação para a "largada" para o serviço.

Secretaria, Sala das Ordens, Formação de Intendência e Fundos e ainda a Formação Sanitária. O Batalhão dispõe de 2 maiores: Temístocles Rodrigues, exercendo as funções de fiscal, e Zeferino Astolfo de Araujo Filho, inspetor de policiamento.

COMPANHIA DE POLICIAMENTO DE TRANSITO

Esta sub-unidade, comandada pelo cap. José Tenório Quirino dos Santos, dispõe de um efetivo de 230 homens e para efeito de fiscalização racional do serviço compreende 7 setores. Trabalha em harmonia com a Diretoria de Serviço de Trânsito da Capital, cujo Diretor é o cap. Vicente Presas Sâguas Júnior. A eficiência desta Companhia está comprovada pelo relatório do ano de 1949, que dá um total de 52.728 elementos utilizados no serviço, os quais produziram um total de 262.120

«horas-homem» de serviço, distribuídas do seguinte modo: —

- 1.º Quarto — das 7 às 13 — 109.940 hs. (máxima intensidade)
- 2.º Quarto — das 13 às 19 — 103.182 (intensidade média)
- 3.º Quarto — das 19 às 24 — 48.998 (intensidade mínima).

Foram aplicadas 32.506 multas num total de Cr \$ 1.408.680,00, além de 14.145 multas cujo valor não foi declarado por serem arbitradas pela Comissão de Julgamento de Infrações.

Foram ainda prestados serviços extraordinários num total de 6.301 horas. Estatisticamente, em cada 10 minutos um carro é multado pela C.P.T.

COMPANHIA DE POLICIAMENTO DE RADIO PATRULHA

Esta Companhia, comandada pelo cap. Francisco Ettore Giannico,



No centro da cidade o trânsito de pedestres também é controlado.



|||

Fiscalizando o estacionamento e ação preventiva contra os depenadores de automóveis.

|||

trabalha em estreita colaboração com o Departamento de Comunicações e Serviços de Rádio Patrulha - 6.ª Delegacia Auxiliar — cujo titular é o dr. Laudelino de Abreu. Os serviços administrativo e militar da Cia. são idênticos aos de uma Cia. de Fuzileiros.

O serviço policial mantém 13 viaturas nas ruas da Capital, 24 horas por dia, sem interrupção, e é orientado pelo sr. Manoel de Freitas, Diretor do Policiamento do D.C.S. R.P., através da rádio-comunicação.

Cada viatura dispõe de um motorista, um encarregado e 2 soldados auxiliares.

A Companhia atende, em média, 1.443 ocorrências mensais, isto é, uma em cada 30 minutos.

A Companhia colabora, ainda, no serviço de manutenção dos carros, tais como lavagem, lubrificação e assistência mecânica, a cargo da garage.

COMPANHIA DE POLICIAMENTO URBANO

Esta Companhia, sob o comando do cap. Cecílio do Amaral Costa, atua no Policiamento através da 9.ª Delegacia — (Santana) — e 10.ª Delegacia — (Penha). Dispõe ainda, para maior eficiência do serviço, de 3 postos-móveis rebocados por jipes. Estes postos podem ser armados onde se fizer necessário o seu emprego, especialmente nos serviços de fiscalização rodoviária. São equipados com material moderno tais como colchões pneumáticos, marmitas térmicas, instalação elétrica, mesas e cadeiras desmontáveis. Para a fiscalização dos «Divertimentos Públicos» a Companhia dispõe de um Pelotão dotado de uniforme especial.

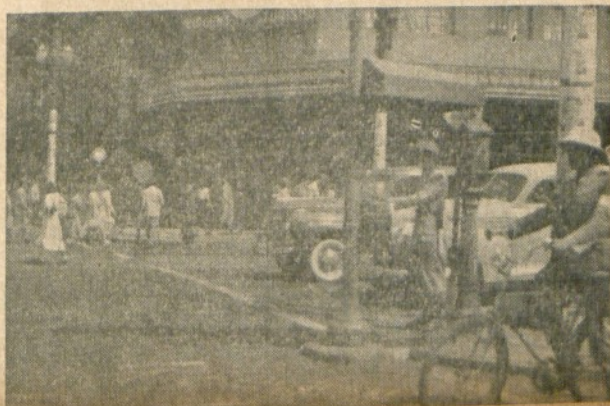
COMPANHIA DE POLICIAMENTO AUXILIAR

Esta sub-unidade, comandada pelo cap. Mário Rodrigues Pinho,

|||

Luminoso e faixa de segurança são mais eficientes quando há um policial à vista.

|||



mantém um pelotão de prontidão durante as 24 horas do dia. Este pelotão dispõe de viaturas, armamento e material especiais e eficientes para debelar tumultos ou motins. A companhia trabalha estreitamente ligada ao Departamento de Investigações e Departamento de Ordem Política e Social. Colabora, ainda, no Serviço de Repressão ao porte de armas, tendo, no ano de

deixa dúvida quanto à sua superioridade sobre a organização clássica.

COMPANHIA DE ESCOLTAS E CAPTURAS

Esta Companhia, comandada pelo cap. Nicanor Cesar Pinto, colabora com o Departamento de Investigações. Fornece os elementos para a guarda do D.I., do presídio do Hipódromo e ainda elementos para escolta no Fórum e escolta de presos na Penitenciária do Estado. Seus soldados percorrem o território brasileiro de Norte a Sul, em escolta de presos, além da tradicional caça a bandidos, no solo paulista. É elevado o número de heróis desta Companhia, tombados no cumprimento do dever, na luta insana de combate ao crime.

Só no ano de 1949 esta Companhia realizou :

— 855 diligências no Estado de São Paulo;

60 diligências em outros estados e

1589 remoções de presos.

Em tais serviços foram empregados 2.304 praças.

CURSOS DE INSTRUÇÃO POLICIAL

Notando as deficiências apresentadas inicialmente pelos elementos novos do Batalhão, pouco afeitos ao serviço policial, pensou-se na necessidade da criação de cursos que pudessem em pouco tempo preparar os nossos elementos. Em palestra mantida pelo Inspetor de Policiamento, major Zeferino Astolfo de Araujo Filho, com o Delegado Especializado dr. Moraes Novais, titular da Delegacia de Roubos, que chegara



Nem sempre os modernos automáticos prestam serviços satisfatórios. E então, o elemento insubstituível — o homem — entra em ação.

1949, apreendido um total de 5.738 armas que foram encaminhadas à Delegacia de Armas, Explosivos e Munições. Tal é o valor moral desta tropa, que até hoje, em tôdas suas ações, não foi necessário disparar um só tiro, tendo já enfrentado situações de intensa fuzilaria contra seus elementos. Esta Companhia possui uma organização «típica de polícia militar» quer em armamento, ou organização. Provavelmente, no futuro, grande parte da Fôrça será organizada nestes moldes, pois a eficiência comprovada no serviço não



Um simples chamado do Contrôre Geral e, num minuto, a viatura estará no local da ocorrência, mesmo no afastado bairro do Ipiranga...

dos U.S.A. e grande entusiasta do serviço policial prestado pelos soldados da Fôrça, prontificou-se aquele titular a colaborar com o Comando do Batalhão no melhoramento da cultura profissional dos seus subordinados.

Atualmente o B.P. colabora no aperfeiçoamento da Instrução Policial na F.P., preparando elementos não só para desempenharem a contento as missões policiais, como também formando instrutores e monitores capazes, por sua vez, de manter em boa forma as praças de suas unidades, mantendo :

— Curso de Instrução Policial, para oficiais;

— Curso de Monitores de Instrução Policial, para sargentos, e

— Curso de Instrução Policial, para cabos e soldados.

Apesar do pouco tempo que funcionam os referidos cursos, já passaram por seus bancos :

58 oficiais;

214 sargentos; e

535 cabos e soldados.

É de se salientar que entre estes elementos contam-se um oficial boliviano, quatro oficiais da P.M. goiana e um sargento catarinense.

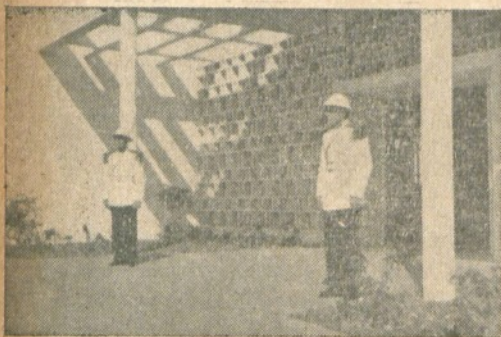
Para finalizar, citamos um trecho do cap. Rui Stockler de Sousa, da P.M. de Santa Catarina, que esteve junto à Fôrça Pública paulista, em missão oficial, estudando a organização da nossa milícia.

Diz ele, quanto ao Batalhão Policial :

Organizado dentro das exigências da vida moderna, o B.P. da Fôrça Pública de S. Paulo está pro-

... de onde aquele Contrôre é posto ao par das providências, por intermédio do transmissor da viatura.





Guardas do Pelotão de Divertimentos Públicos com seus vistosos uniformes, em cumprimento de sua missão.

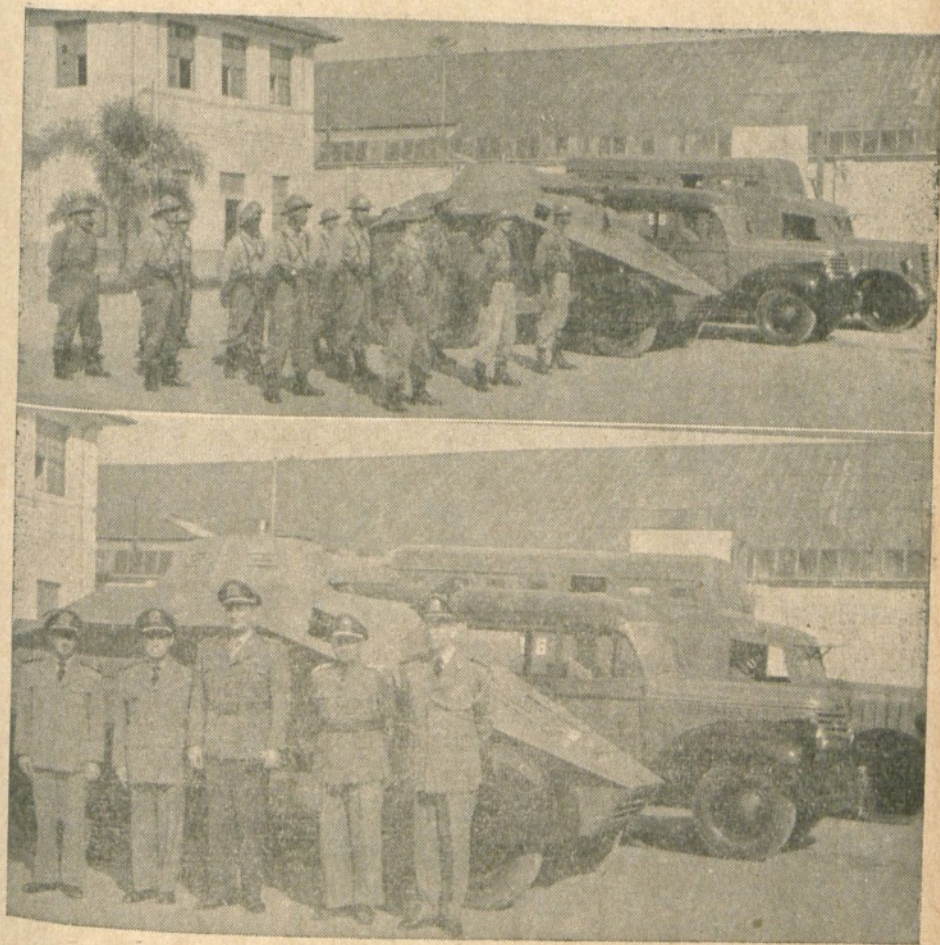
vido de uma série de recursos de efeito moral, e, pelo que deduzimos, tem colhido ótimos resultados. Sente-se, desde logo, que a simples existência de tais meios, cria reflexos sadios uma vez que sugerem e impõem normas de ação mais branda tal como a de somente, em último recurso, fazer uso dos meios extremos. De tal forma estão imbuidos os elementos do B.P. desses prin-

cípios, que apesar da complexidade que acarreta, para o policiamento, a vida agitada de uma cidade como S. Paulo, eles têm resolvido uma série de casos sem lançar mão de recursos outros, circunstância que muito os conceitua perante o público e mesmo perante as suas congêneres, que sentem a curiosidade despertada pelo fato de tais soluções terem se processado sem vítimas nem violências. Tal não aconteceria se eles não dispusessem do que chamamos os «meios morais de repressão».

As vantagens decorrentes da aquisição desses meios, compensam sobejamente as despesas da sua instalação. A benéfica transformação que traz quanto à concepção dos métodos repressivos é, indiscutivelmente, fator preponderante de evolução e reajustamento aos nossos foros de civilização. Digo reajustamento porque na realidade — com o nosso arcaico aparelhamento e conseqüentemente empírico sistema — ficamos



Pelotão de Policiamento de Divertimentos Públicos, desfilando com seu uniforme característico, por ocasião do aniversário do B.P.



Um Pel. da C.P.A., formado durante uma das frequentes inspecções realizadas pelo cel. Cmt. Geral, que se vê, entre oficiais e cmdo. do B.P.

muito à retaguarda das exigências das atuais normas de vida e de ação. O B.P. está de tal modo aparelhado e de tal forma orientada a sua ação policial, que tivemos a impressão de que o próprio «casse-tête», tão vulgarizado, já está recuado para uma

posição de recurso de reserva e não como sóe acontecer comumente, sempre o primeiro a entrar em ação, por ser dentre todos o de consequências menos trágicas.

É nosso modo de pensar que o maior serviço que a polícia presta



|||
CARACÓIS

MODERNOS

Jipe rebocador do Posto Móvel que abaixo se vê, já armado, pronto para entrar em funcionamento.

|||



|||
NO PÓRTICO

AMERICANO

Aqui, a educação física é cuidada com interesse e muita alegria.

|||





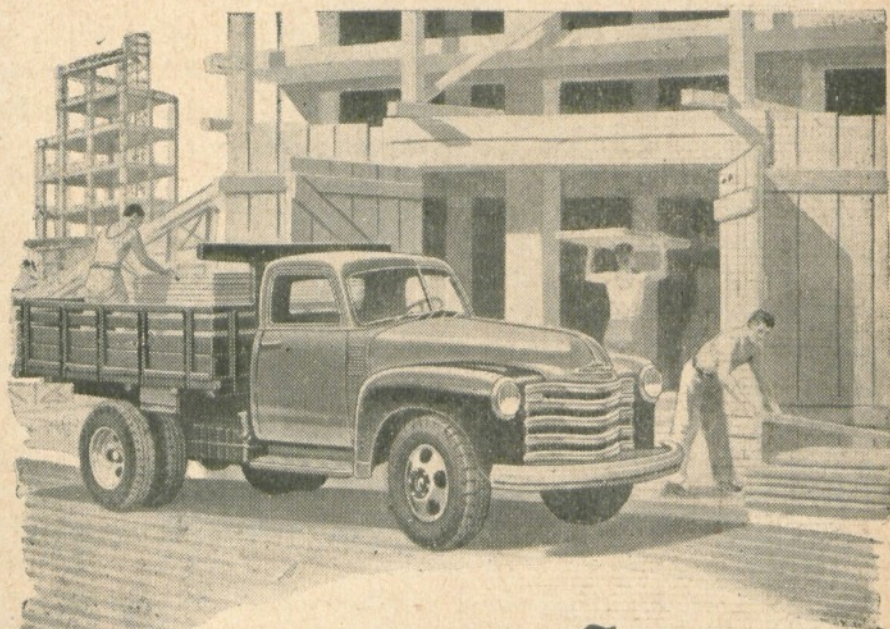
Uma das turmas de aspirantes que estagiaram no E.P., em visita de instrução ao Serviço de Identificação do Departamento de Investigações. Vêem-se, ao centro, o dr. Ricardo G. Daunt, chefe daquele Serviço, e o major Astolfo Araujo, inspetor de policiamento e diretor dos cursos de instrução policial.

não é o que mais aparece — a ação —, mas o que ninguém vê: — a desordem que aborta ante a certeza de uma polícia eficiente. Só a existência de uma polícia bem aparelhada desencoraja muitas tentativas e constitui, portanto, um grande fator de ordem preventiva. Muitos projetos ou ímpetos de desordem abortam pelo simples fato de terem os seus possíveis promotores a consciência da inutilidade de intentá-los. Suponhamos uma aglomeração tumultuosa. Desordem iminente. Como sempre, é grande o número de curiosos que se divertem com a «brincadeira» mas não estão dispostos a arcar com as conseqüências; para eles o soar das sirenes é suficiente para que se ponham prudentemente ao abrigo; depois, as advertências

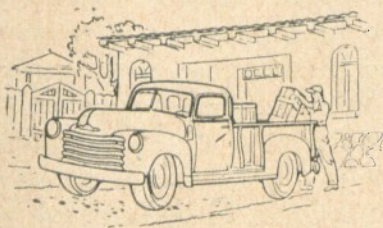
feitas através dos alto-falantes intimidada e provoca a desistência dos mais afoitos e, afinal, os jatos d'água acabarão por fazer esfriar o entusiasmo dos mais convictos. Até aqui, muita defecção sem o uso de meios de ação direta. A bomba de efeito moral pode ter a sua parte no esvaziamento do local, e só então, se recalcitrantes ainda houver, empenhar-se-á na ação o casse-tête, as granadas, a cavalaria, as pistolas automáticas ou as metralhadoras de mão, recursos extremos usados somente depois de esgotados todos os outros meios para debelar a desordem. Uma polícia que age dentro de tal linha de conduta, terá os aplausos de todo cidadão ordeiro e o conceito do público trabalhador.



Inteiramente auto-transportado, desfila o B.P. no Vale do Anhangabaú.



OS CAMINHÕES AJUDAM A CONSTRUIR O BRASIL...



**GENERAL MOTORS
DO BRASIL S. A.**

Num país imenso como o Brasil, o caminhão vem cumprindo uma das mais relevantes tarefas: a de transportar as riquezas e utilidades vitais ao engrandecimento e ao progresso da Nação. Seja transportando gado e produtos agrícolas, levando matérias primas às fábricas e aos portos, suplementando as ferrovias e os serviços aéreos ou entregando mercadorias. A General Motors do Brasil orgulha-se de estar contribuindo, com a fabricação de seus caminhões, para a mais rápida consecução desse patriótico objetivo.

Automóveis

Chevrolet, Pontiac, Oldsmobile, Buick,
Cadillac, Vauxhall



Caminhões - Chevrolet - G. M. C., Bedford, G. M. Coach
Motores Diesel - Peças e Acessórios - Frigidaire

ELEITO O

GEN. ESTILLAC LEAL

Para a Presidência da Entidade Social das Fôrças de Terra, Mar e Ar.

As últimas eleições do Clube Militar, na Capital Federal, encheram de entusiasmo os seus associados. Isto porque são de tal ordem os problemas colocados na esteira das futuras realizações, pelas chapas eleitorais em disputa, que êste entusiasmo chegou até os acampamentos remotos do solo pátrio, levado pelo ardor inflamante dos quartéis do litoral.

A história da entidade social do nosso Exército viveu momentos de intensa vibração na assembléia de 17 de maio passado. Duas chapas concorreram ao pleito, ambas encabeçadas por personalidades ilustres, empunhando bandeiras expostas ao lúcido exame dos consócios.

Dos dois programas, saiu vencedor o encabeçado pelo general Estillac Leal com expressiva maioria de votos. À cerimônia de posse da nova diretoria, o novo presidente do Clube Militar pronunciou, entre outras coisas, as seguintes palavras:

“Para mim, que sempre fui soldado, sem jamais reivindicar outro título senão o honorífico de soldado, que tudo devo ao Exército, onde formei minha personalidade; para mim, que nunca procurei fora dêle os triunfos e a glória do poder e da popularidade o fato de ter sido, como o fui, em pleito democrático, consciente e livre, ao lado de tantos e ilustres camaradas, expoentes de nossa classe, consagrado Presidente do Clube Militar, constitue demasiada recompensa à minha conduta que, estendendo-se, sem pretensões, entre o passado e o presente, guardou sempre — diz-me a consciência — e êsse é o meu maior galardão — impecável coerência e absoluta fidelidade aos ideais que a inspiraram e inspiram até hoje”.

.....

“As eleições do Clube Militar, empolgando as Fôrças Armadas, num movimento cívico sem símile em sua história, deram à Nação uma lição de democracia, que ela deve considerar e meditar, dado

que mostraram com eloqüência, subordinar-se e condicionar-se o regime democrático ao respeito mútuo, à educação cívica, à disciplina e, sobretudo, à consciência do dever, tanto dos que estão no poder como dos que estão fóra d'êle".

.....

"Compromissos, de quaisquer natureza, não os tenho senão convosco, meus camaradas, com as Fôrças Armadas, e com a Pátria, tanto maiores, graves e solenes quanto mais avanço em idade, experiência e hierarquia, e cresce o número daqueles que confiam em mim e a quem, por isso, incumbe-me, de certa forma, orientar".

.....

"Os aspectos técnicos da nossa profissão constituirão objetivo de nossas atividades culturais. Entre êles não é possível, hoje, deixar de destacar o que diz respeito à energia nuclear, que embora como corações bem formados desejemos ver proscrita quando sob a forma da terrífica bomba atômica, merece tôda nossa atenção pela indiscutível e crescente repercussão que se destina a ter o seu advento nos diversos setores das nossas atividades específicas. As reivindicações do nosso programa, o são de tôdas as Fôrças Armadas. Seria supô-las privilégio da facção vitoriosa e, na luta pela sua conquista, não prescindiremos da colaboração dos demais camaradas que, adversários ontem, serão os companheiros estrênuos de amanhã. Ser-lhe-emos reconhecidos pelo concurso de sua inteligência, de seus conselhos e de sua crítica, construtiva e honesta".

.....

São essas as palavras com que o general Estillac Leal assume a presidência do Clube Militar. Ilustre, com brilhantes páginas de serviços prestados ao Exército e à Pátria, dinâmico e tenaz, saberá corresponder à confiança nele depositada pelos seus camaradas que desejam ver realizado um programa de benefícios para a classe, e solucionados os problemas da economia nacional, desafiadores dos esforços de nossos estadistas.

"MILITIA", como órgão do Clube Militar da Fôrça Pública de São Paulo, cumprimenta o general Estillac Leal pela sua investidura à frente dos destinos do clube das fôrças de terra, mar e ar.



CEARÁ

Declaração de aspirantes

São os seguintes os novos aspirantes:

Modoaldo Bezerra de Holanda, Raimundo de Paula Pessoa, Adail de Araújo Melo, Manuel Ribeiro Soares, Francisco Euridice Martins da Costa, João Tavares Sobral, Sebastião Rodrigues de Lima, Zivaldo Rodrigues Loureiro, José Gutemberg Tavares de Araújo, Moacir Lucena de Oliveira, José Duarte Coutinho e Francisco Pedro da Cunha.

Por ter sido classificado em 1.º lugar na referida turma, foi promovido ao posto de 2.º tenente o aspirante Raimundo de Paula Pessoa.

Realizou-se no quartel do Grupoamento Escola a cerimônia de declaração de aspirantes da turma de 1949, contando com a presença das autoridades civis e militares. Foi patrono da turma o general Stênio Caió de Albuquerque, cmt. da 10a. Região Militar.

Plano de Uniformes

Pelo Comando da P.M. foi nomeada uma comissão para apresentar o plano de uniformes, destinado a estabelecer o novo fardamento para a corporação.

ESPÍRITO SANTO

Clube Militar

Registrou-se a criação do Clube Militar desta corporação, cujo início se deu a 23 de janeiro do ano em curso. Foi eleita a seguinte diretoria para o primeiro período administrativo: presidente — ten. cel. Ernesto Vieira da Silva; 1.º vice presidente — ten. cel. Pedro Maia de Carvalho; 2.º vice presidente — cap. Josias Santa Rita; 1.º secretário — ten. Alfredo Pacheco Barroca; 2.º secretário — cap. Hélio Nascimento dos Reis; 1.º tesoureiro — ten. José Macedo de Andrade; 2.º tesoureiro — asp. Alceu Junger Vieira; orador — ten. Floriano Lopes Rubim; adjunto do orador — ten. Nicanor Alves Soares; diretor de propaganda — cel Anísio Pereira de Souza; e diretor social — maj. Djalma Borges.

MINAS GERAIS

Curso de Auxiliares de Administração Social

Na elevada compreensão do valor da administração social para todos os grupos humanos, o cel. José Vargas da Silva, cmt. geral, instituiu o curso de Auxiliares de Administração Social destinado a preparar pessoal suficiente para o serviço Social da corporação.

O 2º Curso encerrou-se a 14 de junho último, em solenidade realizada no Conservatório Mineiro de Música, contando com a presença de representantes do Governo Estadual, oficiais das unidades federais e da P.M. Em nome dos diplomados falou o ten. Jofre Lélis, prestando homenagem à srta. Lucília Alvim de Meneses, professora do referido curso. Em seguida falou o ten. Geraldo Tito da Silveira, orador da turma, enaltecendo o valor dos serviços sociais para a P. M. Finalizando a solenidade, o cel. José Vargas da Silva disse dos esforços feitos por seu comando para tornar realidade tão útil obra, representada numa série de empreendimentos que vinha prestando já assinalados resultados, tais como a Associação de Assistência e Cooperação Educacional, a Granja-Escola «Caio Martins», o Serviço de Subsistência, o Gabinete de Psico-Biologia. Assinalou ainda o curso feminino em tais realizações, considerando-o indispensável, pois lembrava os esforços feitos pela srta. ten. cel. Melquíades Libano Horta, quando da instalação e funcionamento do Lactário o «Candido Saraiva» no 9º Btl.

PARANÁ

Biblioteca

Foi inaugurada, no dia 24 de maio, a Biblioteca da P.M., como parte integrante do Departamento Cultural, a qual recebeu o nome de «Comandante Moreira». Por ocasião da solenidade falou o ten. Nelson do Nascimento Ribeiro, seu organizador.

Matrículas no C.A.O.

Foram matriculados no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da P. M. do Distrito Federal, os 1.ºs. tens. Virgínio Leinig de Melo; José Pereira Durscki; Benoit Pontes Cidreira e Washington Honório de Moura Brasil.

Promoção

Foi promovido a 2.º ten. o aspirante Miguel Antunes Filho, em ato governamental de 24 de fevereiro.

RIO DE JANEIRO

Escolas Regimentais e Bibliotecas

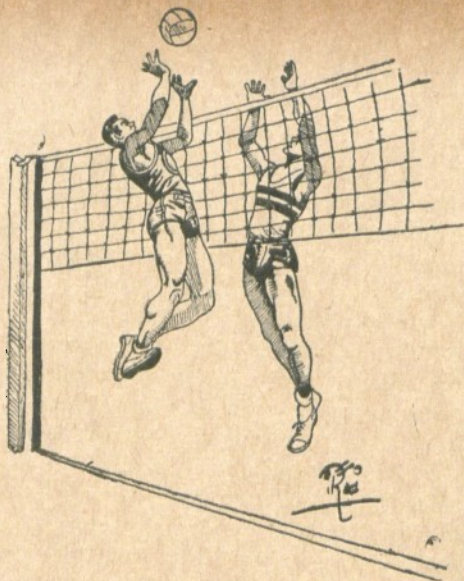
As Escolas Regimentais constituem a fonte de ensino primário e secundário junto às unidades, preparando seus elementos para os diversos postos. Acabam de receber melhoramentos tais que satisfazem plenamente às exigências pedagógicas. São cinco as E.R. atualmente: do Quartel-Séde e do Esquadrão de Cavalaria, ambos na capital; do 2.º Batalhão de Caçadores, em Campos; do 1.º Batalhão, em Barra do Pirai e da 3.ª Cia. do 2.º B.C. sediada em Friburgo.

Igualmente, funcionam nas unidades acima, e anexas às E.R. as bibliotecas, destinadas à formação cultural dos policiais-militares.

Aniversário da P.M.

A 14 de abril foi festivamente comemorado o aniversário da criação da P.M., de cujas solenidades constituiu um almoço de confraternização promovido pelo Comando, e que contou com a presença do sr. Governador do Estado, cel. Edmundo de Macedo Soares.

TORNEIO DE INVERNO



Animaçadíssima a disputa do corrente ano

Um aspecto da assistência na solenidade do encerramento do "Torneio de Inverno", vendo-se os srs. céis. Brum Ferlich, Sebastião Amaral, Odilon de Aquino, Anibal de Andrade, o sr. Otávio Gonçalves, presidente da F.P.V., outros oficiais, convidados e famílias.





Quadros do B.P. e R.C. (oficiais)

(Gentileza de "A GAZETA")

O já tradicional Torneio de Inverno da Fôrça Pública — competição de voleibol entre os oficiais e sargentos da Milícia, em círculos e chaves distintas — revestiu-se, no corrente ano, do mais completo êxito. Nada menos de duas centenas de atletas acorreram à sensacional competição, dando-lhe um colorido vibrante, rico de entusiasmo, estuante de animação.

Na manhã de 4 de julho, as equipes, tendo à frente os respectivos capitães e oficiais regimentais, enfileiraram-se no gramado da avenida Cruzeiro do Sul, perfilaram-se em continência ao cel. Eleutério Brum Ferlich, Comandante Geral da Fôrça Pública, e outras altas autoridades civis e militares. Prestaram o juramento de «defender com ardor, lealdade e cavalheirismo as côres de suas unidades, para grandeza da

educação física na Milícia e maior glória do esporte brasileiro». E a seguir, garbosos e marciais, desfilaram perante as altas autoridades presentes à abertura do certame.

Após o cerimonial, tiveram início os jogos programados por um calendário, pelo sistema de dupla eliminatória. Pugnas atraentes, embates verdadeiramente sensacionais foram presenciados. Os quadros mais categorizados, alguns considerados favoritos indiscutíveis, passaram horas difíceis, diante de outros considerados de reduzidas possibilidades. Outros baquearam, inapelavelmente, ante adversários que no torneio anterior nada poderiam almejar. E nesse crescendo de sensações, após seis dias de pugnas notáveis, chegou-se saudosamente ao final do campeonato, com as seguintes classificações: —

— CÍRCULO DE OFICIAIS —

1.º lugar	6.º B C	10 pontos
2.º lugar	Q G	9 pontos
3.º lugar	B P	8 pontos
4.º lugar	C B	7 pontos
5.º lugar	3.º B C	6 pontos
6.º lugar	C F A	5 pontos
7.º lugar	R C	4 pontos
8.º lugar	B G	3 pontos
9.º lugar	1.º B C	2 pontos

— CÍRCULO DE SARGENTOS —

1.º lugar	C B	10 pontos
2.º lugar	1.º B C	9 pontos
3.º lugar	Q G	8 pontos
4.º lugar	3.º B C	7 pontos
5.º lugar	B G	6 pontos
6.º lugar	C F A	5 pontos
7.º lugar	R C	4 pontos
8.º lugar	2.º B C	3 pontos
9.º lugar	8.º B C	2 pontos

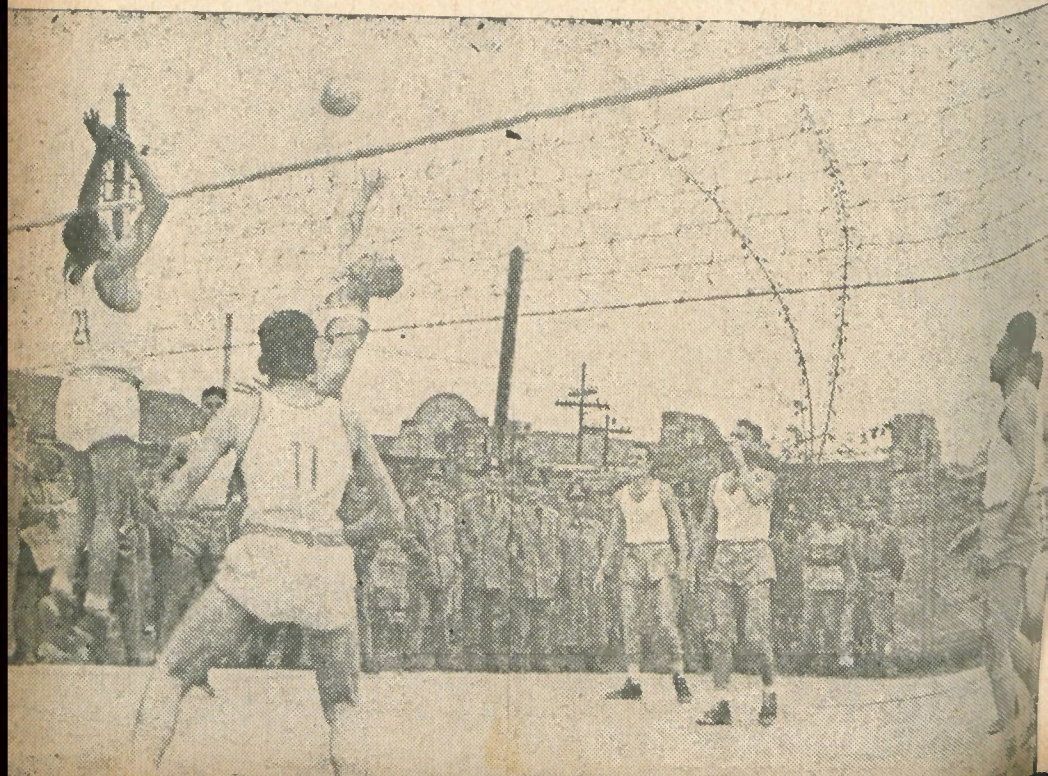
— CLASSIFICAÇÃO GERAL —

A soma das classificações em putantes os seguintes postos na tá- cada círculo confere às unidades dis- boa geral da classificação :—

1.º lugar	C B e Q G	17 pontos
2.º lugar	3.º B C	13 pontos
3.º lugar	1.º B C	11 pontos
4.º lugar	C F A e 6.º B C	10 pontos
5.º lugar	B G	9 pontos
6.º lugar	R C e B P	8 pontos
7.º lugar	2.º B C	3 pontos
8.º lugar	8.º B C	2 pontos

Um aspecto do jôgo de abertura do certame, vendo-se parte da assistência que acorreu ao estádio da avenida Cruzeiro do Sul.

(Gentileza de "A GAZETA")





CIRCULO DE SARGENTOS

Quadros do C.B. e do 1.º B.C. — Campeão e vice-campeão do certame.

(Gentileza de "A GAZETA")



CIRCULO DE OFICIAIS

(Gentileza de "A GAZETA")

Quadros do 6.º B.C. e Q.G., finalistas do certame — (campeão e vice-campeão).



O cmt. Trigueirinho, da E.E.F., recebe das mãos do presidente da F.P.V., ten. Otávio Gonçalves, o troféu que a Força Pública conquistou na última Corrida da Fogueira, realizada na Capital Federal.

O torneio teve solene encerramento na noite de 11 de julho, no Ginásio «Cap. Delphin Balancier». Presidiu a cerimônia o cel. Brum Ferlich. Estavam presentes ainda os ceis. Anibal de Andrade, João de Quadros e Luiz Gonzaga de Oliveira, respectivamente Diretor Geral de Instrução, Inspetor Administrativo e Chefe do E.M., Comandantes de Corpo, Chefes de Serviço, delegações de oficiais, famílias, esportistas e pessoas gradas. Como convidado especial, compareceu o ten. Otávio Gonçalves, Presidente da Federação Paulista de Voleibol.

Como decisão dos primeiro e segundo lugares de cada círculo mediram forças os sextetos do C.B. e 1.º B.C. (sargentos) e 6.º B.C. e Q.G. (oficiais). Este último encontro era aguardado com ansiedade. O 6.º BC contava com uma turma jovem, apoiada em grande entusiasmo e vibração; o QG possuía uma turma veterana, integrada por valores experimentados, senhores de técnica aprimorada, quase todos cam-

peões de certames anteriores. Mas a rapaziada santista, desenvolvendo notável atuação, não dando oportunidade a que os valorosos defensores do Quartel General se ajustassem. Comandou a partida do começo ao fim, vencendo em dois sets, folgadoamente. Já entre os sargentos a cousa mudou de figura. Os bombeiros, tidos como soberanos, tiveram que molhar a camisa para vencer. Perderam, sem remédio, o primeiro set e tiveram que se empregar a fundo para não deixar a quadra derrotados. Proporcionaram os dois quadros notável espetáculo à assistência, com um jôgo que nada ficava a dever às divisões melhores da Federação.

Terminados os jogos, perante as equipes enfileiradas no centro do ginásio, e perante a grande assistência que lotava aquele local histórico, o ten. cel. Hipólito Trigueirinho, Comandante da Escola, fêz o histórico do campeonato, proclamou os vencedores e agradeceu a presença das altas autoridades. Seguiu-se a entrega de medalhas e troféus. Receberam troféus o 6.º BC e Corpo de Bombeiros e medalhas os atletas dessas unidades, do 1.º BC e Quartel General.

Encerrando o Torneio de Inverno, falou o cel. Brum Ferlich, que declarou-se satisfeito com os resultados, louvou os progressos alcançados, felicitou os vencedores e reiterou os seus propósitos de prestigiar a educação física e os esportes na Força Pública, para aumentar os florões da Corporação nesse ramo de suas atividades, na sua grande obra que cada dia se torna mais pujante e mais vigorosa.

HIPISMO

Continua a cerscer o interesse pelo hipismo em São Paulo. No mês de junho p.p., realizou-se em São Vicente a segunda temporada hípica de 1950, constituída de seis provas, tôdas elas interessantes, principalmente as clássicas, que puseram à prova a técnica e o arrôjo dos concorrentes. Realizaram-se provas das classes A, B e C, além das clássicas seis barras, com aumento progressivo na altura, prova tipo «Puro Sangue», isto é, três obstáculos aumentados, progressivamente, em altura e largura e uma prova com as características da «Prova das Nações» disputadas nas Olimpíadas.

O tempo instável empanou um pouco o brilho da temporada, mas pouco alterou o resultado técnico, pois a pista do C.H.S., de areia, fica até menos «pesada» quando molhada, exigindo menos esforço dos cavalos.

A Fôrça fêz-se representar por uma equipe constituída dos cavaleiros cap. Fernando Henrique da Silva, cap. Hugo de Almeida Portela, ten. Félix Morgado, ten. Waldir Alves Siqueira e ten. Augusto Cordeiro, que tiveram bom desempenho no transcorrer da temporada, classificando-se todos nas diferentes provas que disputaram. Montaram cavalos de remonta recente, a maioria pertencente ainda à classe A. Os cavalos acusaram sensível progresso, passando todos para a classe B. Constitue cada um dêles uma grande esperança para as provas vindouras. A despeito de não entrar em tôdas as provas da



temporada, dada a classe dos seus cavalos, a equipe da Fôrça classificou-se em 2.º lugar. Tomaram parte nessas competições todos os clubes hípicos de São Paulo e de São Vicente.

Teve início, dia 23 do corrente mês, a série de provas preparatórias para a Temporada Internacional a realizar-se no Rio de Janeiro, em setembro dêste ano. No Clube Hípico de Santo Amaro disputaram-se duas provas «tests», com a participação de todos os clubes hípicos de São Paulo e promovidas pela F.P.H. A equipe da Fôrça foi constituída pelo cap. João de Aquino e tenentes Félix de Barros Morgado, Waldir Alves Siqueira, Anselmo Peres, Raul Vila-Nova Humaitá e Augusto dos Santos Cordeiro.

A primeira prova, denominada «Leopoldo Pio Bastos», da classe B, em percurso normal sôbre nove obstáculos, com dezesseis saltos, apresentava um «duplo», a 7,50 ms. e três «triplos», a 7,50 ms., sendo um dêles de muros. Percurso difícil, sem dúvida.

E' interessante frizar-se que, nesta prova, até a realização do percurso do último cavaleiro, Pedro Lo-

pes Corvelo, a Fôrça mantinha as quatro primeiras classificações. O defensor das côres de Santo Amaro,

porém, melhorou o tempo do ten. Félix e, ao final da prova, a classificação era a seguinte:

- | | |
|--------------------------------------|------------------------|
| 1.º lugar — ten. Pedro Lopes Corvelo | — C.H.S.A. — Halcon |
| 2.º lugar — ten. Félix Morgado | — F.P.S.P. — Marambala |
| 3.º lugar — ten. Anselmo Peres | — F.P.S.P. — Galan |
| 4.º lugar — ten. Waldir Siqueira | — F.P.S.P. — Kid |

A segunda prova «Confederação Americana de Desportos Equestres», era constituída de dois «triplos» a 7,50 ms., com estacionata, paralela e tríplice, o primeiro; e tríplice, paralela e estacionata, o segundo. Os obstáculos seriam aumentados progressivamente em altura, a primeira passagem com dimensões de 1,10 — 1,20

— 1,30, respectivamente. Prova bastante forte, pois exigia o máximo emprêgo dos cavalos e muita pericia dos cavaleiros. Ficaram apenas dois cavaleiros para a terceira passagem: Darcy Stockler, do C. H. S., com Inhanduí e ten. Félix de Barros Morgado, com Farrapo. Ao final da prova a classificação era a seguinte:

- | | |
|--------------------------------|------------------------|
| 1.º lugar — Darcy Stockler | — C.H.S. — Inhanduí |
| 2.º lugar — ten. Félix Morgado | — F.P.S.P. — Farrapo |
| 3.º lugar — Tomaz Barth | — C.H.S.A. — Lunar |
| 4.º lugar — Empatados: | |
| — Waldir Siqueira | — F.P.S.P. — Kid |
| — ten. Félix Morgado | — F.P.S.P. — Marambala |
| — Glanni Samaja | — S.H.P. — Guariba |
| — ten. Waldir Siqueira | — F.P.S.P. — Xangai |

E' desnecessário dizer-se que a equipe da Fôrça conduziu-se brilhantemente no transcorrer dessas duas provas preparatórias, obtendo honrosas classificações.

CLUBE MILITAR

Calendário para os saraus e vesperais dansantes, para o 2.º semestre

S E T E M B R O

9 — Sábado — Soirée, das 22 às 2 horas;
24 — Domingo — Vespéral, das 16 às 20 horas.

O U T U B R O

7 — Sábado — Soirée, das 22 às 2 horas;
22 — Domingo — Vespéral, das 16 às 20 horas.

N O V E M B R O

4 — Sábado — Soirée, das 22 às 2 horas;

19 — Domingo — Vespéral, das 16 às 20 horas.

D E Z E M B R O

2 — Sábado — Soirée, das 22 às 2 horas;
16 — Sábado — Soirée, das 22 às 4 horas.

Reitera-se a necessidade dos srs. Consócios providenciarem os cartões-identidade das pessoas de suas Ex-mas Famílias.

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Victoria Subercaseaux, 173 2.º piso (Santiago) — teniente Efraín de la Fuente Gonzáles.

— Prefectura General (Valparaíso) — capitán Franklin Troncoso Bachler.

— IV Zona de Carabineros (Concepción) — capitán Edmundo Perotti Quaglia.

ACRE (Guarda Territorial)

Q.G. (Rio Branco) — 1.º ten. Milton Braga Rola.

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. José Cavalcante.

AMAPA (Divisão de Segurança e Guarda)

— Séde (Macapá) — dr. Flávio de Carvalho Maroja.

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Q.G. da P.M. (Manaus) — cap. Luiz Pinheiro de Araujo.

— Cia. Bombeiros Municipais (Manaus) — 1.º ten. Joaquim José de Carvalho e Cascais.

BAHIA (Policia Militar)

— Q.G. (Salvador) — cap. Gestsemani G. da Silva.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Gerardo Fragoso de Vasconcelos.

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Darcy Fontenele Castro.

— 6.º B.I. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Hélio Miranda Quaresma.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.

GOIÁS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiania) — major Cláudio das Neves.

MARANHÃO (Força Policial)

— Q.G. (São Luiz) — major Arlindo Faray.

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Q.G. (Cuiabá) — major Gonçalo Romão de Figueiredo.

— 1.ª Cia. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Evaristo da Costa e Silva.

— 2.ª Cia. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Gonçalo Ribeiro da Silva.

— C.C.S. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Eurides Celestino Malhado.

— 2.º B.C. (Campo Grande) — major Hermenegildo Teodoro do Nascimento.

PARÁ (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) — cap. Mário Barriga Guimarães.

PARAÍBA (Policia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — 2.º ten. Francisco de Assis Veloso.

PARANA (Policia Militar)

— Q.G. (Curitiba) — Ten. Hamilton de Oliveira Castro.

— Guarda Noturna (Curitiba) — sr. Floriano José da Costa.

PERNAMBUCO (Policia Militar)

— Q.G. (Recife) — cap. João Rodrigues Pereira.

PIAUI (Polícia Militar)

— Q.G. (Teresina) — cap. Santiago Vasques Filho.

RIO DE JANEIRO, ESTADO DO (Polícia Militar)

— Q.G. (Niterói) — 2.º ten. Luiz Gonzaga Guerra.

RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)

— Q.G. (Natal) — 1.º ten. Antônio de Moraes Neto.

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

— Q.G. (Porto Alegre) — 1.º ten. Renato Moro Ramos.

— 4.º B.C. (Pelotas) — 2.º ten. Militão da Silva Neto.

— 1.º R.C. (Santa Maria) — ten. Pedro Celeny S. Pires Garcia.

— 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.

— B.G. (Rio Grande) — 2.º ten. João Matos de Araujo.

— 3.º R.C. (Passo Fundo) — Asp. Armando Chaves Credideu.

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) — 1.º ten. Teseu Domingos Muniz.

SAO PAULO (Fôrça Pública)

— Q.G. (Capital) — 1.º ten. Sebastião Rufino Freire.

— C.I.M. (Capital) — 1.º ten. Osvaldo Hildebrand.

— R.C. (Capital) — 1.º ten. Felix de Barros Morgado.

— B.G. (Capital) — 2.º ten. Paulo Ribeiro.

— C.B. (Capital) — 1.º ten. Nelson Soares.

— B.P. (capital) — 1.º ten. Antonio Silva.

— 1.º B.C. (Capital) — cap. Calio Campos Montes.

— 2.º B.C. (Capital) — 1.º ten. Ricardo Gonçalves Garcia.

— 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — cap. Osvaldo Lopes de Brito.

— 4.º B.C. (Bauru) — 1.º ten. Odilon Spinola Neto.

— 5.º B.C. (Taubaté) — 1.º ten. Hugo Castro Viana.

— 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Aldo Campanhã.

— 7.º B.C. (Sorocaba) — 1.º ten. Domingos de Melo.

— 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto.

— S.M.B. (Capital) — cap. Olívio Franco Marcondes.

— S.E. (Capital) — cap. Augusto de Abreu.

— S.F. (Capital) — cap. Germano Ribeiro Scartezini.

— S.I. (Capital) — cap. Benedito da Silva Matos.

— S. Subs. (Capital) — cap. Francisco Furquim de Campos.

— E.E.F. (Capital) — cap. Adauto Fernandes de Andrade.

— S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Aurélio Pedrazoli.

— S.S. - H.M. (Capital) — cap. Salvador Nicolacci.

— 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — cap. Fernão Guedes de Sousa.

— 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 2.º ten. José de Oliveira Godói

— 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti.

— 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — cap. Antônio Augusto de Sousa Filho.

— 1.ª C I B (Santos) — cap. José Limongi França.

— Guarda Civil (Capital) — insp. Antônio Vieira.

— Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — 1.º ten. Osvaldo de Albuquerque.

Além dos supra mencionados, mantemos representantes em todas as Unidades e Serviços da Fôrça Pública, bem como agentes em todas as cidades do interior do Estado de São Paulo.

Festa Joanina do Clube Militar

Recebemos, do nosso prezado confrade, cap. Germano Ribeiro Scartezini, a seguinte carta :

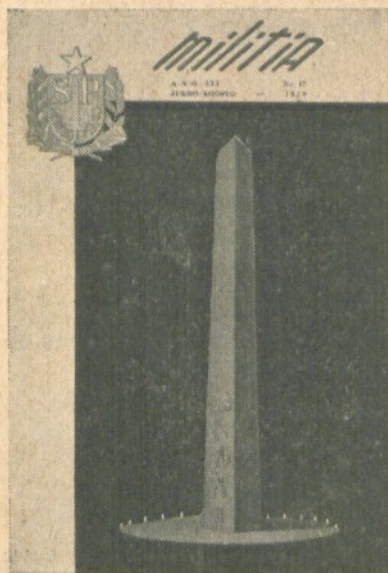
"MILITIA" publicou, em seu número maio/junho deste ano, uma notícia da Festa Joanina realizada pelo Clube Militar, no Clube Hípico de Santo Amaro, a 24 de junho p. passado. Fê-lo de forma elogiosa aos organizadores daquelas festividades e em termos pelos quais o sucesso obtido pode ser levado exclusivamente à conta do cap. Feliciano e do signatário desta, o que não corresponde à verdade; o artífice principal daquilo tudo foi o cap. Aldo Ribeiro da Luz, a alma da Comissão de Festas do nosso Clube; por uma semana ou mais, a fio, êle desdobrou-se na efetivação de mil e uma providências que se fizeram necessárias para que pudéssemos viver tão agradável Noite de São João.

Seria, pois, de justiça, fazer-se um adendo àquela notícia para que os nossos consócios fiquem sabendo qual o dono legítimo dos louros do êxito alcançado.

Grato pelo acolhimento da presente, aproveito o ensejo para enviar ao prezado camarada os meus

Cordiais cumprimentos

Ao colocarmos os pingos nos ii, estendemos aos demais membros da Comissão de Festas do Clube Militar — e particularmente ao cap. Aldo Ribeiro da Luz — as palavras de encômio que todos mereceram, pela sua ação nos festejos em foco, e agradecemos ao cap. Scartezini a gentileza do esclarecimento.



Nossa capa

Ergamos o monumento de 32 !

«Maquette» do importante obelisco de 72 metros de altura, que será erigido em São Paulo, em memória dos Mortos da Revolução de 1932, de autoria do notável escultor Galileu Emendabile.

militia

Revista de assuntos técnicos policiais,
militares e culturais em geral.

PUBLICADA NA FÔRÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO

Consoante os estatutos do C.M.F.P.S.P.

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones { externo 4-6488
 { interno 298

SÃO PAULO, S. P. ————— Brasil

ANO III

— JULHO/AGOSTO DE 1950 —

N.º 17

DIRETOR : — cel. Coriolano de Almeida Júnior
REDATOR-CHEFE : — ten. cel. adm. Aparício de Barros Messias
SECRETARIO : — cap. Milton Marques de Oliveira
GERENTE : — cap. Francisco Vieira Fonseca
TESOUREIRO : — maj. adm. Nelson de Carvalho Rosa

REDADORES :

— maj. Arrisson de Souza Ferraz
— cap. Efraim Bratfisch Lastebasse
— cap. Osvaldo Feliciano dos Santos
— 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho
— 1.º ten. Miguel M. Sendin

ILUSTRAÇÃO E FOTOGRAFIA :

— 1.º ten. Felix Barros Morgado
— al. of. Iraí Vieira Catalano
— José de Campos Montes
— Sgt. João Tancier

ASSINATURAS :

Por 6 números Cr\$ 25,00
Por 3 números Cr\$ 15,00
Número avulso Cr\$ 5,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

- * A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- * Toda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar doze páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.
- * Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.
- * A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

* Desejamos estabelecer permuta

* Deseamos establecer el cambio

* Desideriamo stabilire cambio

* On désire établir échange

* We wish to establish exchange

* Austausch erwünscht

